



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
CAMPUS DE UBERABA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

Maxwell Gregory de Faria

**O LIVRO, O FILME E A LEI: AS ADAPTAÇÕES CINEMATOGRAFICAS
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**



PROFLETRAS

**Uberaba
2020**

MAXWELL GREGORY DE FARIA

**O LIVRO, O FILME E A LEI: AS ADAPTAÇÕES CINEMATOGRAFICAS
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras do Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS), Campus de Uberaba, UFTM como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UFTM-Uberaba.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Estudos Literários

Orientadora: Profa. Dra. Deolinda de Jesus Freire

Uberaba
2020

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

F2351 Faria, Maxwell Gregory de
O livro, o filme e a lei: as adaptações cinematográficas nas aulas de
língua portuguesa / Maxwell Gregory de Faria. -- 2020.
122 f. : il., fig., graf., tab.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional) --
Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2020
Orientadora: Profa. Dra. Deolinda de Jesus Freire

1. Leitura - Estudo e ensino. 2. Gêneros literários. 3. Literatura.
4. Adaptações para o cinema. 5. Incentivo à leitura. I. Freire, Deolinda
de Jesus. II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 028(07)

MAXWELL GREGORY DE FARIA

**O LIVRO, O FILME E A LEI: AS ADAPTAÇÕES CINEMATOGRAFICAS
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras do Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS), Campus de Uberaba, UFTM como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UFTM-Uberaba.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos
Linha de Pesquisa: Estudos Literários
Orientadora: Profa. Dra. Deolinda de Jesus Freire

Data de aprovação: 23/04/2020

Banca Examinadora:

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Deolinda de Jesus Freire
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM – Uberaba

Membro Titular: Dra. Eliana Nagamini
Faculdade de Tecnologia de São Paulo – São Paulo

Membro Titular: Prof. Dr. Acir Mário Karwoski
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM – Uberaba

Local: Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) - Campus de Uberaba
Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais, que mesmo enfrentando tantas dificuldades financeiras sempre me incentivaram a estudar, pois sabiam que esta era a única possibilidade que eu teria para mudar minha realidade. Espero que estejam orgulhosos de mim.

Agradeço aos meus amigos que compreenderam a minha ausência durante o processo de pesquisa, principalmente às melhores amigas que alguém pode ter, Mirelly e Fernanda. Vocês são meu porto seguro, sempre nos juntaremos para falar besteira, para fazer revolução.

Em especial, agradeço aos meus amigos do Profletras, vocês foram fonte de inspiração para este trabalho: obrigado pela união e incentivo para continuar diante as dificuldades.

À equipe diretiva e aos professores da Escola Municipal Frederico Peiró, por acolherem tão bem nosso projeto e embarcarem conosco nesta aventura.

Aos professores do ProfLetras, por compartilhar sabedoria e inspirar transformação na minha prática docente.

Além da gratidão, expresso minha admiração pela minha professora e orientadora Deolinda de Jesus Freire. Obrigado pela paciência e generosidade. Suas contribuições enriqueceram este trabalho e, também, minha vida.

“A vida sem ternura não é lá grande coisa.”

José Mauro de Vasconcelos, **O meu pé de laranja lima**

RESUMO

Promover atividades que visem a formação de leitores, a cada etapa do ensino fundamental, oferecendo uma diversidade de textos e gêneros textuais, além de valorizar os aspectos cognitivos e sociais do aluno, é um dos papéis e, também, desafio da escola. Dentre as possibilidades de leitura, frente aos variados tipos textuais, a leitura literária permite que o aluno conheça o outro, mesmo que imaginário, e aumente a percepção de si mesmo através da ampliação da maneira de ver a realidade. Tal amplitude oferecida pela leitura possibilita que a criança, ou o jovem, adentre ao campo da estética, expanda a fronteira do conhecido e exceda os limites do seu entorno, indo e voltando de diversos mundos, sem sair do lugar. Esta concepção de leitura nos remete à fruição da obra de arte, na qual o sujeito ao se deparar com ela tem a possibilidade de encontrar prazer através do deslocamento do *eu* para a *obra*, e vice-versa. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), além de possibilitar ao aluno que ele se relacione de maneira ativa com outros conhecimentos curriculares, a educação pela arte permite que ele desenvolva sua imaginação, percepção e sensibilidade (BRASIL, 2001). Porém, a leitura literária e as artes têm sido deixadas em segundo plano em uma escola cada vez mais voltada para o mercado de trabalho e em uma sociedade em que imperam os meios de comunicação de massa. Para Zilberman (1991), os meios de comunicação de massa audiovisuais competem diretamente com o consumo dos livros. Segundo a autora, passou-se da predominância da cultura oral para a predominância do audiovisual, este mais instrumentalizado e popularizado rapidamente. Sancionada em 2014, a lei 13.006 estabelece a exibição de filmes nacionais, aliados ao projeto pedagógico, por duas horas nas escolas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o 6º ano do Ensino Fundamental sugere ainda o estudo das obras literárias comparadas a outras formas e expressões artísticas para que os alunos possam estabelecer relações entre os produtos culturais contribuindo para a ampliação do sentido do que leram. Para além do rádio e da TV, compreendemos que o audiovisual, em especial o filme, constitui-se em uma fonte capaz de alcançar, devido a sua natureza, um maior número de pessoas. Assim, em vez de pensar o produto audiovisual como um inimigo da leitura, por que não aproveitar desta natureza para aproximar futuros leitores da obra literária? Através do plano de intervenção, nosso objetivo é desenvolver estratégias didáticas que valorizem o uso das adaptações cinematográficas de obras literárias nas aulas de Língua Portuguesa, aproximar e compreender as especificidades da linguagem literária e cinematográfica, e contribuir para a formação de novos leitores. A partir de pesquisa ação-colaborativa, aplicaremos nosso plano de intervenção em uma turma de 6º ano de uma escola municipal da zona rural de Uberaba – MG. Para compor nosso corpus escolhemos o livro **O meu pé de laranja lima**, de José Mauro de Vasconcelos, e duas adaptações cinematográficas da obra.

PALAVRAS-CHAVES: Estudos Literários; Leitura Literária; Adaptação Cinematográfica; Formação de Leitores.

ABSTRACT

Promoting activities aimed at training readers, at each stage of elementary education, providing a diversity of texts and textual genres, in addition to valuing the cognitive and social aspects of the student, is one of the roles and, also, a challenge of the school. Among the possibilities of reading, in face of the different textual types, literary reading allows the student to get to know the other, even if imaginary, and to increase the perception of himself/herself through expanding the way reality is seen. Such amplitude offered by reading allows the child, or the young person, to enter the field of aesthetics, expanding the mark of what is known and exceeding the limits of their surroundings, coming and going from different worlds, without leaving the place. This conception of reading leads us to the enjoyment of the work of art, in which the subject, when faced with it, has the possibility of finding pleasure through the displacement of the *I* to the *work*, and vice-versa. According to the National Curriculum Parameters (PCN), in addition to enabling students to actively relate to other curricular knowledge, education through art allows them to develop their imagination, perception and sensitivity (BRASIL, 2001). Literary reading and arts, however, have been left in the background in a school increasingly focused on the labor market and in a society in which the mass media prevail. According to Zilberman (1991), audiovisual mass media compete directly with the consumption of books. According to the author, there was a shift from the predominance of oral culture to the predominance of audiovisual, which was more instrumentalized and popularized quickly. Sanctioned in 2014, Law No. 13.006 establishes the exhibition of national films, together with the pedagogical project, for two hours in schools. The National Common Core (BNCC) for the 6th year of Elementary Education also suggests the study of literary works compared to other forms and artistic expressions, so that students can establish relationships between cultural products, contributing to the expansion of the meaning of what they read. In addition to radio and TV, we understand that audiovisual, especially film, is a source capable of reaching, due to its nature, a greater number of people. So, instead of thinking of the audiovisual product as an enemy of reading, why not to take advantage of this nature aiming to bring future readers closer to the literary work? Through the intervention plan, our goal is to develop didactic strategies valuing the use of cinematographic adaptations of literary works in Portuguese Language classes, approach and understand the specificities of literary and cinematographic language, and contributing to the training of new readers. Based on action-collaborative research, we will apply our intervention plan to a 6th grade class at a municipal school in the rural area of Uberaba - MG. To compose our corpus, we chose the book *My Sweet Orange Tree*, by José Mauro de Vasconcelos, and two cinematographic adaptations of the work.

KEYWORDS: Literary Studies; Literary Reading; Cinematographic Adaptation; Training of Readers.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	– Esquema do plano de intervenção	54
Imagem 2	– Fragmento de uma redação dos alunos	56
Imagem 3	– Fragmento de uma redação dos alunos	56
Imagem 4	– Registro de atividade realizada pelos alunos	58
Imagem 5	– Modelo de atividade proposta aos alunos	60
Imagem 6	– Cena analisada nas questões 4 e 5	62
Imagem 7	– Registro da resposta dos alunos	62
Imagem 8	– Registro da resposta dos alunos	63
Imagem 9	– Piquenique para entrega dos livros	64
Imagem 10	– Exemplos de perguntas que utilizamos na gincana	65
Imagem 11a	– Leitura do livro realizada no espaço externo do museu	65
Imagem 11b	– Leitura do livro realizada no espaço externo do museu	65
Imagem 12a	– Customização dos cadernos para o diário de leitura	68
Imagem 12b	– Customização dos cadernos para o diário de leitura	68
Imagem 13a	– Customização dos vasos	69
Imagem 13b	– Customização dos vasos	69
Imagem 14	– Plantio das mudas	70
Imagem 15a	– Árvore dos significados	71
Imagem 15b	– Árvore dos significados	71
Imagem 16	– Página de um dos diários de leitura	72
Imagem 17	– Página de um dos diários de leitura	72
Imagem 18	– Registro de subjetividade nos diários de leitura	73
Imagem 19	– Registro de subjetividade nos diários de leitura	74
Imagem 20	– Registro de subjetividade nos diários de leitura	74
Imagem 21a	– Guia para conhecer o livro	75
Imagem 21b	– Guia para conhecer o livro	75
Imagem 22	– Trecho extraído do e-book	77
Imagem 23	– Cena do filme Meu pé de laranja lima (2013)	78
Imagem 24	– Registro da opinião de um aluno em relação ao filme	79
Imagem 25	– Registro da atividade referente à comparação do filme com o livro	80
Imagem 26	– Conceito de atuação	81

Imagem 27 – Trecho extraído do e-book.....	81
Imagem 28 – Atividade para classificação do filme	82
Imagem 29 – Atividade a ser realizada pelos alunos	83
Imagem 30 – Atividade realizada pelos alunos	84
Imagem 31 – Modelo de atividade	85
Imagem 32 – Registro da atividade realizada pelos alunos	86
Imagem 33 – Registro da atividade realizada pelos alunos	86
Imagem 34 – Registro da atividade realizada pelos alunos	87
Imagem 35a – Atividades com biscuit	88
Imagem 35b – Atividades com biscuit	88
Imagem 36a – Árvore montada na sala com desenhos dos alunos	89
Imagem 36b – Árvore montada na sala com desenhos dos alunos	89
Imagem 37a – Alunos durante o café literário	90
Imagem 37b – Alunos durante o café literário	90
Imagem 38 – Diários de leitura expostos no café literário	90

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	–	Nível de escolaridade das mães dos alunos	33
Gráfico 2	–	Nível de escolaridade dos pais dos alunos	34
Gráfico 3	–	O gosto pela leitura	35
Gráfico 4	–	Frequência de leitura dos alunos	35
Gráfico 5	–	Quantidade de livros lidos durante o ano.....	36
Gráfico 6	–	Hábitos de leitura dos pais	37
Gráfico 7	–	Plataformas mais utilizadas pelos alunos para assistir filmes.....	38
Gráfico 8	–	Resposta dos alunos sobre a finalidade dos filmes exibidos de aula.....	40
Gráfico 9	–	Resposta dos alunos sobre o tratamento dos filmes em sala de aula	41
Gráfico 10	–	Escolaridade dos professores da escola	42
Gráfico 11	–	Plataformas mais utilizadas pelos professores para assistir filmes	43
Gráfico 12	–	Finalidade dos filmes utilizados pelos professores	45
Gráfico 13	–	Métodos utilizados pelos professores após a exibição dos filmes	46
Gráfico 14	–	Recursos mais utilizados pelos professores	47
Gráfico 15	–	Problemas enfrentados pelos professores me sua prática diária	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 LITERATURA, ARTE E LEITOR NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	15
2.1 LEITURA LITERÁRIA	21
2.2 CINEMA	25
2.3 ADAPTAÇÃO	27
2.4 O MEU PÉ DE LARANJA LIMA	30
3 ANÁLISE E PLANEJAMENTO	33
3.1 PLANO DE INTERVENÇÃO	49
4 ATIVIDADES DE INTERVENÇÃO	54
4.1 MOTIVAÇÃO PARA LEITURA DA OBRA	55
4.2 PRIMEIRA ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA DO LIVRO	59
4.3 INÍCIO DA LEITURA	64
4.4 HÁBITOS DE LEITURA E A ÁRVORE DOS SIGNIFICADOS	68
4.5 DIÁRIO DE LEITURA DOS ALUNOS	71
4.6 SEGUNDA ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA DO LIVRO	76
4.7 FINALIZAÇÃO COM O CAFÉ LITERÁRIO	88
5 REFLEXÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP	100
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	101
ANEXO C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)	102
APÊNDICE A – Questionário para alunos	103
APÊNDICE B – Questionário para professores	106
APÊNDICE C – Atividade de pesquisa: Biografia do autor	109
APÊNDICE D – Atividade Filme 1970	110
APÊNDICE E – Atividade Linguagem Cinematográfica	113

1 INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa surgiu da necessidade de incorporar de forma eficaz o uso das adaptações cinematográficas de obras literárias ao plano de ensino de Língua Portuguesa e, também, pelo apreço que sentimos pela arte do cinema. Em 2015, recebemos na escola um guia oferecido pelo Ministério da Educação (MEC) com uma lista de filmes nacionais que poderiam ser incorporados ao plano de ensino das disciplinas do Ensino Fundamental. Essas sugestões de filmes vieram como incentivo à efetivação da Lei 13.006/2014, que tornou obrigatória a exibição de filmes nacionais nas escolas.

Porém, o guia trazia apenas sugestões de filmes a serem exibidos e suas temáticas, não oferecendo aos professores metodologias ou estratégias de exibição para que as obras fossem incorporadas satisfatoriamente ao currículo escolar. Pensamos, então, em uma maneira de utilizar o cinema, especialmente as adaptações cinematográficas de obras literárias, de forma a estimular a leitura integral da obra original, o que possibilitou o surgimento desta pesquisa no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Letras.

Desta forma, a pesquisa **O Livro, o Filme e a Lei: as Adaptações Cinematográficas nas Aulas de Língua Portuguesa** tem como objetivo oferecer aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II atividades que possibilitem uma experiência integrada entre as artes literária e cinematográfica, utilizando a adaptação como forma de incentivar a leitura da obra literária integralmente. Em nossas atividades diárias, é comum percebemos o desinteresse dos alunos pelos livros, bem como a utilização de filmes apenas como um recurso para tornar as aulas mais atrativas, sem valorizar suas qualidades estéticas ou aprofundar no estudo de sua linguagem.

Nosso objetivo principal é desenvolver estratégias didáticas que valorizem o uso das adaptações cinematográficas de obras literárias nas aulas de Língua Portuguesa e contribuam para a formação de novos leitores. Para alcançar nossos objetivos, realizamos nosso plano de intervenção, que é composto por atividades escritas sobre a obra lida e os filmes assistidos, bem como atividades de produção oral e artísticas. As discussões sobre as obras tiveram como eixo norteador as especificidades de cada linguagem, literária e cinematográfica, e o processo de adaptação da linguagem verbal para a audiovisual.

Nosso projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e registrado na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep). Após análise dos documentos exigidos – dentre eles o projeto detalhado, conforme protocolo do CEP/UFTM; a autorização do local de coleta de dados; o Termo de Consentimento

Livre e Esclarecido (TCLE); e o Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) –, nosso projeto foi aprovado e recebeu parecer favorável (nº 3.049.860) para o início da pesquisa (anexos A, B e C).

Antes do início das atividades em sala de aula, buscamos identificar como os filmes são utilizados nas aulas e traçamos um perfil de leitura dos alunos e dos professores da escola em que atuamos. Para essa aferição, foi aplicado um questionário abordando critérios como: a frequência de leitura dos alunos e professores; o motivo da utilização dos filmes nas aulas; conhecimentos acerca das adaptações cinematográficas; entre outros.

Na sequência, após a aplicação do questionário, construímos nossa proposta de intervenção a partir da abordagem da adaptação cinematográfica para estimular a leitura integral da obra literária original. A coleta de dados foi realizada pelo professor pesquisador na escola onde atua com a devida anuência dos professores e responsáveis pelos alunos. De posse desse material, identificamos as principais dificuldades dos estudantes no que diz respeito às habilidades de escrita e de leitura.

Os dados da pesquisa provêm de fontes distintas: de um lado, livros de Literatura e recursos tecnológicos disponíveis no espaço da escola; de outro, materiais recolhidos na escola (questionários, textos produzidos por alunos). Com relação a esse material, a pesquisa assume o caráter de pesquisa de campo (cunho colaborativo-intervencionista), uma vez que o pesquisador (professor da escola) tem papel ativo no desenvolvimento da investigação, o que inclui planejamento de intervenção, coleta sistemática de dados, análise fundamentada na literatura pertinente e relato de resultados.

Para a seleção da obra literária, consideramos o contexto social dos alunos e escolhemos um livro que foi adaptado para o cinema em diferentes épocas e contextos. A partir da leitura e análise do filme, propusemos a leitura da obra original, além de atividades de interpretação e escrita.

Selecionamos como objeto de estudo para nosso projeto de intervenção nas aulas de Língua Portuguesa a obra **O meu pé de laranja lima**, de José Mauro de Vasconcelos, publicada em 1968. O personagem principal, Zezé, é um garoto de seis anos que vive uma dura realidade na década de 1920. Em meio à pobreza e problemas familiares, ele encontra na fantasia e em seu melhor amigo, o pé de laranja lima, uma fuga para a triste realidade em que vive.

Tal como Zezé, os alunos das escolas periféricas vivem esta realidade de problemas familiares, financeiros e afetivos, além das inquietações próprias da infância. Também é

comum entre os alunos da zona rural encontrar na natureza um refúgio para a solidão, assim como acontece com o personagem principal da obra. Para motivar os alunos para a leitura, selecionamos duas adaptações cinematográficas da obra de José Mauro de Vasconcelos. A primeira, realizada em 1970, foi lançada apenas dois anos após a publicação do livro e teve direção de Aurélio Teixeira. A segunda adaptação foi lançada em 2013, com direção de Marcos Bernstein. A partir das obras cinematográficas, buscamos conduzir o aluno ao mundo da leitura literária. As atividades se desenvolveram no ambiente escolar utilizando recursos disponíveis na escola e oferecidos pelo autor da pesquisa.

Esta dissertação é composta por quatro capítulos, além da introdução. No segundo capítulo, discorremos sobre Literatura, leitor e arte nos documentos oficiais do MEC e abordamos autores que defendem a Literatura e a leitura literária como imprescindíveis para a formação humana, dentro e fora da escola, como Regina Zilberman, Antonio Candido, Teresa Colomer e Leyla Perrone-Moisés. Consideramos que a Literatura, como arte, possa dialogar com outras manifestações artísticas, principalmente o cinema, e que através desse diálogo podemos ampliar a experiência da leitura de obras literárias. Neste momento, também destacamos algumas características da linguagem cinematográfica e como ocorre sua significação para o espectador. Como principais teóricos consideramos Ismail Xavier e Marcel Martin. Para discutir sobre adaptação, recorremos aos críticos Marcos Napolitano e Eliana Nagamini para desmistificar a noção de adaptação cinematográfica de obras literárias como um subproduto inferior, ou uma obra menos relevante. Por último, apresentamos a obra literária que selecionamos para realizar nosso plano de intervenção e suas adaptações cinematográficas.

No terceiro capítulo, “Análise e Planejamento”, apresentamos o resultado do questionário aplicado aos alunos e professores da escola em que realizamos nosso projeto. Em seguida, expomos a nossa proposta de intervenção, detalhando as atividades realizadas no decorrer do ano de 2019, quando foram aplicadas.

No penúltimo capítulo, “Atividades de Intervenção”, apresentamos detalhadamente as atividades que foram realizadas e a análise dos resultados obtidos a partir da aplicação do nosso plano de intervenção. Por último, nas “Reflexões Finais”, encerramos a dissertação com a avaliação das contribuições que nossa pesquisa trouxe para a comunidade em que foi aplicada e esperamos que nossas atividades possam ser reproduzidas em outras realidades escolares.

2 LITERATURA, ARTE E LEITOR NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino de Língua Portuguesa (BRASIL, 2001), o trabalho com a leitura no Ensino Fundamental tem como objetivo a formação de leitores competentes. A competência como leitor deve estar no desenvolvimento de atividades que possibilitem ao aluno compreender aquilo que lê, ultrapassando a mera decodificação das palavras, e aprendendo a ler o que pode estar subentendido, identificando elementos implícitos ao texto. É também recomendável que o aluno utilize do conhecimento advindo da prática leitora para desenvolver a escrita.

No Ensino Fundamental, na maioria das disciplinas, preza-se o trabalho com uma variedade de gêneros textuais a partir dos quais os alunos devem ser capazes de produzir e interpretar, privilegiando as variedades que circulam socialmente, visando à capacidade de utilizar a linguagem para satisfazer suas necessidades pessoais, tanto no âmbito escolar como no cotidiano social. De acordo com os PCN:

Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais — que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão. De modo geral os textos são produzidos, lidos e ouvidos em razão de finalidades desse tipo. Sem negar a importância dos que respondem a exigências práticas da vida diária, são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa [...] (BRASIL, 2001).

Assim, o ensino de Língua Portuguesa caracteriza-se pelo estudo dos textos que surgem nos diversos gêneros textuais. Os PCN não negam a participação de outras disciplinas no trabalho com os textos, mas salientam que a disciplina de Língua Portuguesa deve realizá-lo de forma sistemática. Para produzir e interpretar, a unidade básica de ensino deve ser o texto, que deve estar adequado ao grau de formação do aluno, não devendo ser simplificado ou de baixa qualidade, pois tais características podem trazer riscos que afastam as crianças do mundo da leitura.

Neste cenário, o trabalho com os textos literários deve ser incorporado ao cotidiano das aulas e não deve servir a propósitos puramente formais, respeitando as particularidades textuais, sutilezas e a profundidade das construções literárias (BRASIL, 2001). Os PCN trazem a seguinte consideração sobre a Literatura:

A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens.

Se tomada uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta. (BRASIL, 2001).

Nesse sentido, a Literatura dialoga com a realidade e promove aproximações e afastamentos, através dos signos verbais, das invenções da linguagem, da subjetividade demonstrada ao expressar o mundo através de mecanismos ficcionais, sentimentos e emoções. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para os anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) destaca a dimensão humanizadora da leitura (literária) e do potencial que esta tem na formação de um leitor “que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de desvendar suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura” (BRASIL, 2017).

Na experiência em sala de aula, ou seja, na prática cotidiana, recebemos alunos no 6º ano com dificuldades em decodificar os textos, logo, nesta etapa, ainda devemos continuar o trabalho de alfabetização iniciado nos primeiros anos do Ensino Fundamental, sendo difícil proporcionar a eles as ‘múltiplas camadas de sentido’ uma vez que apresentam dificuldade com a superfície do texto. Assim, temos consciência de que é um trabalho árduo construir esse leitor que seja capaz de desvendar essas múltiplas camadas do texto. A realidade dessa prática cotidiana não se aplica apenas à escola-campo da pesquisa, mas em diversas escolas municipais e estaduais de Uberaba.

Dessa forma, consideramos que promover atividades que visem à formação de leitores é papel da escola. A cada etapa do Ensino Fundamental, a escola deve oferecer uma diversidade de textos além de valorizar os aspectos cognitivos e sociais do aluno. É imprescindível que o professor alinhe sua prática docente ao contexto situacional no qual estão inseridos seus alunos e busque estratégias que propiciem a leitura, de forma gradual e constante, no contexto escolar, com o objetivo de suprir as necessidades educacionais de cada ciclo. De acordo com os PCN:

Assumir a tarefa de formar leitores impõe à escola a responsabilidade de organizar-se em torno de um projeto educativo comprometido com a intermediação da passagem do leitor de textos facilitados (infantis ou infanto-juvenis) para o leitor de textos de complexidade real, tal como circulam socialmente na literatura e nos jornais; do leitor de adaptações ou de fragmentos para o leitor de textos originais e integrais. (BRASIL, 2001).

Ainda segundo os PCN, além de possibilitar ao aluno que ele se relacione de maneira ativa com outros conhecimentos curriculares, a educação pela arte lhe permite que desenvolva sua imaginação, percepção e sensibilidade (BRASIL, 2001). A BNCC reconhece esse “potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura” (BRASIL, 2017) e apresenta como habilidade a ser desenvolvida através da leitura:

Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. (BRASIL, 2017, p.157).

A Literatura, como expressão artística e cultural da humanidade, mantém essa característica emancipadora e reflexiva e pode, dentre vários aspectos, dialogar com outras formas de arte. A BNCC estabelece como competências de Língua Portuguesa a seleção de textos e livros para leitura integral que desenvolvam o senso estético e valorizem a Literatura e outras formas de manifestações artístico-culturais. A Base reconhece essa relação entre diferentes manifestações artísticas e no campo de atuação artístico-literário preconiza que uma das habilidades que deve ser desenvolvida é:

Analisar, entre os textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas (como cinema, teatro, música, artes visuais e midiáticas), referências explícitas ou implícitas a outros textos, quanto aos temas, personagens, recursos literários e semióticos. (BRASIL, 2017).

O documento enfatiza, dentro dessa habilidade, o fato de obras literárias terem sido adaptadas para produções em linguagens diferentes e reconhece que esse diálogo entre as linguagens “favorece a ampliação de repertório, que contribui para que os alunos estabeleçam mais relações entre os textos e, portanto, construam mais sentidos sobre o que leem” (BRASIL, 2017). Para a elaboração do currículo, a BNCC sugere um estudo comparado entre as linguagens que, combinadas e/ou comparadas, podem produzir sentidos diferentes.

Em 2014, foi sancionada a lei 13.006, que acrescenta o § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece diretrizes e bases da educação nacional: “§ 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais” (BRASIL, 2014).

Proposta pelo então senador Cristovam Buarque, em 2008, o Projeto de Lei (PL) 185/08 só foi aprovado após várias discussões e mudanças em sua redação. Em entrevista à época, o senador referiu-se a sua motivação ao propor o projeto:

A escola é uma coisa hoje muito chata. Nós temos que levar alegria, diversão e isso é a cultura que leva. Cultura é simples. Ensino à maneira tradicional, sem cultura, fica chato e as crianças não aguentam mais. A criança de hoje está muito mais para o audiovisual do que para ao vivo¹. Ela gosta da tela. Ela cresceu, nasceu vendo as coisas na tela. Então, a tela é atraente. Então vamos colocar cinema. Essa é a primeira coisa, trazer um pouco mais de

¹ O senador utiliza o termo “ao vivo” para referir-se às experiências sem a presença de estratégias virtuais.

alegria, de sintonia da escola com as crianças [...] Cultura é fundamental. Sem cultura a educação fica limitada. Ela não dá o sentimento, não dá a visão humanista. Por mais que você coloque filosofia, humanismo só chega através da música, através do teatro, através do cinema [...] (FRESQUET; MIGLIORIN, 2019, p.6)

Apesar de alguns equívocos em sua fala (cultura não é simples, escola não é chata), a intenção de inserir a arte, bem como uma nova mídia, ao ensino tradicional é uma necessidade da escola contemporânea. Todavia, reduzir o filme a um acessório que traz alegria às aulas, tornando-as mais atrativas, não pode ser o intuito da lei ou mesmo dos professores ao utilizá-lo em suas aulas. Mais do que a divulgação do cinema brasileiro e a valorização da nossa produção cultural, a lei propõe que a exibição de filmes nacionais esteja aliada à prática docente, tornando o filme uma ferramenta de ensino e um instrumento de apoio ao processo de ensino aprendizagem.

Contudo, a lei continua desconhecida pela maioria dos educadores. Em questionário aplicado na escola-campo desta pesquisa, apenas 14% dos professores disseram conhecer a lei, o que nos leva a crer que, de fato, ela ainda não está sendo considerada no currículo da educação básica. Além disso, algumas indagações surgem quando analisamos a lei: Quais filmes podem ser utilizados no ambiente escolar?; Quais disciplinas ficarão responsáveis por realizar o trabalho com as produções fílmicas?; Será proposto um trabalho interdisciplinar ou um projeto?; Haverá avaliação?. Ademais, ainda há sérios problemas relacionados à infraestrutura, pois nem toda escola dispõe de um espaço adequado para a projeção de filmes.

Essas e outras questões surgem quando pensamos, também, na escolha e acesso às obras fílmicas. A democratização do acesso ao cinema foi tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2019. Nosso país, segundo dados da Agência Nacional de Cinema (ANCINE), possui 2.200 salas de cinema, um baixo número se considerarmos a extensão territorial e o número de habitantes, o que torna o Brasil o 60º país na relação habitantes por sala. Além disso, essas salas estão concentradas em cidades populosas e em áreas de rendas mais nobres². Cidades do Norte e Nordeste, além de periferias e cidades do interior, são as áreas com menos salas, de certa forma, ficando excluídas do universo do cinema.

A maioria das produções nacionais não chega às salas de cinema, principalmente no interior, pois disputam espaço com os *blockbusters* americanos. Em 2019, por exemplo,

² Cidades próximas à Uberaba, como Uberlândia e Ribeirão Preto, possuem mais salas de cinema e maior variedade de filmes em cartaz.

de acordo com o site **Adoro Cinema**, 80% das salas de cinema de todo o Brasil foram utilizadas para a exibição do filme **Vingadores – Ultimato**, prática considerada “predatória” pela ANCINE, responsável por fiscalizar a chamada “cota de tela”, lei que regulamenta o número de salas que devem exibir filmes nacionais. Mesmo com a lei, que também define uma variedade de filmes a serem exibidos, as produções brasileiras que ocupam espaço nas salas de cinema são de comédias produzidas para agradar o grande público ou filmes com temática religiosa, caso de **Nada a perder 2**, filme que ocupa a 11ª posição entre os filmes mais assistidos de 2019, de acordo com a **Veja.com**, e primeiro filme nacional a entrar na lista³.

Outra possibilidade para os espectadores são os serviços de *streaming*, no entanto, nesse ambiente também há pouquíssimas produções nacionais e, com o número crescente de locadoras que fecham as portas, o acesso às obras fica ainda mais difícil. Recentemente, o Governo Federal cogitou até mesmo extinguir a ANCINE, principal fomentadora do nosso cinema que, após vários períodos de recessão, vive um dos seus melhores períodos, conquistando indicações e prêmios para filmes nacionais nos principais festivais do circuito mundial.

Nosso desafio, então, pauta-se pela dificuldade em atender a lei 13.006 na escola para exibir filmes nacionais de maneira que possamos valorizá-lo esteticamente e, ainda, favorecer a ampliação da leitura literária, possibilitando o estudo comparativo entre duas linguagens: a Literatura e o cinema. Esta é uma das perguntas de pesquisa que pretendemos discutir neste trabalho.

A BNCC indica também a prática de compartilhamento de leituras e recepção de obras literárias através de rodas de leitura, cineclubes, exibição de filmes, favorecendo a troca de impressões e possibilitando ao aluno construir comentários críticos. A escola e os professores devem propiciar ao aluno o contato com as manifestações artísticas e culturais, com foco na arte literária e

[...] oferecer as condições para que eles possam compreendê-las e fruí-las de maneira significativa e, gradativamente, crítica. Trata-se, assim, de ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, representativas da diversidade cultural, linguística e semiótica. (BRASIL, 2017).

Desta forma, notamos uma tendência na inserção de diferentes linguagens no cotidiano e currículo escolares e uma consequente valorização das diversas manifestações

³ O filme **Minha mãe é uma peça 3**, comédia produzida pela Globo Filmes, tornou-se o segundo filme mais visto do cinema brasileiro e o maior em arrecadação de bilheteria, demonstrando o gosto do público pelas comédias nacionais.

artísticas aliadas à leitura de obras literárias, o que possibilita ao professor expandir o universo literário do aluno. Assim, é possível que o aluno, a partir das orientações do professor, possa “mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de Literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas” (BRASIL, 2017).

Para que o trabalho com essas diferentes linguagens possa ser desenvolvido de forma satisfatória é necessária a mediação do professor durante o processo. Sobre a mediação do professor, Annie Rouxel (2013) afirma que, antes de tudo, o professor também é um leitor que possui sua própria leitura sobre o texto e cabe a ele definir qual será a abordagem realizada em aula, levando em consideração a faixa etária dos alunos e as expectativas educacionais. No Ensino Fundamental II, o professor/mediador

[...] coleta hipóteses de leitura, elaborações semânticas lacunares, insuficientes, às vezes errôneas, a partir das quais suscita a reflexão dos alunos e sua flexibilidade. Desse modo, ele ancora o processo interpretativo na leitura subjetiva dos alunos. Resta encarar a questão de como se busca instaurar o aluno sujeito leitor. (ROUXEL, 2013, p.30).

Durante esse processo de mediação, o professor ajuda os alunos a fazerem proposições sobre o texto, deixando-os livres para tecerem comentários e se aventurarem na experiência da leitura, pois assim irão construindo suas competências leitoras. Afinal, para compreender o texto, é necessário que o leitor empreste a ele algo seu, complementando personagens, cenários, imaginando o mundo que se apresenta para ele no ato de ler. É fundamental instaurar um clima de confiança e respeitabilidade, em que há uma escuta mútua, para que haja uma melhor interação com o texto literário, pois “pela leitura sensível da literatura, o sujeito leitor se constrói e constrói sua humanidade” (ROUXEL, 2013. p.32).

Rouxel defende que a subjetividade dá sentido à leitura e que, na escola, ela tende a ser distanciada, objetiva, preocupando-se mais com leituras obrigatórias propostas nos currículos e que não são adequadas nem eficientes para desenvolver a sensibilidade leitora. A autora ainda ressalta a importância da leitura do texto integral, pois apenas com fragmentos não é possível mudar a relação dos alunos e aproximar a leitura em sala com a que é realizada na sociedade. Como mediador, não como facilitador, o professor deve então propiciar um ambiente em que os alunos possam realizar a leitura integral da obra, mediando o contato do universo literário ao universo pessoal e, também, social dos alunos.

2.1 LEITURA LITERÁRIA

Segundo Antonio Candido (2017), a Literatura é um direito fundamental do ser humano e condição humanizadora, pois é capaz de transformar a personalidade daquele que ouse a se aventurar nas páginas de um livro. De acordo com o autor, a Literatura é “toda a criação de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura” (2017, p.176). Não há quem possa viver sem ela e, tal qual o sonho, a Literatura se faz presente no cotidiano de todas as pessoas, letradas ou não, através dos devaneios diários e o contato com os variados tipos de textos.

Sobre o caráter humanizador da Literatura, Candido defende que ela nos torna mais abertos ao próximo, possibilitando que saibamos reconhecer as diferenças, compreender a sociedade. A Literatura humaniza, pois possibilita ao homem

[...] o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (2017, p.182).

Parece-nos, então, pouco provável que consigamos compreender o mundo e nossas próprias vidas sem a presença da Literatura. Assim, podemos afirmar que a humanização oferecida por essa arte é imprescindível, sobretudo para aqueles que estão iniciando sua formação: as crianças e os adolescentes. É comum que tal formação aconteça em espaços públicos, como a escola e a biblioteca, e no ambiente familiar.

Nas famílias, a presença da Literatura não constitui um cenário animador. Pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro em 2016 aponta que 44% dos brasileiros não possuem hábitos de leitura. Além disso, a pesquisa indica que 67% dos entrevistados não tiveram uma figura que estimulasse a leitura, seja em casa ou na escola. Tal retrato é preocupante e afirma a necessidade de formação de leitores, inclusive entre os professores, e estímulo à leitura entre os mais jovens. Apesar da importância da família em promover o contato inicial das crianças com a Literatura, será no Ensino Fundamental que ocorrerá o processo de sua formação como leitores. Assim, a escola será, primordialmente, o espaço no qual a Literatura será privilegiada. Para Regina Zilberman:

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu

sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo. (2008, p.17)

A leitura literária, então, permite ao aluno conhecer o outro, mesmo que imaginário, podendo aumentar a percepção de si mesmo através da ampliação da maneira de ver a realidade. O texto deve fazer sentido para o aluno, pois só assim ele pode se abrir para o conhecimento do outro. Para que haja sentido, principalmente para leitores em formação, é necessário pensar em estratégias de leitura que auxiliem o aluno a ampliar sua capacidade leitora. Tal amplitude oferecida pela leitura possibilita que a criança, ou o jovem, adentre ao campo da estética, expanda a fronteira do conhecido e exceda os limites do seu entorno, indo e voltando de diversos mundos, sem sair do lugar. Esta concepção de leitura nos remete à fruição da obra de arte, em que o sujeito, ao se deparar com a obra, tem a possibilidade de encontrar prazer através do deslocamento do ‘eu’ para a ‘obra’, e vice-versa. Para Catherine Mazauric, lemos pelo “desejo de nos tornarmos um outro, de nos desfazermos, muito mais do que nos fazermos, para nos perdermos e não nos encontrarmos” (2013, p. 89).

Assim, a leitura literária estaria ligada à construção da identidade pessoal e o gênero romance, em especial, seria o “espelho” que permitiria que cada um construísse sua identidade, através dos personagens e situações fictícias. Para Mazauric, essa identificação dar-se-á através da interação do leitor com o texto, um trabalho permanente de construção da identidade dos leitores, que deve ser primordial no ensino da Literatura já que

[...] em se tratando de didática da leitura literária, à medida que esta precisa levar em conta justamente o que se sobressai às prescrições do texto, aos percursos do leitor na ficção e na língua, às múltiplas posturas que este pode adotar, aos trajetos coletivos de um grupo-classe e à mediação do professor, ele também sujeito leitor em busca de sua satisfação na forma de identidades múltiplas (pessoal, profissional, etc.). (2013, p.92).

Portanto, a identificação com o texto ocorre tanto para os alunos como para o professor, que se espera seja um sujeito leitor, que, como mediador, deve evitar impor sua própria leitura, pessoal ou profissional, e colaborar para que os discentes se aproximem do texto. Contudo, nem sempre os professores sabem o que fazer com essa identificação texto-leitor e optam por uma leitura mais distanciada e analítica. Mazauric critica a leitura escolar, que, além de ser distanciada, possui objetivos específicos, busca alcançar competências, saberes edificadores e, quase nunca, é realizada por prazer.

Nas escolas, o ensino de Literatura permanece integrado à disciplina de Língua Portuguesa e os textos literários aparecem muitas vezes apenas como objetos de estudos linguísticos. Há inquietações e necessidades modernas (vestibular, formação profissional

etc.) que necessitam de mais atenção de professores e alunos. O texto literário assume, então, um papel meramente conteudista, sendo utilizado apenas para melhorar a capacidade interpretativa dos alunos, buscando respostas padrões para a construção do sentido do texto, sem levar em consideração a leitura individual e subjetiva da obra.

Teresa Colomer (2014) afirma que no contexto educacional renegamos a subjetividade dos alunos em prol da objetividade, impedindo que o leitor se aproxime do texto e enriqueça sua individualidade. Para Colomer, é preciso acabar com a visão de Literatura como “matéria” e resgatar o prazer e o interesse pela leitura. Para isso, os professores devem “[...] dedicar tempo e programar atividades que favoreçam o interesse pessoal e estabeleçam essa conexão, fazendo com que se sintam pertencentes ao universo dos livros.” (2014, p.64).

Garantir o direito à Literatura, bem como o acesso ao texto literário, deve ser uma preocupação de toda a sociedade e é na escola que a Literatura encontrará ambiente favorável de circulação. Todavia, incluir a leitura literária na programação das aulas não é uma tarefa fácil. Apesar de existirem programas específicos de fomento à leitura na escola, como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), a grade curricular privilegia disciplinas e conteúdos considerados de aplicabilidade social, como a leitura de textos midiáticos e científicos.

Leyla Perrone-Moisés (2017) chama a nossa atenção para os impactos causados nas práticas de leitura pela tecnologia e a velocidade das informações que são veiculadas. Segundo a autora, o avanço das tecnologias contribuiu para a fabricação e a comercialização de obras literárias, mas transformou o perfil do leitor atual, que se acostumou com leituras rápidas e superficiais (2017, p.23).

Perrone-Moisés ainda salienta a exclusão da Literatura como disciplina nas escolas, tendo sido substituída por disciplinas mais “úteis” para a formação do cidadão e do profissional. Ressaltamos, porém, que a disciplina permanece no currículo da rede municipal de ensino da cidade de Uberaba (MG), onde realizamos nossa pesquisa. Entretanto, a disciplina possui uma carga horária semanal de apenas uma hora-aula (50 minutos), tempo inferior se comparado às outras disciplinas. Há ainda uma supervalorização nos documentos do MEC por novas formas de comunicação, como a informática, em detrimento do livro, relegando a Literatura a um segundo plano no qual o que importa é a interação entre as linguagens, não o conhecimento sobre a linguagem em si. Segundo Perrone-Moisés:

O problema não está no reconhecimento das grandes mutações tecnológicas no campo da informação visual e da informática, mas numa espécie de deslumbramento com elas, em detrimento de meios mais antigos, como o livro. De fato, o aluno de hoje está mais familiarizado com a linguagem visual, e nada impede que se mostre a ele a relação da literatura com o cinema, por exemplo. Muitos adolescentes começaram por *Harry Potter*, o filme, e a partir dele descobriram o prazer da leitura de *Harry Potter*, o livro. E de *Harry Potter* poderão passar, mais tarde, a obras melhores. (2006, p.24).

As mutações tecnológicas, em especial o audiovisual, não podem ser consideradas inimigas da leitura e dos livros. Compreender o contexto tecnológico no qual os jovens estão inseridos é fundamental para promover ações que levem às práticas de leitura eficazes. Também não pode ser considerado um problema, como pondera Perrone-Moisés, que o jovem comece por livros considerados pela crítica como ‘inferiores’, porque é fundamental que o aluno adentre o mundo da leitura através de obras que chamem a sua atenção. O *best seller*, como também a adaptação, pode contribuir de forma eficaz para formar o leitor, inclusive um leitor de obras consideradas ‘melhores’, ou seja, com o selo da crítica especializada de que são esteticamente mais belas.

Portanto, não é necessário isolar o estudo da Literatura do estudo de outras linguagens, é preciso recuperar o lugar de destaque do livro no ensino, alinhando o novo contexto de leitura causado pelo avanço tecnológico às práticas de leitura que promovam a fruição da obra literária. Afinal, como nos lembra Barthes:

Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. [...] ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ela permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada em relação a esta. [...] o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens (2008, p 18).

A Literatura, então, não é a fonte do conhecimento nem o lugar a partir do qual podemos compreender o funcionamento do universo. Há nela muito sobre o mundo e, mais ainda, sobre nós mesmos. Em um tempo em que as gerações estão cada vez mais conectadas e, ao mesmo tempo, distantes de si mesmas, apesar do avanço da disponibilidade de informações e a persistente refutação dos saberes empíricos, talvez seja a Literatura que possa nos ajudar a formar uma nova geração de homens capazes de valorizar sua cultura, suas relações sociais e, principalmente, sua história.

2.2 CINEMA

Surgido no início do século XX, o cinema popularizou-se como uma das formas de arte mais acessíveis ao público no século XXI devido à linguagem audiovisual de fácil acesso. Para Jean-Claude Bernardet (1980), um dos trunfos do cinema é a ilusão em retratar ou representar a realidade. Durante a exibição do filme, como num sonho, o espectador percebe a ilusão como o real e se apodera da fantasia, o que o autor chama de “impressão da realidade”. Essa capacidade de iludir o espectador, de fazer sonhar acordado, é uma das principais causas do sucesso do cinema para o crítico.

Para causar essa ilusão, o filme depende de vários processos, como a edição, a montagem e os efeitos visuais e sonoros. A junção desses processos possibilita que a imagem projetada seja diferente da imagem do mundo real. Entretanto, para o espectador realizar a análise e promover uma exata compreensão do discurso do filme, é necessário compreender a tessitura da obra cinematográfica, suas especificidades narrativas, sua linguagem e composição, indo além do que é mostrado na tela e compreendendo boa parte dos elementos que compõem a narrativa fílmica.

A linguagem do cinema advém da reprodução fotográfica de uma determinada realidade que se queira veicular e do tratamento recebido pela imagem. Assim, a imagem é o elemento base da linguagem cinematográfica. Sua criação é possível através da câmera, aparelho capaz de reproduzir mecanicamente a realidade, porém esta é manipulada pelo seu realizador, que lhe confere uma visão única do real que pretende mostrar na tela.

A imagem fílmica é dotada de elementos que pertencem ao real (movimento, som, cor) e pode suscitar no espectador uma crença objetiva do que lhe é projetado. Prematuramente, poderíamos dizer que aquilo que é projetado na tela (o significante) corresponderia de forma exata e inequívoca à informação que veicula (o significado). No entanto, essa representação está sempre mediatizada pelo tratamento fílmico, que captura fragmentos do real para fazer dele parte de um discurso, sofrendo intervenções narrativas e transformando-os em um enunciado, indicando que a realidade mostrada na tela nunca é totalmente neutra, mas um sinal de algo mais (MARTIN, 2005).

Milton de Almeida (2011) afirma que “o significado de um texto/filme é o todo, a amálgama desse conjunto de pequenas partes, em que cada uma não é suficiente para explicá-lo, porém todas são necessárias e cada uma só tem uma significação plena em relação a todas as outras” (*apud* NAPOLITANO, 2011, p.12). Assim, o significado do

filme será construído a partir da relação estabelecida pelos seus idealizadores (diretor, roteirista etc.) e seu público, que deverá dispor de ferramentas que o auxiliem na ressignificação do que lhe é projetado, recorrendo aos construtos intelectuais e subjetivos, intrínsecos (sua formação sócio histórica) ou extrínsecos (a mediação do professor).

A realidade representada na tela, então, é fruto de uma percepção subjetiva do mundo, mas também de seus realizadores, que reconstróem essa realidade a partir daquilo que pretendem exprimir sensorial e intelectualmente. A junção de imagens realizada na etapa da montagem, que podem não conter significados isoladamente, produz novas relações e nos leva a estabelecer outras que antes não existiam na tela (XAVIER, 2003). Essas relações, que são estabelecidas no momento da exibição e também posteriormente a ela, necessitam indispensavelmente da percepção que o espectador terá da imagem, pois sua leitura não é imediata, afinal:

Ela resulta de um processo em que intervêm não só as mediações que estão na esfera do olhar que produz a imagem, mas também aqueles presentes na esfera do olhar que as recebe. Este não é inerte, pois, armado, participa do jogo. (XAVIER, 2003, p.35).

Uma vez estabelecida a importância do olhar do espectador para a significação do jogo de imagens concebido pela montagem cinematográfica, será necessário, doravante, conhecer também o público receptor da obra fílmica, uma vez que

[...] o espectador não é elemento passivo, totalmente iludido. É alguém que usa de suas faculdades mentais para participar ativamente do jogo, preenchendo as lacunas do objeto com investimentos intelectuais e emocionais que cumprem as condições para que a experiência cinematográfica se inscreva na esfera do estético. (XAVIER, 1983, p.20).

Assim como na Literatura, para adentrar no campo da estética no cinema, é preciso haver conhecimento e domínio da linguagem, estabelecer relações entre a obra e sua memória, evocando experiências anteriores capazes de ressignificar o que é exibido na tela. Porém, esta não é uma tarefa fácil e demanda muito do espectador, que na maioria das vezes fica apenas na superfície da obra. Munsterberg (1983) compara a leitura que fazemos da imagem com o processo de aquisição da língua. Para ele, quando aprendemos a língua, associamos os sons produzidos às nossas próprias reações, tornando subjetiva essa experiência. Tal qual no cinema, a significação se dá através da percepção individual, o significado é nosso e não vem de fora. Para o autor, as cenas “devem ter significado, receber subsídios da imaginação, despertar vestígios de experiências anteriores, mobilizar sentimentos e emoções, atizar a sugestibilidade, gerar ideias e pensamentos” (1983, p.24).

Essa concepção nos remete à imagem de jogo proposta por Wolfgang Iser (1996), quando sugere que autor, texto e leitor participam de um jogo, em que o texto é o campo, um mundo inexistente a ser construído pelo leitor, que deve preencher os espaços vazios. Assim, o leitor do texto, tal como o espectador do filme, cria expectativas através da sua imaginação e interpretação, que podem ou não ser confirmadas, afinal

[...] como o texto é ficcional, automaticamente invoca a convenção de um contrato entre autor e leitor, indicador de que o mundo textual há de ser concebido, não como realidade, mas como se fosse realidade. Assim o que quer que seja repetido no texto não visa a denotar o mundo, mas apenas um mundo encenado. (ISER, 1996, p.107).

Esse contrato, ou pacto, entre autor e leitor é essencial para a leitura, literária ou fílmica, pois é a partir dele que será realizado o jogo. Segundo Xavier (2003), não cabe se perguntar o que é real ou imaginário, pois quebraria o pacto que fazemos quando assistimos a um filme. Assim como é necessário conhecer a língua e seus mecanismos para realizar a leitura do texto, e participar ativamente do jogo, Martin afirma que o espectador precisa ser educado para compreender o significado da imagem fílmica, pois

[...] é necessário aprender a ler um filme, decifrar o sentido das imagens tal qual como se decifra o significado das palavras e dos conceitos, a compreender as sutilezas da linguagem cinematográfica. Por outro lado, o sentido das imagens pode ser controverso, tal e qual como o das palavras, e poderá dizer-se que cada filme tem tantas possibilidades de interpretação quantos forem os espectadores. (2005, p.34).

Desta forma, assim como na Literatura, a significação do cinema depende do seu espectador e da leitura que ele fará da obra. Tão importante como aprender a ler um livro, não apenas superficialmente, mas descobrindo os mecanismos de significação da língua, é preciso educar o olhar do espectador para a obra fílmica, para que ele compreenda a sua linguagem e seja capaz de participar do jogo. É tão difícil formar um leitor crítico como também é difícil formar um espectador crítico. Para isso, é necessário um bom mediador, que conheça ambas as artes e utilize estratégias de leitura que, efetivamente, contribuam para a leitura sair da superfície e adentrar no campo da estética.

2.3 ADAPTAÇÃO

Desde seu surgimento, o cinema mantém uma estreita relação com outras formas de arte. Datam de mais de um século as primeiras adaptações cinematográficas de obras literárias, como **Alice no País das Maravilhas** e **Sherlock Holmes**, em curtas-metragens.

Com pouco mais de 100 anos de história, o cinema trouxe adaptações de obras que dificilmente poder-se-ia imaginar, como **A Odisseia**, de Homero, **Guerra e Paz**, de León Tolstói, entre outros. Autores mais populares, como Jane Austen, tiveram boa parte de suas obras adaptadas para o cinema ou a TV. Atualmente, as maiores bilheterias cinematográficas são de filmes adaptados de livros, como as sagas **Harry Potter** e **O Senhor dos Anéis**, além dos romances de Nicholas Sparks e das histórias em quadrinhos, principalmente os super-heróis.

O desejo de fidelidade ao texto original ainda é um dos critérios para avaliar a adaptação de uma obra literária para o cinema. Normalmente, se o realizador se mantiver fiel ao original, a adaptação é considerada boa. Porém, atualmente, tal critério tornou-se irrelevante, pois consideramos que as obras se expressam por diferentes meios e possuem linguagens diferentes. Segundo Xavier, “a fidelidade ao original deixa de ser critério maior de juízo crítico, valendo mais a apreciação do filme como nova experiência, que deve ter sua forma, e os sentidos nela implicados, julgados em seu próprio direito” (2003, p.64).

Ainda nas palavras do autor, o texto e o filme estão separados, bem como o autor e o cineasta, e a adaptação dialogará com o contexto em que é produzida, sendo atualizada à época do cineasta e, também, aos valores morais e sociais vigentes. Para Eliana Nagamini (2012), entre as duas obras haverá um fator de intertextualidade, em que um texto (o original) servirá de ponto de partida para a criação de um novo texto (o filme), que sofrerá alterações de acordo com o contexto de recepção e percepção do roteirista:

No processo de adaptação da obra literária para outra linguagem está em jogo a interação texto/roteirista como fator determinante para o estabelecimento dos elementos de permanência e atualização. Opera-se uma leitura do texto original, ou seja, a (re)criação pressupõe-se uma criação crítica do roteirista. (2012, p.74).

Assim, texto e filme conservarão uma relação entre si, porém a adaptação se configura como uma nova obra, com vida própria, uma visão da leitura realizada pelo roteirista, independente da sua matéria-prima original. Não devemos, portanto, buscar no filme características que o autor imprimiu na obra literária, tentando encontrar como uma linguagem foi traduzida para outra, pois adentraríamos no campo do estilo, que depende da sensibilidade de cada um e dos conceitos vigentes.

Xavier (2003) afirma que filme e livro possuem em comum a narrativa, campo que estreita os laços entre o cinema e a Literatura, podendo ser analisada em ambos os meios de transmissão. Na narrativa, que o autor define como o ato de “tramar, tecer” eventos, podemos verificar tempo, espaço, tipos de ação, personagens e procedimentos narrativos.

Uma digressão, no livro, pode ser transformada em um *flashback* no filme, por exemplo. Para o autor, na narrativa estão presentes a fábula (a história, os personagens, os acontecimentos) e a trama (como a história é contada ou aparece para o leitor/espectador).

Na adaptação, o filme pode tanto modificar o sentido do texto original, propondo sentidos diferentes para a trama através de outras interpretações do material bruto, quanto manter-se fiel à trama do livro, sem modificar os elementos que a compõem. Assim, “em qualquer dos casos, todos os críticos estarão de acordo que, nesse aspecto, é possível saber com precisão o que se manteve, o que se modificou, bem como o que se suprimiu ou acrescentou” (2003, p.67).

Xavier destaca ainda que, para além dos elementos da narrativa, buscar traços do autor e do texto original na obra adaptada recai sobre uma questão de estilo, que é própria de cada idealizador (autor/roteirista/diretor) e que estas questões são complicadas de serem analisadas, já que fazem aflorar a subjetividade e a sensibilidade do crítico. Além disso, como veículos diferentes, Literatura e cinema possuem a sua disposição ferramentas distintas para transmitir ao leitor/espectador suas tramas.

Vincent Jouve, por exemplo, critica a adaptação cinematográfica de obras literárias. Para o autor, ao lermos um romance, criamos imagens mentais subjetivas devido a incompletude da obra, uma vez que o narrador não pode descrever com exatidão todos os cenários. Desta forma, buscamos nas nossas memórias afetivas formas de compor cenários e personagens. Ao assistir à adaptação, o leitor ficaria decepcionado, pois “o que se perde na passagem do romance ao filme é a forma particular com que cada leitor vestiu as palavras do texto” (2013, p.55).

Porém, tal leitura se encaixaria para leitores iniciantes, crianças e adolescentes com pouca vivência cultural, ainda formando suas memórias afetivas? Ou seria a adaptação uma forma de complementar e até mesmo criar essas imagens mentais, considerando que sua imaginação dependeria apenas de suas memórias para que esse leitor criasse os cenários e as personagens? Esses questionamentos nos levaram a considerar, nesta pesquisa, a adaptação como estratégia para contribuir que leitores menos experientes possam ampliar a compreensão do livro, mesmo a adaptação não sendo completamente fiel à obra. Ademais, ao estudar ambas as artes, é possível promover tanto o desenvolvimento da leitura literária como também da leitura cinematográfica. Sobre esse fato, Robert Stam (2008) ressalta que:

Na realidade, podemos questionar até mesmo se a fidelidade estrita é possível. Uma adaptação é automaticamente diferente e original devido à

mudança do meio de comunicação. A passagem de um meio unicamente verbal como o romance para um meio multifacetado como o filme, que pode jogar não somente com palavras (escritas e faladas), mas ainda com música, efeitos sonoros e imagens fotográficas animadas, explica a pouca probabilidade de uma fidelidade literal, que eu sugeriria qualificar até mesmo de indesejável. (2008, p. 20).

Torna-se evidente para nós que, ao ser adaptado para o cinema, o texto literário resulta em uma nova obra, com uma linguagem própria, transformando-se, conseqüentemente, em um produto original, não podendo ser avaliada apenas pelo critério de fidelidade, o que, nas palavras de Robert Stam, é ‘indesejável’. Em nossa prática docente, é indesejável, também, que se tente substituir o livro pela adaptação. Literatura e cinema possuem em comum a narrativa que, apesar de contarem com meios distintos de contá-la, possibilita o seu estudo comparativo. Interessa-nos, pois, essa relação de contar e como contar histórias, e as ferramentas que cada arte utiliza para dar vida às suas tramas e fábulas.

Em razão dessas leituras sobre a adaptação, aqui expostas sucintamente, escolhemos propor um plano de intervenção que tenha como base uma obra literária e sua adaptação cinematográfica. Como já mencionado, trata-se de **O meu pé de laranja lima**, de José Mauro de Vasconcelos, e duas adaptações cinematográficas. A primeira foi realizada em 1970 e a segunda, em 2013.

2.4 O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

Em **O meu pé de laranja lima**, Zezé, um menino de apenas 6 anos e filho de uma família muito pobre, cria um mundo de fantasia para fugir da dura realidade de sua infância. Seu melhor amigo, um pé de laranja-lima plantado no quintal da nova casa, torna-se seu confidente, a quem conta suas travessuras e anseios. No hostil mundo adulto, ele encontra amparo e afeto em algumas pessoas, sobretudo em Manuel Valadares, o Portuga, uma figura substituta do pai. A vida, porém, ensina-lhe tudo cedo demais. Publicado pela primeira vez em 1968, a obra narra, de forma autobiográfica, a infância de seu autor, José Mauro de Vasconcelos.

Embora seja comumente classificada como um romance juvenil, análises da obra indicam para uma escrita com caráter autobiográfico, em que o autor busca escrever sobre assuntos íntimos, os quais apenas ele poderia conhecer. Ferreira e Santos (2015) analisam esse aspecto autobiográfico da obra e concluem que o texto apresenta pistas que indicam tal natureza:

Ao nos depararmos com o nome próprio na capa do livro e ao compará-lo com a matrícula na escola, apresentada no enredo, percebemos que se tratava do mesmo nome do autor, só que com o apelido de infância Zezé. O nome dos pais, dos irmãos, e a cidade natal também são os mesmos do autor. [...] encontramos características do autobiógrafo que busca em seu leitor compaixão e apreço, fazendo sentido o nosso comportamento piedoso e o sentimento de salvamento diante desse personagem [...] (2015, p.143).

As pistas apresentadas reforçam a ideia de a obra ter sido inspirada na vida do autor, o que torna o livro um registro da sua época com base em sua infância. Conhecer esse caráter biográfico auxilia os alunos a se conectarem, também, com o autor e fazê-los compreender como essa fase da vida pode ser importante na formação das pessoas. Se o autor buscava compaixão e apreço pela vida de seu personagem, podemos afirmar que ele obteve grande sucesso. A trajetória do menino Zezé com sua humilde infância, cercada por problemas do mundo adulto, continua encantando aqueles que se aventuram pelas páginas do livro cinquenta anos após sua primeira publicação. Além de ter sido traduzido para cinquenta e dois idiomas, o livro teve três adaptações para a TV e duas para o cinema, que compõem nosso *corpus* de trabalho. A primeira adaptação, com direção de Aurélio Teixeira, foi lançada em 1970, dois anos após a publicação do livro. A segunda, de Marcos Benstein, foi lançada em 2013, quarenta e cinco anos após a publicação da obra original.

Apesar de já estar presente nas escolas, a adaptação muitas vezes é utilizada apenas como forma de ilustrar a obra literária, como se uma pudesse suplantá-la. Compreendemos que ao trabalhar com cinema em sala de aula devemos explorar os seus elementos e suas qualidades artísticas e não apenas utilizá-lo como diversão. Sobre isso, Rosália Duarte (2009) ressalta que

[...] o cinema ainda não é visto pelos meios educacionais como fonte de conhecimento. Sabemos que arte é conhecimento, mas temos dificuldade em reconhecer o cinema como arte (com uma produção de qualidade variável, como todas as demais formas de arte), pois estamos impregnados da ideia de que cinema é diversão e entretenimento, principalmente se comparado a artes “mais nobres”. Imersos numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para “ilustrar”, de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis. (2009, p. 70-71).

Sob essa perspectiva, nosso trabalho com a adaptação tende a buscar na linguagem cinematográfica suas características de obra artística, capaz de suscitar interpretações diversas e estimular a criticidade dos alunos. Segundo Eliana Nagamini (2012), é necessário articular a linguagem escrita e oral a outras linguagens presentes no mundo contemporâneo. A didatização das adaptações oferece novas possibilidades no planejamento das práticas de

leitura na escola, podendo contribuir para a formação do leitor, principalmente o literário, e iniciar um processo de formação um pouco mais crítica.

Marcos Napolitano destaca que o uso dos filmes, como recurso pedagógico, pode ser abordado pelo conteúdo (como fonte ou texto-gerador), pela linguagem (educando o olhar do espectador ou interagindo com outras linguagens) ou pela técnica. Optamos por abordar as duas adaptações de maneiras distintas. Na primeira exibição, a adaptação de 1970, abordaremos o filme como texto-gerador, em que

[...] o professor tem menos compromisso com o filme em si, sua linguagem, sua estrutura e suas representações, e mais com as questões e os temas (políticos, morais, ideológicos, existenciais, históricos etc.) que suscita. Esta abordagem pode ser particularmente útil em anos iniciais, faixas etárias menores e classes mais resistentes ao trabalho sistemático com a linguagem cinematográfica. (NAPOLITANO, 2011, p. 28).

Escolhemos essa abordagem porque é através da exibição do filme que queremos gerar o interesse inicial pela obra literária, além de ser mais adequada para trabalhar com uma turma que ainda não possui um olhar mais aguçado para o cinema. Napolitano ressalta que o trabalho nesta abordagem não pode ser apenas de ilustração e que a narrativa e as representações fílmicas devem servir como propulsores para pesquisas e debates.

Na segunda exibição, com a adaptação de 2013, abordaremos o filme como linguagem, educando o olhar do espectador para podermos realizar atividades de percepção com relação à arte cinematográfica, contrastando como o livro que os alunos leram, percebendo as nuances e especificidades de cada campo artístico. Essa abordagem permite “desenvolver habilidades e competências diversas, menos ligadas à problemática e discussão sobre o conteúdo do filme e mais às formas narrativas e aos recursos expressivos que o cinema, como linguagem, possui” (NAPOLITANO, 2011, p.29).

Aliando a leitura da obra integral à exibição de duas adaptações cinematográficas distintas do livro, bem como de atividades para estimular a leitura (café literário, piquenique, plantio de mudas, entre outras), pretendemos não só estimular a leitura literária na sala de aula, mas também ampliar a leitura do livro através do filme e possibilitar, ainda, a apropriação de conhecimento relativo à linguagem cinematográfica, como ângulos, iluminação, fotografia, dentre outros. O roteiro de atividades consta no nosso plano de intervenção desenvolvido no início de nossa pesquisa. No próximo capítulo, essas atividades e os questionários aplicados aos alunos e professores são descritos detalhadamente. A descrição e análise da aplicação das atividades em sala de aula são expostas na sequência, no quarto capítulo.

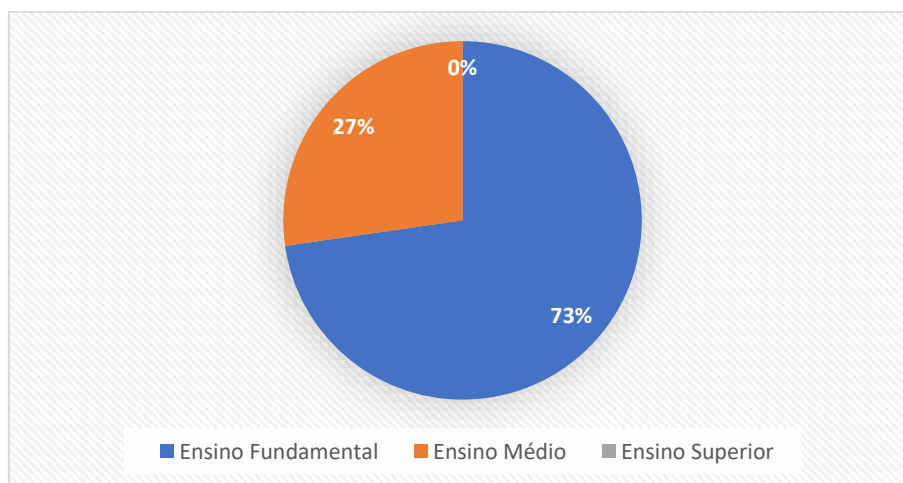
3 ANÁLISE E PLANEJAMENTO

Conforme mencionado, foram aplicados dois questionários (apêndices A e B) na escola-campo dessa pesquisa. Um deles para os 12 alunos da turma e o outro para os 7 professores que ministram as disciplinas da grade curricular do 6º ano do Ensino Fundamental. O objetivo primordial dos questionários foi o de direcionar as ações a serem desenvolvidas no projeto de intervenção. Dada sua importância, apresentaremos os dados colhidos nesta fase e discutiremos reflexivamente acerca das informações. Algumas questões foram apresentadas aos alunos e também aos professores para avaliarmos as nuances entre o conhecimento que ambos possuíam sobre os temas abordados.

No questionário direcionado aos alunos, as primeiras questões buscaram identificar a idade e o grau de escolaridade dos pais. Na questão 1, identificamos que os alunos possuem entre 11 e 12 anos, estando dentro da faixa etária esperada para o 6º ano do Ensino Fundamental. Em relação à escolaridade dos pais, julgamos importante conhecer seu nível de instrução porque este pode impactar na relação com os hábitos de leitura em casa. A quarta edição da pesquisa **Retratos da Leitura no Brasil** (2016) constatou que os números de leitores que possuem apenas o Ensino Fundamental ou Médio incompletos são menores em relação àqueles que possuem ensino médio completo ou ensino superior. Além disso, a pesquisa constata que a figura materna é decisiva no estímulo à leitura, seguida dos professores e da figura paterna.

Os gráficos a seguir (1 e 2) revelam que, entre os entrevistados, a maioria dos pais possuem níveis baixos de escolaridade, o que pode influenciar negativamente no estímulo à leitura no ambiente familiar.

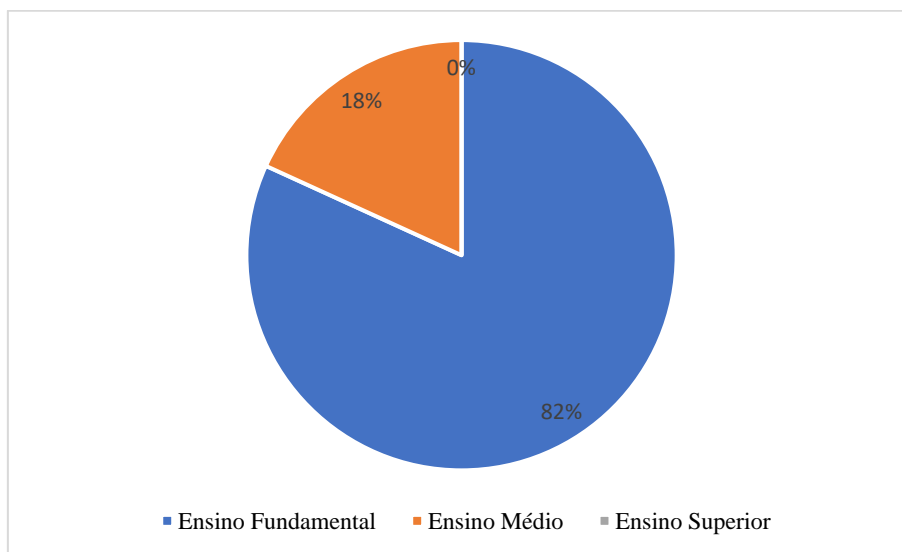
Gráfico 1 – Nível de escolaridade das mães dos alunos.



Fonte: Autoria própria (2019).

Como evidencia o gráfico 1, constatamos que 73% das mães possuem apenas o Ensino Fundamental completo, 27% possuem o Ensino Médio e 0%, o Ensino Superior. Este é um dado desanimador se levarmos em consideração que a capacidade leitora da figura materna, principal responsável por incentivar as crianças a ler, está, comumente, associada ao seu grau de escolaridade. Na questão 3 (gráfico 2), identificamos o grau de escolaridade dos pais e constatamos que, assim como as mães, a maioria possui apenas o Ensino Fundamental.

Gráfico 2 – Nível de escolaridade dos pais dos alunos.



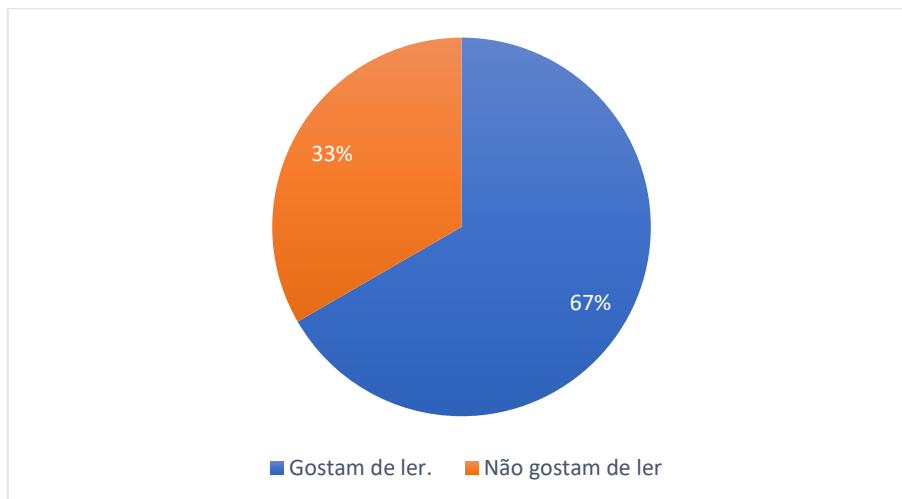
Fonte: Autoria própria (2019).

Apenas 18% dos pais possuem o Ensino Médio, 82% possuem o Ensino Fundamental e, novamente, 0%, o Ensino Superior. Não conseguimos aferir qual etapa do Ensino Fundamental (I ou II) os pais cursaram, nem se haviam completado as etapas, pois os alunos não souberam responder. Porém, se compararmos os dados levantados pela pesquisa **Retratos da leitura no Brasil**, que apontou que brasileiros com Ensino Fundamental II completo leem, em média, 5 livros ao ano, com nossos dados, extraídos de alunos que moram na zona rural, onde não há bibliotecas públicas, livrarias, sebos, ou outro tipo de lugar onde os pais possam ter acesso aos livros para leituras, podemos concluir que a família não é uma fonte de estímulo à leitura para os filhos, uma vez que na realidade das fazendas, normalmente, a leitura é um hábito ainda menor do que nos grandes centros urbanos.

Na questão 4 (gráfico 3), de natureza subjetiva, questionamos se os alunos gostavam de ler e, na questão 5 (gráfico 4), com qual a frequência eles realizavam leituras.

Na primeira resposta, 67% dos alunos afirmaram que gostavam de ler e 33% afirmaram que não gostavam, como mostra o gráfico a seguir:

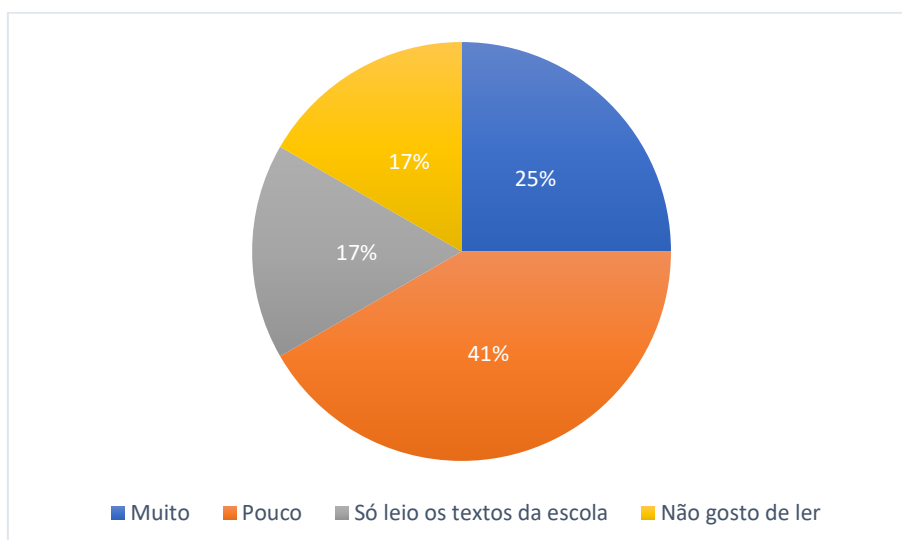
Gráfico 3 – O gosto pela leitura.



Fonte: Autoria própria (2019).

Apesar da maioria dos alunos confirmarem que gostam de ler, quando comparamos estes resultados com as respostas da questão 5, percebemos, contudo, que eles não possuem hábitos de leitura.

Gráfico 4 – Frequência de leitura dos alunos.

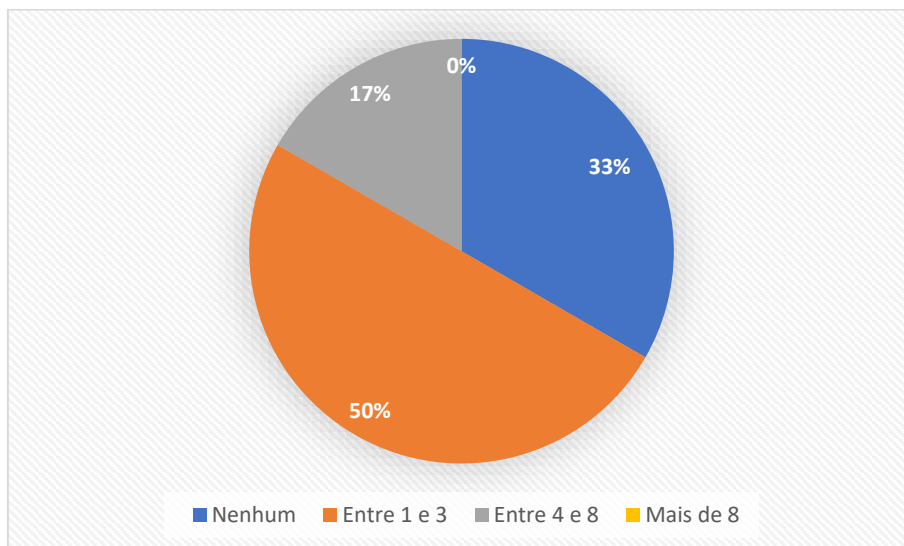


Fonte: Autoria própria (2019).

Quando perguntados se possuem hábitos de leitura, 25% afirmaram que liam muito, 41%, pouco, 17% que liam apenas os textos da escola e 17% que não gostavam de

ler. Assim, mesmo para aqueles que afirmaram gostar de ler, a leitura não é algo frequente em seu cotidiano. Na questão 6 (gráfico 5), perguntamos quantos livros eles haviam lido durante o ano (a pesquisa foi realizada em novembro de 2018).

Gráfico 5 – Quantidade de livros lidos durante o ano.

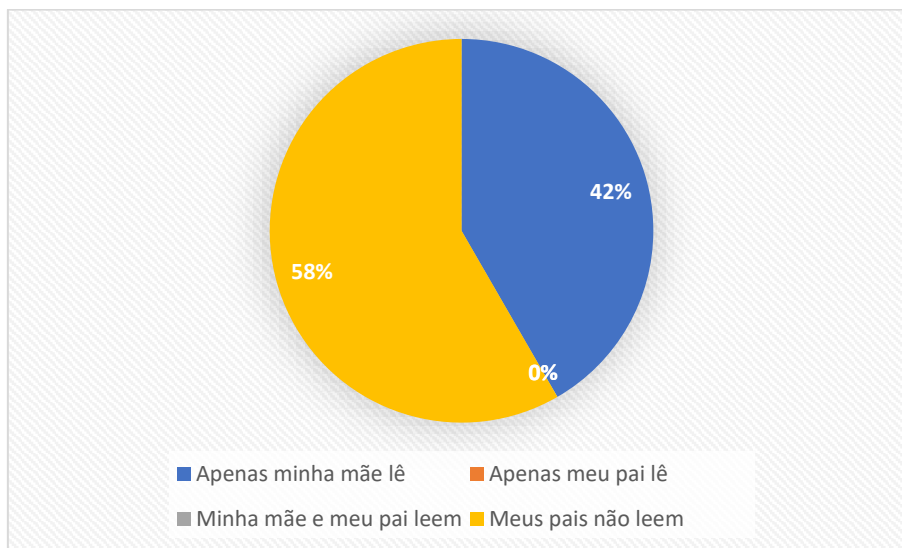


Fonte: Autoria própria (2019).

A maioria dos alunos, 50%, afirmou que leu entre um e três livros durante o ano, 17% que leu mais de quatro, 33% não leu nenhum livro e 0% afirmou ter lido mais de oito livros durante o ano. Apesar de 33% dos alunos afirmarem que não leram nenhum livro no decorrer do ano, acreditamos que eles possam ter lido algum livro, pois nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura é comum que o professor trabalhe com livros literários, realizando a leitura em sala. Esses dados podem, então, referir-se a livros que eles escolheram ler por vontade própria.

Nas questões seguintes, perguntamos sobre os locais em que eles costumavam ler e quais as leituras que gostavam de realizar. A maioria respondeu que lia apenas em casa ou na escola e, entre os tipos de livros, apareceram como preferidos as histórias em quadrinhos, romances e histórias de terror, sendo este último o preferido entre os alunos. Na questão 8 (gráfico 6), buscando informações sobre os hábitos de leitura dos pais, a maioria dos alunos respondeu que os pais não leem, alguns que a mãe lê, não havendo nenhuma resposta para apenas o pai ou os dois – pai e mãe – serem leitores.

Gráfico 6 – Hábitos de leitura dos pais.



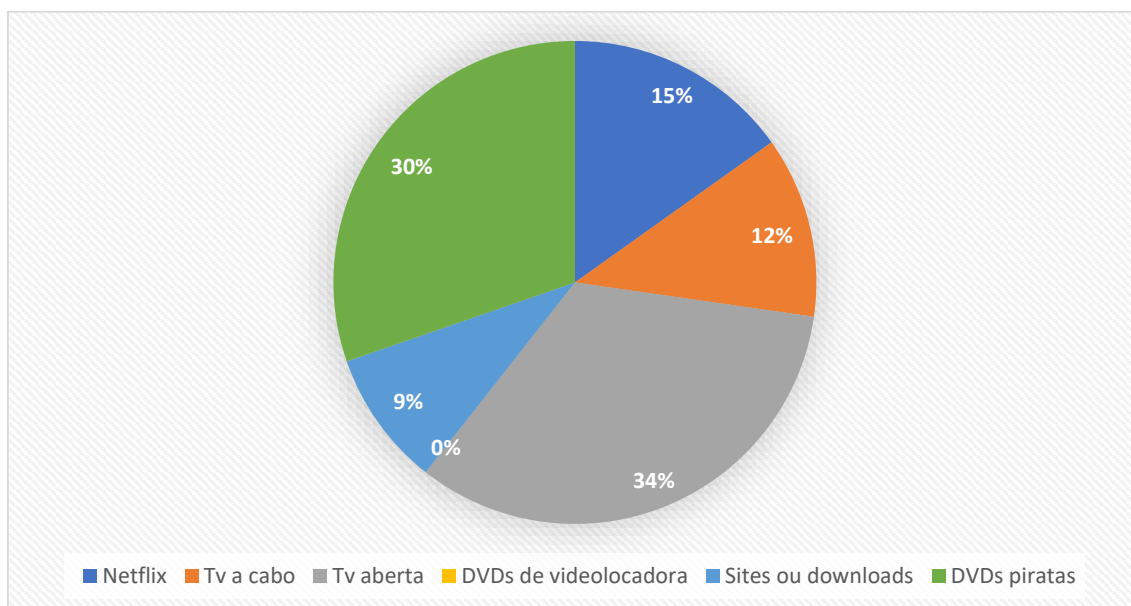
Fonte: Autoria própria (2019).

Confirmando nossas hipóteses já levantadas a partir dos dados sobre a escolaridade dos pais dos alunos, 58% dos alunos afirmou que os pais não leem, o que corrobora nossa previsão de que o incentivo à leitura prevalece, de maneira geral, na escola e não no ambiente familiar.

As questões seguintes do questionário buscaram traçar um perfil dos alunos em relação à presença do cinema em seu cotidiano, seja através da escola ou do ambiente familiar, bem como compreender qual a importância que a sétima arte exerce nas atividades de tempo livre dos alunos. Na primeira questão, perguntamos quem já tido ido ao cinema: 60% dos alunos afirmaram ter ido ao cinema ao menos uma vez; e 40% nunca foram à uma sala de cinema. Por serem residentes da zona rural, este já era um fato esperado por nós.

Na sequência, perguntamos com qual frequência eles costumavam assistir filmes: 100% dos alunos responderam que sempre assistiam a filmes. Diferente do hábito de ler livros, assistir filmes estava presente no cotidiano de todos os entrevistados. Na próxima questão, investigamos acerca das plataformas utilizadas pelos alunos para assistirem aos filmes (gráfico 7).

Gráfico 7 – Plataformas mais utilizadas pelos alunos para assistir filmes.



Fonte: Autoria própria (2019).

A maioria dos alunos, 34%, marcou que assistem filmes na TV aberta. Em seguida, apareceram os DVDs piratas, com 30% das respostas, seguidos da plataforma de *streaming Netflix* (serviço pago) com 15% das respostas, canais de TV por assinatura tiveram 12% das respostas, sites ou *downloads* (considerados, também, uma forma de pirataria) tiveram 9% das respostas. Predominam, então, a TV aberta e os DVDs comercializados ilegalmente como as maiores fontes disponíveis para que os alunos possam assistir aos filmes.

É importante ressaltar que, na TV aberta, o número de filmes estrangeiros exibidos ainda é maior que o número de produções nacionais, objeto de estudo desta pesquisa e protagonista da lei 13.006. Segundo dados da ANCINE, o “Informe de Acompanhamento do Mercado da TV Aberta” identificou a veiculação de 2.082 longas-metragens na grade de programação de 2015 das emissoras que têm sinal aberto. Desse total, foram 384 exibições de 262⁴ obras brasileiras (18,4% das exibições) e 1.698 veiculações de filmes estrangeiros (81,6% das exibições). Canais como Rede Record e Band exibiram entre uma e três obras nacionais. Já o SBT não exibiu nenhum filme nacional no mesmo período.

Em 2019, esse número não mudou muito. De acordo com informações do crítico Mauricio Stycer, do **Blogosfera UOL**, na Rede Globo de Televisão, canal da TV aberta

⁴ Foram consideradas no relatório as exibições repetidas de uma mesma obra.

que detém maior audiência e, também, com o maior número de produções nacionais, apenas 78 dos 700 filmes exibidos eram brasileiros, ou seja, menos de 15% do total de filmes exibidos na emissora. Tais fatos demonstram que o acesso às produções nacionais, através das plataformas mais utilizadas pelos alunos, é escasso, e isso, conseqüentemente, faz com que eles não conheçam as obras nacionais.

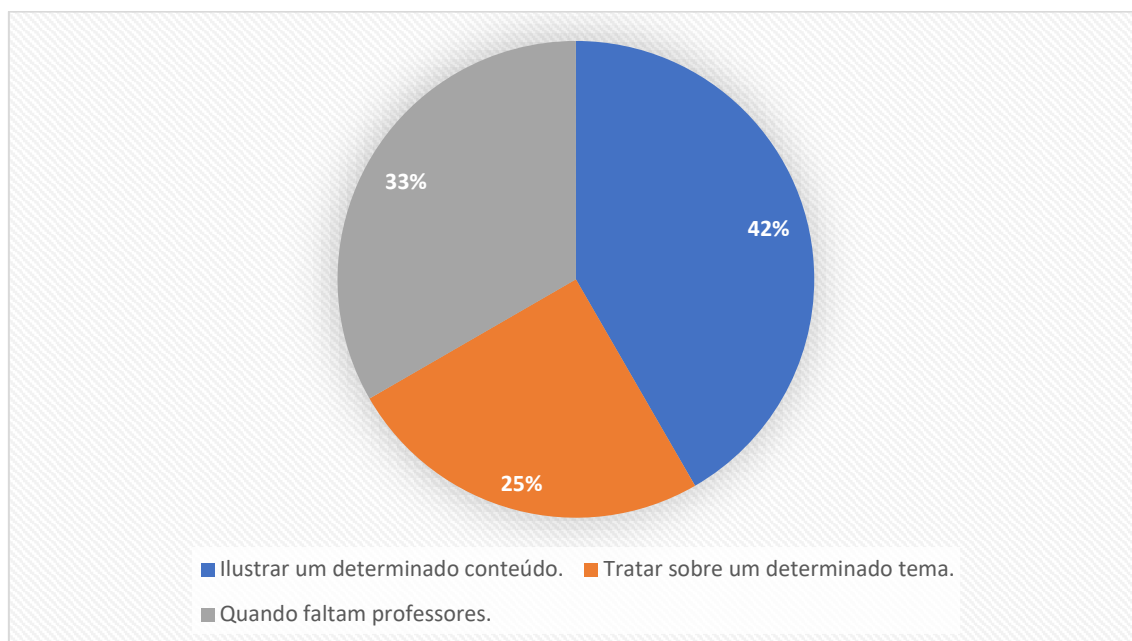
Posteriormente, perguntamos se os alunos gostavam de filmes nacionais e sugerimos alguns títulos mais conhecidos para que eles marcassem quais haviam assistido. Nas respostas, 80% marcaram que gostavam de filmes brasileiros e apenas 20% marcaram que não gostavam. Entre os títulos mencionados como assistidos estavam: filmes da Xuxa, dos Trapalhões e do Mazaroppi, além de títulos como **Tropa de Elite**, **De pernas pro ar**, **Muita calma nessa hora** e **Minha mãe é uma peça**. Dentre adaptações de obras literárias e filmes premiados presentes na lista, como **Central do Brasil**, **Meu pé de laranja lima**, **Lisbela e o Prisioneiro**, **O Auto da Compadecida**, **Menino Maluquinho** e **Uma história de amor e fúria**, nenhum deles foi mencionado.

Na lista dos alunos, prevalecem as comédias populares mais famosas, que se tornaram para eles referências do cinema nacional. Apesar de acreditarmos que toda produção nacional merece ser valorizada, estes filmes não apresentam, em nossa leitura crítica, qualidades estéticas ou uso apurado da linguagem cinematográfica, o que acaba por limitar a experiência sensorial que o cinema é capaz de suscitar em seus espectadores.

Depois de conhecermos um pouco sobre os hábitos de leitura e da relação que os alunos têm com os filmes, nosso questionário concentrou-se no uso do cinema nas disciplinas da escola. Perguntamos se os professores costumavam exibir filmes durante as aulas e todos os alunos responderam afirmativamente. Em seguida, questionamos a frequência com que os filmes eram exibidos pelos professores e a quantidade de filmes que eles já haviam assistido durante aquele ano. Todos os alunos marcaram que assistiram, até aquele momento, cinco filmes ou mais.

Nas questões seguintes, perguntamos sobre a origem dos filmes assistidos na escola, se a exibição era feita com áudio dublado ou áudio original e se as legendas estavam em português. Unanimemente, os alunos responderam que os filmes eram estrangeiros e exibidos com áudio dublado. Neste ponto, percebemos que, de fato, os filmes brasileiros eram pouco, ou quase nunca, explorados pelos professores da escola em suas aulas. Na próxima questão, investigamos se os alunos compreendiam a finalidade dos filmes que eram exibidos durante as aulas (gráfico 8).

Gráfico 8 – Respostas dos alunos sobre a finalidade dos filmes exibidos em sala de aula.

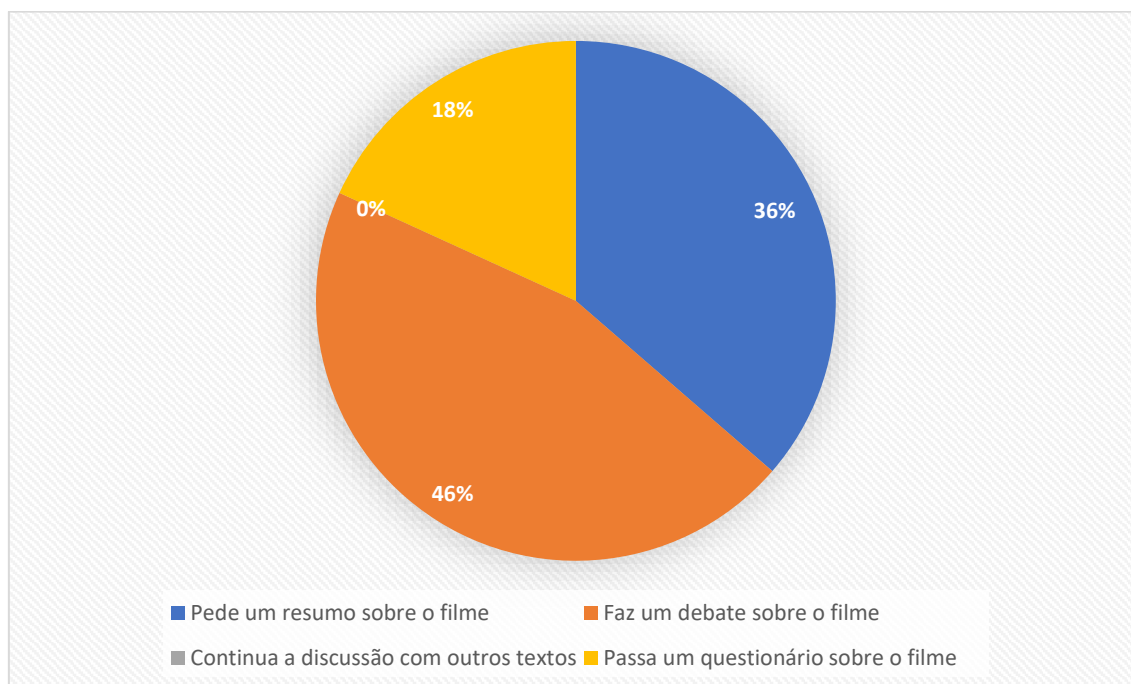


Fonte: Autoria própria (2019).

Como podemos notar no gráfico, os alunos afirmaram que, quando assistem a filmes na escola, eles servem para ilustrar um determinado conteúdo, como uma produção sobre a Segunda Guerra Mundial para mostrar como ocorreu esse conflito. Em seguida, com 33% das respostas, apareceu como justificativa a falta de professores, mostrando que muitas vezes os filmes são usados como alternativas para essa situação em algumas disciplinas na escola. Por último, com 25%, a projeção de filmes é utilizada para tratar sobre determinado assunto, como superação de obstáculos, bullying, entre outros temas transversais que algumas obras cinematográficas podem abordar em sua narrativa.

Na questão seguinte, perguntamos como os professores costumam agir após a exibição dos filmes. O gráfico a seguir demonstra que, após a exibição, o professor costuma debater oralmente a obra com os alunos e, na maioria das vezes, pede um resumo sobre o filme. Algumas vezes, há também um questionário que os alunos precisam responder. Porém, não há diálogo entre o filme e outros textos, sejam literários ou não.

Gráfico 9 – Resposta dos alunos sobre o tratamento dos filmes em sala de aula.



Fonte: Autoria própria (2019).

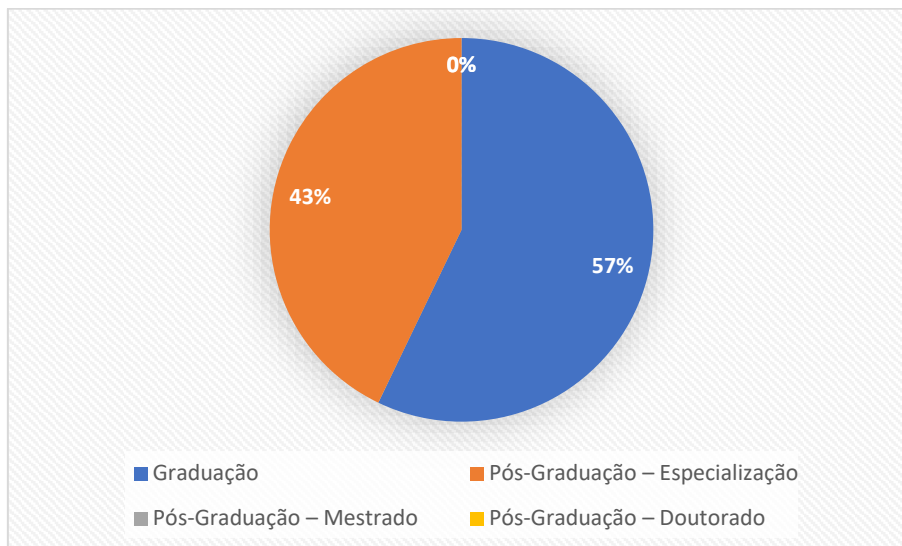
Percebemos que, quando exibidos na escola, os filmes servem como uma estratégia para melhorar as aulas, torná-las mais dinâmicas e atrativas aos alunos, porém, diferente do que costuma ocorrer com textos literários, que costumam ser “dissecados” nas aulas de Língua Portuguesa para se compreender o significado da linguagem utilizada, nenhum trabalho é realizado com os filmes no sentido de compreender a narrativa fílmica e a linguagem cinematográfica, ampliando a compreensão dos alunos sobre a obra.

Compreendemos que o debate sobre o filme e os questionários aplicados pelos professores em aula são uma forma de aumentar a compreensão sobre a obra cinematográfica, contudo os elementos que a compõem, como fotografia e trilha sonora, são deixados de lado, o que minimiza a percepção dos alunos sobre a arte do cinema e, conseqüentemente, impede que eles possam fazer uma leitura mais aprofundada e, talvez, alcançar uma leitura estética do filme.

Perguntamos, também, em quais disciplinas os professores já haviam exibido filmes durante as aulas. Com exceção das disciplinas de Educação Física e Valores Humanos, os alunos afirmaram que todos os outros professores já haviam exibido filmes em suas aulas. Desta forma, sabemos que os filmes são utilizados em sala, praticamente, em todas as disciplinas e que os filmes nacionais não possuem destaque nesse ambiente.

Como parte de nossa pesquisa, também aplicamos um questionário aos professores da escola, visando compreender um pouco sobre sua formação acadêmica, relação com a leitura e, também, com a sétima arte, ou seja, o cinema. Na primeira questão, pedimos que eles informassem sua titularidade acadêmica, exposta no gráfico a seguir:

Gráfico 10 – Escolaridade dos professores da escola.



Fonte: Autoria própria (2019).

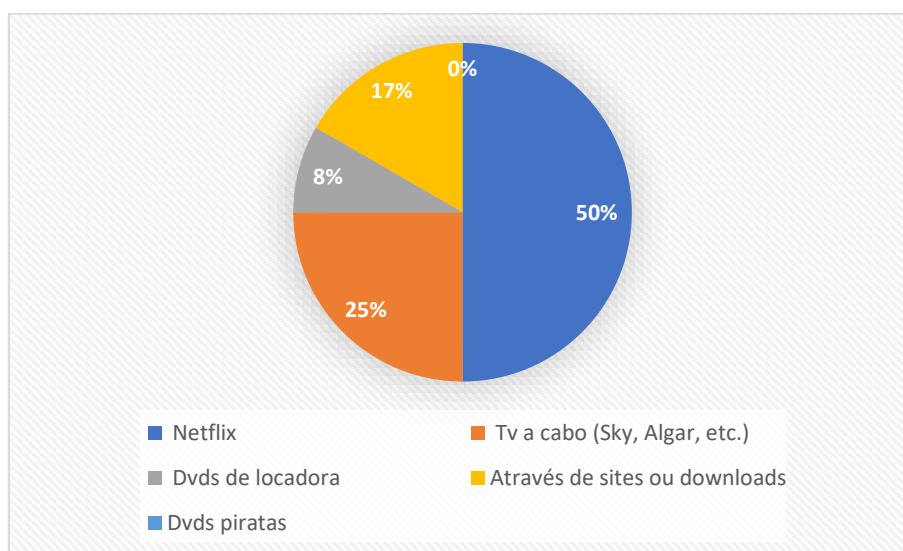
Entre os professores entrevistados, 43% possuem especialização em alguma área do conhecimento e 57% possuem licenciatura em área específica. No quadro de professores da escola, não há mestres ou doutores, porém, somando a graduação e especialização, os dados comprovam que 100% dos professores possuem formação específica em sua área de atuação, acima da média de Minas Gerais, de 80,2%, que foi divulgada pelo **Anuário Brasileiro da Educação Básica**, em 2019. Este é um dado comum das escolas de Educação Básica do município de Uberaba, uma vez que para investidura nos cargos é necessário comprovar titularidade acadêmica compatível com as aulas que serão ministradas.

Nas questões seguintes, solicitamos que os professores indicassem seus hábitos de leitura. Quando questionados se liam com frequência, 100% dos professores marcaram que sempre liam. Do total, 20% disseram que leram entre um e três livros durante o ano e 80% marcaram que leram entre quatro e oito livros. Contudo, estes dados ficam abaixo da média nacional para leitores que possuem Ensino Superior, que é de 10,87 livros lidos por ano, conforme a pesquisa **Retratos da Leitura no Brasil**.

Embora sejamos defensores da importância da leitura para a sociedade, bem como para os professores que se beneficiam diretamente do conhecimento proporcionado por sua prática, compreendemos que, muitas vezes, devido à rotina de trabalho, que pode ocupar quase a totalidade de seu tempo entre aulas e planejamentos, os professores escolhem outros hábitos que não exijam tanto do seu intelecto para se ocupar ou relaxar em seu tempo livre, ficando, assim, a leitura relegada a segundo plano.

Em seguida, investigamos a relação dos professores com a sétima arte, tanto em sua vida pessoal quanto em sua prática escolar. Em questões direcionadas ao hábito de assistir filmes, os professores relataram que não vão muito ao cinema, porém costumam assistir filmes em casa com frequência. As formas mais comuns de assistir os filmes estão representadas no gráfico a seguir:

Gráfico 11 – Plataformas mais utilizadas pelos professores para assistir filmes.



Fonte: Autoria própria (2019).

Dentre os professores, a forma mais comum de assistir filmes é o serviço de *streaming Netflix*, com 50% das respostas, seguido da TV por assinatura, com 25%, e de *sites* ou *downloads*, com 17%. De acordo com o site **TecnoBlog**, dos 2.926 títulos disponíveis no Brasil através da *Netflix*, apenas 70 deles são de produções brasileiras. Mais uma vez, percebemos que o cinema nacional, na plataforma mais utilizada pelos professores, não possui grande destaque, o que impede que os próprios tenham mais acesso às obras nacionais.

Perguntamos se os professores gostavam de filmes nacionais e todos responderam que sim. Oferecemos, em seguida, uma lista de obras para que eles marcassem quais já

havia assistido. Entre populares e cinema considerado fora de circuito, ou *cult*, outra vez as respostas variaram entre comédias populares ou filmes de sucesso de público, como **Cidade de Deus**, **Central do Brasil** e **O pagador de promessas**.

Devemos pontuar que o fato de os professores não conhecerem obras consideradas menores, no sentido de sucesso entre público e/ou publicidade, não em qualidade, não é por falta de informação, mas sim responsabilidade do mercado cinematográfico brasileiro. Obras ditas autorais, como **Aquarius** e **Madame Satã**, presentes no questionário e não selecionadas pelos professores, costumam ficar restritas à exibição nos cinemas das capitais brasileiras ou figurar apenas em festivais de cinema, não sendo exibidas na TV e, posteriormente, caindo no limbo dos ótimos filmes brasileiros que apenas cinéfilos e estudiosos conhecem.⁵

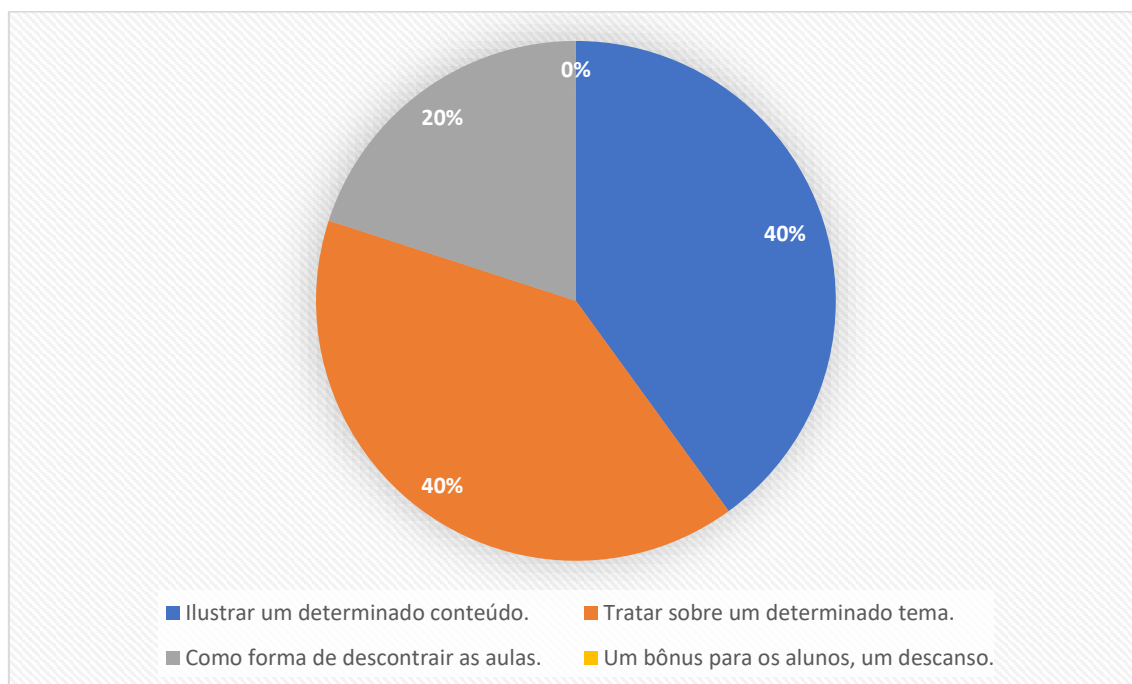
Após indicar quais filmes nacionais já haviam assistido, oferecemos uma lista com alguns filmes e pedimos que selecionassem aqueles que eles consideravam terem sido adaptados de obras literárias. Oferecemos na lista doze produções, todas adaptadas de livros. Mostrando conhecimento das adaptações, os professores selecionaram todas as obras, demonstrando possuírem conhecimento sobre o processo frequente de adaptação de obras literárias para o cinema.

Na próxima questão, perguntamos se eles estavam familiarizados com a Lei 13.006 e, constatando nossa hipótese de que a lei ainda não é aplicada na escola e que era pouco conhecida pelos professores, apenas um professor relatou conhecer a lei e saber sobre seu conteúdo. Na questão seguinte, sobre o uso dos filmes nas aulas, 75% dos professores disseram que às vezes utilizam e 25% afirmaram que sempre utilizam filmes em suas aulas. Sobre a origem dessas obras, 60% dos professores afirmaram utilizar filmes nacionais e estrangeiros e 40% afirmaram utilizar apenas estrangeiros.

Para compreender como os filmes eram utilizados nas aulas, aplicamos a mesma questão presente no questionário dos alunos para, assim, confrontar com as respostas dadas por eles. No gráfico 12, apresentamos os métodos utilizados pelos professores após exibição dos filmes.

⁵ É útil indicar que filmes como **Aquarius** e **Bacurau**, ambos aclamados pela crítica cinematográfica, ficaram em cartaz na cidade de Uberaba por apenas uma semana cada um, perdendo espaço, provavelmente por falta de público, para filmes conhecidos como *blockbuster*.

Gráfico 12 – Finalidade dos filmes utilizados pelos professores.

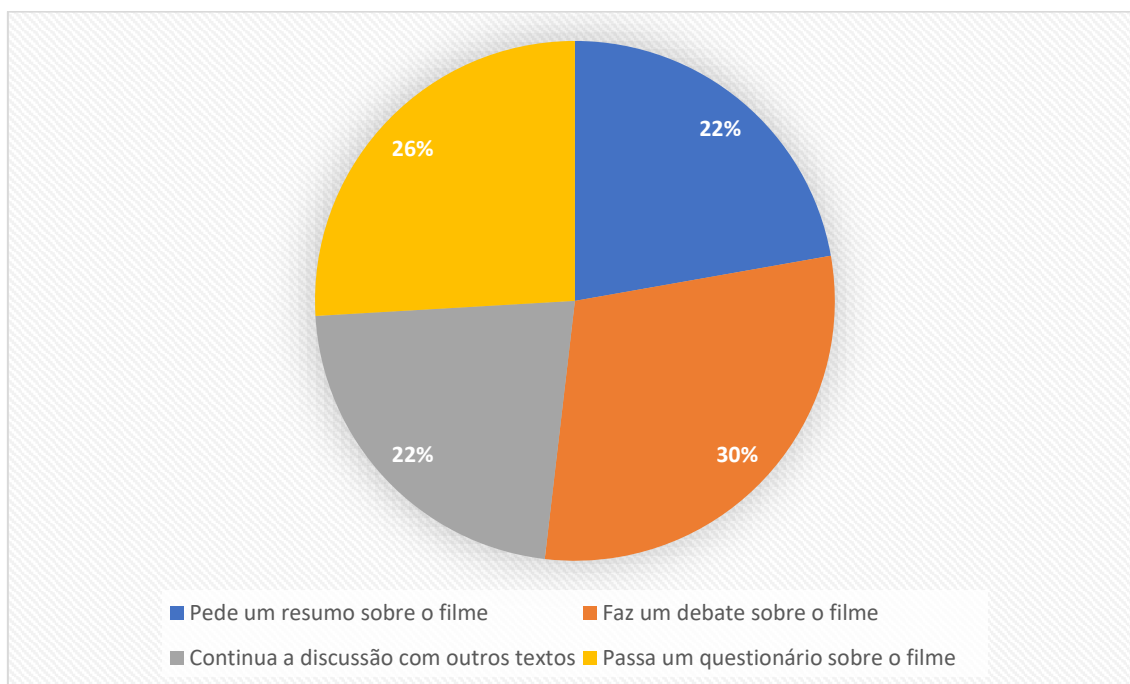


Fonte: Autoria própria (2019).

Conforme demonstrado no gráfico, os filmes são utilizados, prioritariamente, para tratar sobre um determinado tema ou ilustrar o conteúdo lecionado, cada um com 40%. Em seguida, com 20%, a utilização dos filmes aparece como uma forma de descontrair as aulas, ou seja, torná-las mais agradáveis para os alunos. Devido à escassez de recursos nas escolas públicas, não nos surpreendemos com o fato de um filme surgir como um alento das tradicionais aulas permeadas pelo tripé pincel-quadro-livro. No entanto, nenhum professor marcou a opção de que os filmes seriam um bônus para os alunos, uma forma de descanso das aulas.

Após a exibição do filme, como demonstramos no gráfico 13, os professores afirmam seguir a mesma fórmula em todas as disciplinas. Pedem um resumo sobre o filme (22%), continuam a discussão com outros textos (22%), passam um questionário sobre o filme (26%) ou fazem debate (30%).

Gráfico 13 - Métodos utilizados pelos professores após exibição dos filmes.

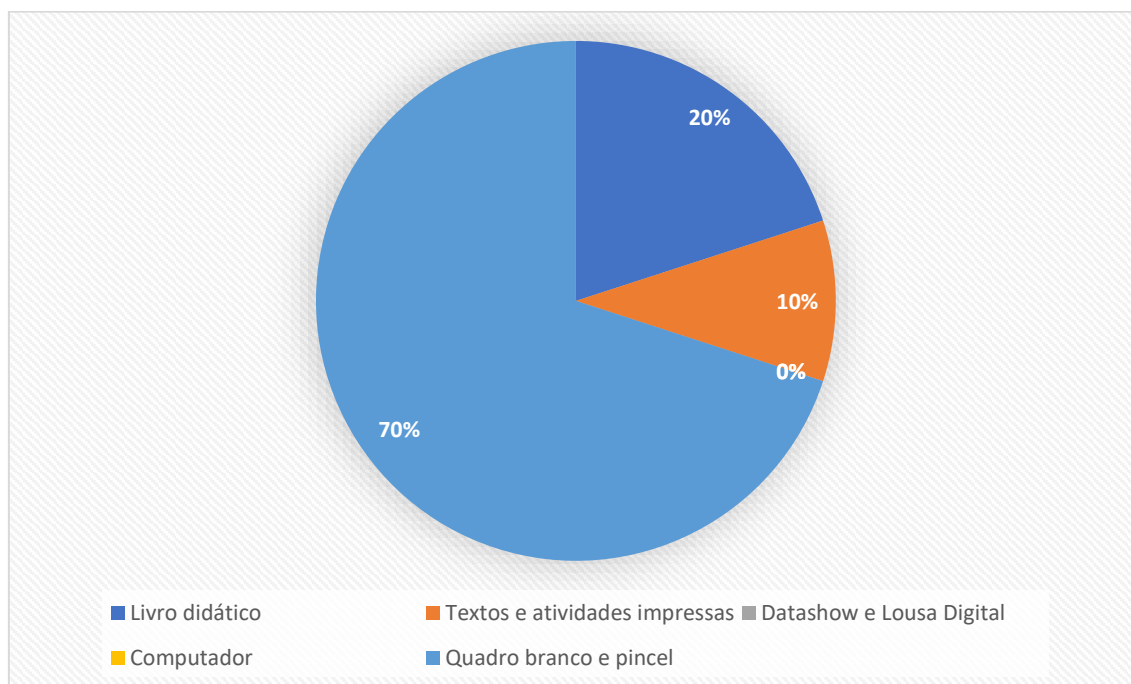


Fonte: Autoria própria (2019).

Todas as respostas condizem com o que os alunos responderam anteriormente, com exceção da discussão realizada com outros textos. Concluimos que, quando usado para ilustrar um conteúdo ou abordar sobre um determinado tema, muitos professores podem voltar à temática do livro didático ou algum outro texto ou mídia (vídeos, músicas etc.) e talvez isto não seja percebido pelos alunos.

Para compreender um pouco mais sobre a prática diária do professor, perguntamos quais os recursos que eles mais utilizavam em suas aulas e, de acordo com suas experiências, quais eram os maiores desafios encontrados para se realizar um bom trabalho em sua profissão. No gráfico a seguir, mostramos os recursos didáticos mais utilizados, em que os professores poderiam marcar apenas uma alternativa entre as que constavam no questionário.

Gráfico 14 – Recursos mais utilizados pelos professores.



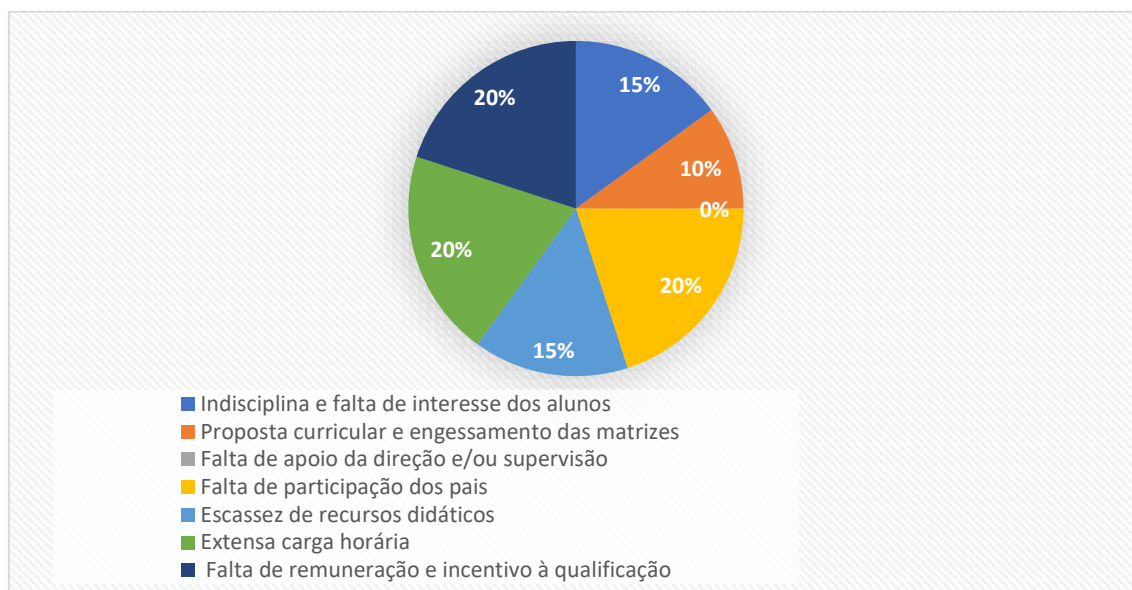
Fonte: autoria própria (2019).

Como podemos perceber, o recurso mais utilizado pelos professores é o quadro e o pincel, representando 70% das respostas. É uma realidade comum das escolas públicas, carentes de recursos para investir em novos métodos de ensino e tecnologia educacional. Em segundo lugar, com 20%, aparece o livro didático, seguido de textos e atividades impressas, que são elaboradas pelos próprios professores. Sem representatividade na lista, o computador, o *datashow* e a lousa digital não figuraram entre as respostas.

Devemos ressaltar que a escola dispõe de um laboratório de informática, entretanto não há quantidade de computadores suficientes para cada aluno. Além disso, para utilizar estes recursos tecnológicos, os professores precisam revezar seu uso, podendo utilizá-los apenas uma vez durante a semana. Outro fator que impede o aproveitamento destes recursos é a manutenção dos computadores, muitos demoram meses para serem consertados e o acesso à internet é de baixa qualidade. Devido à localização da escola, o sinal é fraco e muitas vezes não funciona, o que compromete o planejamento do professor, que desiste destes recursos após várias tentativas frustradas de utilizá-los.

Por último, sobre os principais empecilhos que o professor enfrenta no seu cotidiano de trabalho, apresentamos os seguintes resultados:

Gráfico 15 – Problemas enfrentados pelos professores em sua prática diária.



Fonte: Autoria própria (2019).

Como maiores desafios para os professores, aparecem empatados, com 20%, a falta de participação dos pais na vida escolar dos filhos, a extensa carga horária de trabalho e a falta de remuneração e incentivo à qualificação profissional. Com 15 %, a indisciplina e falta de interesse dos alunos e a escassez de recursos didáticos. Estes dados são vivenciados pelo autor desta pesquisa, que, em meio ao trabalho em três unidades de ensino e sem incentivo financeiro para a pesquisa, exerce um trabalho de oposição ao buscar alternativas para melhorar a qualidade de suas aulas e contribuir para a melhoria da qualidade de ensino.⁶

Defendemos que o professor necessita ser valorizado, seja através de políticas públicas para melhoria da educação, incentivo à pesquisa e qualificação e melhorias na qualidade de trabalho. Entretanto, a partir do momento que nós, professores, aceitamos a difícil tarefa de sermos educadores, precisamos enfrentar as adversidades da nossa profissão e oferecer nosso melhor aos alunos, crianças e adolescentes, que são confiados a nós para que possamos oferecer a eles caminhos para a realização de seus sonhos e possível mudança de suas realidades.

⁶ O regulamento do Programa de Mestrado Profissional em Letras não permite que o aluno se afaste da docência para a realização da pesquisa, devido à necessidade de aplicação do plano de intervenção em uma turma em que ele atue como professor. Além disso, a oferta de bolsas diminuiu consideravelmente nos últimos anos, o que leva os alunos do mestrado a precisarem trabalhar em mais de uma unidade de ensino. Em razão dessas dificuldades, o único caminho para finalizar a pesquisa é a prorrogação de prazo e o trabalho intenso nas férias e nos feriados.

A partir dos questionários, pudemos conhecer um pouco sobre os hábitos de leitura dos alunos e dos professores da escola, bem como sobre sua relação com o cinema, dentro e fora da escola. Estes dados foram fundamentais para que pudéssemos construir nosso plano de intervenção, que será apresentado de forma sucinta no próximo tópico.

3.1 PLANO DE INTERVENÇÃO

Frequentemente, a obra literária é substituída nas aulas de Língua Portuguesa e/ou Literatura pela sua adaptação cinematográfica, que se considera como uma linguagem mais acessível e dinâmica, para ilustrar determinado livro, sem chegar de fato à leitura do original. Defendemos que a adaptação cinematográfica não substitui a leitura da obra literária, afinal, uma vez adaptada para uma nova linguagem, ela perde suas características literárias. Formar leitores competentes e que se sintam atraídos pela Literatura é um desafio constante da escola, principalmente se levarmos em consideração a prevalência da cultura digital entre os jovens e a escolarização dos textos literários. É pertinente, então, encontrar meios que ofereçam uma experiência integrada entre as duas linguagens, literária e cinematográfica, de modo que uma não substitua a outra, mas se complementem.

É crescente em nosso país o número de pessoas que não possuem o hábito de ler obras literárias ou que costumam trocar o livro pela adaptação cinematográfica. Nas escolas é comum que sejam utilizadas adaptações de obras literárias para que os alunos conheçam a história do livro, porém não se chega de fato a ler a obra. Para Zilberman (1991), os meios de comunicação de massa audiovisuais competem diretamente com o consumo dos livros. Segundo a autora, passou-se da predominância da cultura oral para a predominância do audiovisual, sendo este mais instrumentalizado e popularizado rapidamente.

Assim, torna-se imprescindível que a escola e o professor procurem novos meios de formar leitores competentes, capazes de transitar entre as adaptações das obras ao texto integral (BRASIL, 2001). Pelo exposto, nossa intervenção pretende, a partir da exibição de uma adaptação cinematográfica, levar o aluno a se interessar pela obra na qual o filme foi baseado, tornando o audiovisual, no caso o filme, um aliado e não um inimigo dos leitores. Pretendemos aliar a exibição da adaptação à efetiva leitura da obra literária, mediando o contato que os alunos terão com ambas as artes, dando suporte para que aprendam a ler tanto o livro quanto o filme.

Nosso público alvo são alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II, matriculados na Escola Municipal Frederico Peiró, localizada no bairro rural Peirópolis, no município

de Uberaba. Peirópolis é um importante bairro turístico da cidade, destacando-se pelos fósseis de dinossauros encontrados na região. Por se tratar de uma escola rural, as turmas possuem número de alunos reduzidos, formadas, principalmente, por filhos de trabalhadores do campo.

A turma selecionada possui doze alunos e, apesar do pequeno número, consideramos que ela não se difere de outras mais numerosas em relação aos hábitos de leitura ou acesso ao cinema nacional, conforme pudemos constatar através dos dados obtidos com nosso questionário. Nosso trabalho será desenvolvido durante as aulas de Literatura, presente na matriz curricular da Prefeitura de Uberaba como disciplina obrigatória, com carga horária de 50 minutos semanais. As atividades que necessitarem de maior tempo de execução serão realizadas a partir de “empréstimos” das aulas de outras disciplinas, com posterior compensação da carga horária⁷.

OBJETIVOS GERAIS

- Assistir adaptações da obra literária **O meu pé de laranja lima**, de José Mauro de Vasconcelos;
- Ler a obra literária integralmente;
- Estimular hábitos de leitura;
- Contrastar a linguagem literária e a linguagem cinematográfica;
- Avaliar a contribuição das adaptações no processo de formação de leitores.

METODOLOGIA / ESTRATÉGIAS DE AÇÃO

1º Momento (1 aula de 50 min) – 1ª semana

Assistir a um episódio da série animada **Mansão Foster Para amigos Imaginários**, conhecer a obra **O meu pé de laranja lima** e redigir um texto sobre a infância de cada um (como tarefa de casa).

Objetivos:

- Realizar uma roda de conversa com os alunos acerca da definição de amigo imaginário e como essa criação do inconsciente das crianças pode ajudá-las na preparação para lidar com os anseios da infância;

⁷ Ao elaborar nossas atividades do plano de intervenção, optamos por adaptar as atividades ao contexto social e escolar dos estudantes e valorizar o espaço em que a escola está inserida, não seguindo, assim, uma metodologia específica.

- Introduzir a temática do livro **O meu pé de laranja lima**, pesquisando sobre a obra e o autor no laboratório de informática;
- Estimular a escrita.

2º Momento (2 aulas de 50 min) – 2ª semana

Assistir à adaptação cinematográfica **Meu pé de laranja lima** de 1970, dirigida por Aurélio Teixeira, e fazer um debate sobre o filme.

Objetivos:

- Explorar qual o papel do amigo imaginário de Zezé no filme e qual a relação que ele exerceu na superação dos problemas da sua infância;
- Conhecer a adaptação do livro;
- Intermediar um debate sobre o filme, explorando conceitos técnicos da linguagem cinematográfica, como trilha sonora, fotografia e montagem, questionando qual a relação que elas tiveram na composição de cenas do filme.

3º Momento (1 aula de 50 min) – 3ª semana

Piquenique no gramado do museu⁸ – durante a realização do piquenique realizaremos um jogo de perguntas e respostas sobre o livro e o autor. Quem acertar, recebe um exemplar do livro como prêmio (mesmo que algum aluno não saiba responder, todos receberão o livro). Promover o primeiro contato com a obra. Solicitar que comecem a leitura da obra, sem definir páginas ou capítulos.

Objetivos:

- Conhecer o autor do livro;
- Compreender o contexto de produção da obra;
- Explorar as características físicas do livro (índice, prólogo, capítulo, capa, contracapa, entre outros)

4º Momento (1 aula de 50 min) – 4ª semana

Realizaremos o plantio das mudas de rosas em pequenos vasos de cerâmica. Cada aluno receberá uma muda, vaso e terra adubada para plantar. Explicar para eles que o crescimento da muda e desabrochar dos botões de rosas depende do cuidado diário, assim como a leitura,

⁸ O Museu dos Dinossauros é um dos principais pontos turísticos da cidade, além de ser um centro de referência nacional em paleontologia e possuir em seu acervo diversos fósseis de dinossauros encontrados na região.

que também não pode ser esquecida. A muda representará o desenvolvimento das habilidades de leitura de cada um, devendo crescer de forma saudável.

Objetivo:

- Ressaltar a importância do cultivo da leitura através de hábitos diários.

5º Momento (2 aulas de 50 min) – 5ª e 6ª semana

Leitura coletiva do primeiro capítulo do livro em sala, fazendo mediação entre o texto e os alunos. Entrega dos diários de leitura e incentivo para que registrem no diário as impressões causadas pela leitura (os diários serão produzidos pelos próprios alunos).

Leitura do Capítulo II e apresentação da “Árvore dos Significados” (na parede da sala haverá uma árvore em que, durante a leitura, ao se deparar com uma palavra desconhecida, o aluno buscará seu significado no dicionário e anotará em uma das folhas da árvore, preenchendo o tronco da árvore com novas folhas). Solicitar que os alunos terminem a leitura da primeira parte do livro em casa (capítulos 3, 4 e 5).

Objetivos:

- Promover a leitura da obra com mediação do professor;
- Incentivar o registro da leitura feita por eles;
- Elaborar um glossário com as palavras desconhecidas;
- Estimular o uso do dicionário durante a leitura do livro.

6º Momento (1 aula de 50 min) – 7ª semana

Roda de leitura em que cada aluno realizará a leitura oral do texto sobre sua infância. Em seguida, serão convidados a tecer comentários sobre as impressões que a leitura do livro tem causado, utilizando, também, o diário, suas anotações e buscando relacionar a infância de Zezé à própria infância do aluno.

Objetivo:

- Desenvolver habilidades de leitura crítica e comparação do mundo literário com o mundo real.

7º Momento (5 aulas de 50 min) – próximas 5 semanas

Assistir a uma nova adaptação do livro (versão de 2013) e realizar atividades de exploração das linguagens literária e cinematográfica.

Objetivos:

- Contrastar a linguagem literária e a linguagem cinematográfica;

- Identificar passagens no livro e refletir como foram transpostas para o filme;
- Perceber o uso de trilha sonora e fotografia na criação de momentos dramáticos nos filmes;
- Explorar tipos de narrador, discurso direto e indireto, espaço e tempo nas duas narrativas.

8º Momento (2 aulas de 50 min)

Ao término da leitura do livro realizaremos um café literário e, de forma descontraída, faremos um debate sobre o livro e as impressões deixadas pela leitura em cada aluno. Convidaremos a equipe diretiva, professores e alunos da escola para participar conosco do café literário.

Objetivos:

- Estimular a participação crítica dos alunos frente ao desafio da leitura integral de um livro;
- Promover a troca de experiências e saberes vivenciais entre os alunos e outros membros da escola/comunidade.

RECURSOS PEDAGÓGICOS

- Sala de vídeo na escola, equipada com projetor e caixas de som;
- Livro **O meu pé de laranja lima**, de José Mauro de Vasconcelos;
- Folhas A4 para as atividades escritas;
- Cópias das atividades que serão elaboradas;
- Mudas, vasos e adubo;
- Caderno pequeno para confecção dos diários de leitura;
- Papel pardo e color set verde para a confecção da árvore.

Esperamos que, ao aplicar o plano de intervenção, os alunos desenvolvam um novo olhar sobre o livro literário e que possam ao final escolher outras obras e lerem sozinhos, bem como assistir uma adaptação e reconhecer as qualidades e especificidades da linguagem cinematográfica. No próximo capítulo, detalharemos a aplicação deste plano de intervenção e o resultado que alcançamos com o desenvolvimento das atividades aqui propostas.

4 ATIVIDADES DE INTERVENÇÃO

Como mencionado anteriormente, as atividades de intervenção que realizamos em sala de aula foram aplicadas em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental⁹ e estão divididas, neste capítulo, em sete etapas, as quais consideramos como “momentos”. No primeiro momento, realizamos atividades de pré-leitura e motivação a partir da exibição de um desenho animado sobre amigo imaginário, pesquisa sobre o autor José Mauro de Vasconcelos e escrita de uma redação sobre a infância. No segundo momento, assistimos à primeira adaptação cinematográfica do livro **O meu pé de laranja lima** e realizamos atividades sobre o filme. No terceiro momento, realizamos um piquenique para a entrega dos livros aos alunos, iniciamos a leitura e a produção dos diários.

Em seguida, fizemos uma atividade lúdica para conscientizar os alunos sobre a importância dos hábitos de leitura (plantio das mudas) e montamos nossa árvore dos significados. No quinto momento, assistimos à segunda adaptação do livro e realizamos atividades direcionadas para o estudo e compreensão da linguagem cinematográfica. No sexto momento, analisamos os diários de leitura. No sétimo e último, realizamos a culminância do projeto com um café literário. A figura a seguir ilustra o caminho que percorremos através do nosso plano de intervenção:

Imagem 1 – Esquema do plano de intervenção.



Fonte: Autoria própria (2019).

⁹ O registro das atividades foi realizado diariamente em bloco de anotações e/ou gravação de voz e, posteriormente, transcritas para o desenvolvimento deste trabalho.

4.1 MOTIVAÇÃO PARA LEITURA DA OBRA

No primeiro momento, reunimo-nos na biblioteca da escola, que possui um *datashow* e, normalmente, é o lugar que utilizamos para projetar vídeos, para assistir a um episódio da série animada **A mansão Foster para amigos imaginários**. No desenho, um garoto, que possui um amigo imaginário como seu companheiro, é obrigado pela família a levá-lo para a mansão do título, que é um abrigo para amigos imaginários órfãos. Nosso objetivo era inserir a temática do amigo imaginário, presente na obra **O meu pé de laranja lima**, para os alunos que ainda não conheciam tal conceito.

Após a exibição, organizamos as cadeiras e sentamos em um círculo para conversarmos sobre o vídeo. Alguns alunos relataram que, quando menores, possuíam amigos imaginários. Uma das alunas disse que seu amigo imaginário era uma menina comum, diferente do desenho, em que eles possuem formas não humanas. Outra aluna relatou que seu amigo imaginário era um urso que conversava sempre com ela, além de participar de suas brincadeiras.

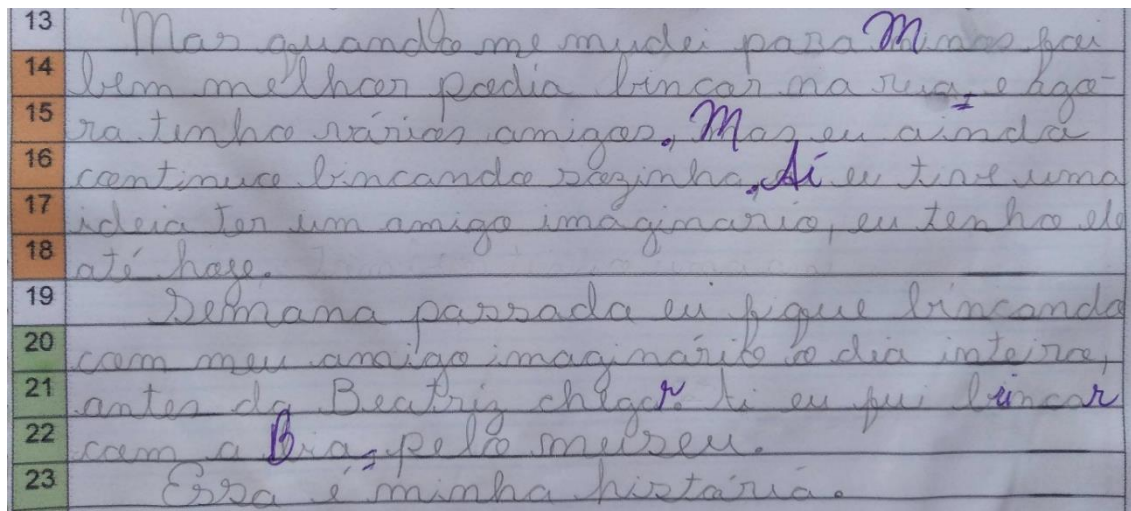
Conduzimos oralmente uma reflexão acerca do que eles compreendiam sobre imaginação. Os alunos responderam a algumas questões como: “O que é a imaginação?”; “Por que a imaginação é importante para nós?”; “Podemos viver em um mundo sem imaginação?”. As respostas, bem criativas e sensatas, revelaram que os alunos julgam a imaginação importante pois, como nem sempre a vida é fácil, é necessário que tenhamos formas para tornar as coisas mais belas, divertidas, para fugirmos da realidade, que nem sempre é a ideal.

Após as reflexões, perguntamos a eles se conheciam outras obras, como filmes, novelas, livros ou séries, que possuíam personagens que tinham amigos imaginários. A maioria respondeu que já tinha visto em desenhos, porém eles não conseguiam se lembrar em qual, outros disseram que não conheciam. Entre os alunos que disseram não conhecer obras que possuíam amigos imaginários, estava um aluno que havia respondido ter um amigo imaginário, o que nos faz refletir sobre a presença deles na vida das crianças, mesmo aquelas que não tiveram contato com esse tipo de manifestação em outros lugares.

Após nossa conversa, pedimos como tarefa de casa que cada um escrevesse um pequeno texto contando sobre seus primeiros anos de infância, o que lembravam, como eram, se moravam no mesmo lugar, estudavam na mesma escola, se tinham outros amigos, animais de estimação etc. Na aula seguinte, fizemos novamente um

círculo e solicitamos que eles lessem as redações. A seguir, inserimos um fragmento de uma redação dos alunos:

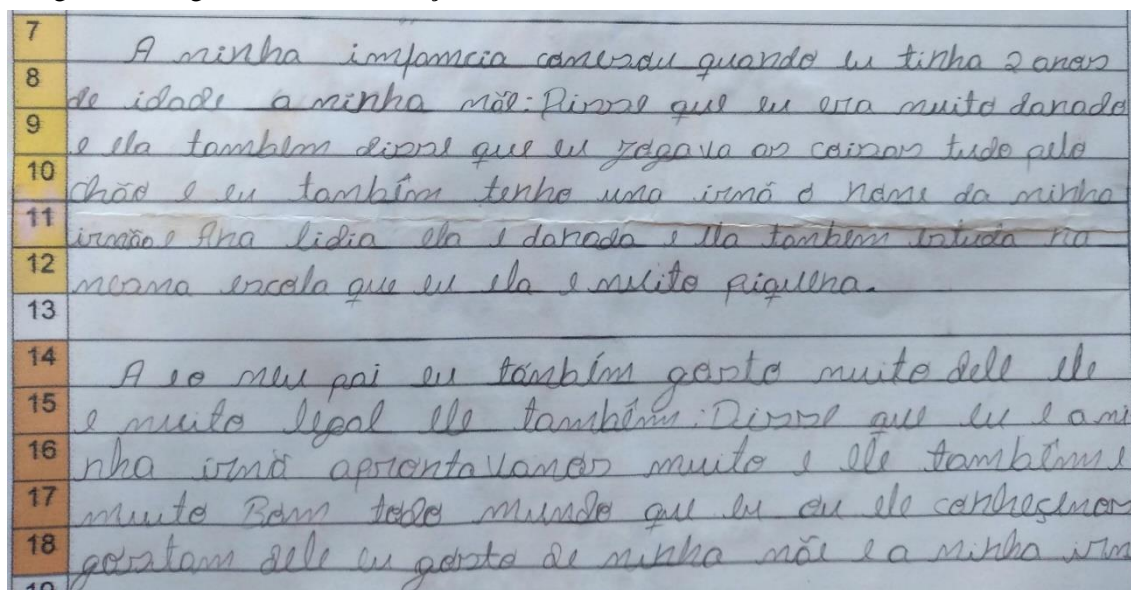
Imagem 2 - Fragmento de uma redação dos alunos.



Fonte: autoria de um dos participantes da pesquisa (2019).

Em seu texto, o aluno destaca a importância de ter se mudado para um lugar em que pode brincar na rua, o que possibilita ter vários amigos. Seu texto revela que, mesmo que hoje tenha mais amigos 'reais', ele ainda continua brincando com seu amigo imaginário quando está sozinho esperando algum amigo, em seu caso, a Bia. Outro aluno escreveu um relato sobre como seus pais o descreveram quando ele era menor:

Imagem 3 - Fragmento de uma redação dos alunos.



Fonte: autoria de um dos participantes da pesquisa (2019).

Pelo texto do aluno, percebemos que ele conversou com seus pais para saber como foi sua infância, preocupando-se em marcar com que idade ela começou, uma informação mais importante para o mundo adulto do que para a criança. Nesse relato, temos a voz dos pais, que destacam que os filhos são ‘danados’ e ‘aprontam’ muito. O importante para o aluno parece ser destacar que ele gosta muito do pai, da mãe e da irmã. Temos, neste pequeno relato, a subjetividade desse aluno ao falar de sua família quando teve como tarefa escrever sobre sua infância.

Conhecer um pouco da infância dos alunos e ter esse momento para que eles dividissem suas memórias com a turma foi importante para pensarmos na relação que eles poderiam estabelecer com o personagem principal do livro, o Zezé. Assim como os alunos, Zezé era um menino levado, que aprontava muitas travessuras e era sempre castigado por isso. Buscamos, através das redações, construir elos que serviriam para estabelecer relações, inclusive afetivas, entre os estudantes e o personagem do livro.

Como este seria, para a maioria, o primeiro livro de leitura integral, ao escolhermos a obra, pensamos que poderia haver uma aproximação dos leitores com o personagem principal e que eles poderiam reconhecer no Zezé algo deles mesmos. Jouve (2013) destaca que esta é uma característica benéfica do ponto de vista pedagógico. Segundo o autor, “é mais fácil, no plano pedagógico, fazer com que um aluno se interesse por um objeto que fale dele próprio; e não é desinteressante, no plano educativo, completar o saber sobre o mundo pelo saber sobre si” (2013, p. 53-54). Assim, nosso objetivo era que, pelo livro, os alunos conhecessem mais sobre si mesmos, utilizando seu saber sobre o mundo e experiências pessoais, tão próximas às do protagonista da obra.

Após a leitura das redações, iniciamos reflexões sobre **O meu pé de laranja lima**, dizendo que quando éramos mais novos havíamos lido um livro em que um menino muito levado tinha um amigo imaginário, um pé de laranja pequeno, que falava e dava conselhos para ele. Os alunos acharam engraçado e disseram que conheciam pessoas que falavam mesmo com as plantas para elas crescerem mais fortes. Perguntamos se alguém conhecia esse livro e a resposta, unânime, foi não. Perguntamos se eles gostariam de conhecer, porém eles não se mostraram muito empolgados. Dissemos, então, que havia um filme desse livro e que poderíamos vê-lo. Nessa hora, todos gostaram e falaram que queriam mesmo era ver o filme. O livro seria o desafio, então.

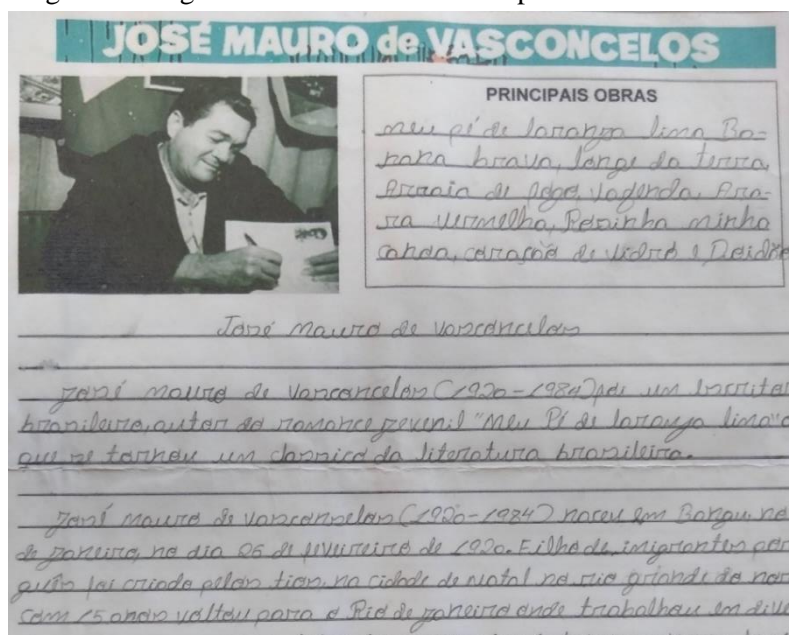
Deparamo-nos neste momento com a questão central do nosso trabalho: os jovens preferem o audiovisual em detrimento dos livros. Convencer uma turma a assistir um filme foi tarefa fácil, realizar a leitura de um livro necessitaria de maiores atrativos. Eliana

Nagamini afirma que o aluno tende a trocar o livro pela adaptação produzida para o cinema ou para a TV. A autora considera como um desafio da escola escolher estratégias de incentivo à leitura frente a concorrência da linguagem verbal com outras linguagens (2004, p.15).

Como nosso objetivo é utilizar o filme para incentivar a leitura do livro, não podemos cair na armadilha de “assistir ao livro” (NAGAMINI, 2004, p.15) e acreditar que o texto adaptado substitui o texto original. Assim, ao assistir à adaptação devemos compreendê-la como uma ponte para o texto original, não uma substituição. Para este objetivo, desenvolveremos atividades que abordem o processo de adaptação da linguagem escrita (literária) para a linguagem visual (cinema), pois “o desenvolvimento de atividades abordando o processo de transposição é uma das possibilidades para despertar o interesse pela obra literária e estimular momentos de discussão e descoberta do livro, no espaço escolar” (NAGAMINI, 2004, p.16).

Definido que primeiro assistiríamos ao filme, explicamos que, antes da exibição, gostaríamos que eles pesquisassem sobre o livro e seu autor: José Mauro de Vasconcelos. Por se tratar de um livro autobiográfico, conhecer um pouco da história do personagem principal ajudaria na compreensão do filme. Dirigimo-nos ao laboratório de informática para que, com a internet, eles pudessem fazer a pesquisa. Entregamos uma ficha individual contendo nome e foto do autor (apêndice C). Solicitamos que lessem primeiramente a ficha e anotassem as informações que julgassem mais relevantes, tanto em relação à obra quanto à vida do autor.

Imagem 4 – Registro da atividade realizada pelos alunos.



Fonte: Autoria de alunos participantes dessa pesquisa (2019).

Como podemos ver na produção do aluno, ele destacou as obras do autor e alguns fatos de sua biografia, como data e local de nascimento e seus primeiros anos de vida. Tais fatos são importantes para que os alunos possam associar a infância de Zezé à infância do seu autor, José Mauro, e compreender mais sobre a época em que a história se desenvolve.

4.2 PRIMEIRA ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA DO LIVRO



No segundo momento de nosso plano de intervenção, assistimos à primeira adaptação cinematográfica, intitulada **Meu pé de laranja lima** (Aurélio Teixeira, 1970). Montamos o projetor na sala de aula, com as cortinas fechadas, luzes apagadas e permitimos que os alunos pudessem ficar confortáveis, escolhendo ficar nas carteiras ou sentar-se no chão. Lembramos que a experiência da exibição do filme nos cinemas é diferente da exibição doméstica, uma vez que, feito para ser projetado na sala escura do cinema, o filme projetado ou assistido através da televisão não possui o mesmo impacto.

O filme, lançado há quase 50 anos, não passou por nenhum processo de restauração, apenas remasterização, e não possui imagem ou áudio em alta definição. Conversamos com os alunos durante a exibição, pausando algumas cenas e perguntando a eles se estavam gostando do filme, se estavam conseguindo compreender todos os diálogos e entender a história. Todos disseram que sim.

Durante a exibição, algumas cenas chamaram mais a atenção dos alunos, como a ceia de Natal, momento em que podíamos ouvir os alunos dizerem baixinho “Que triste...” ou “Tadinho...”, e a brincadeira com a cobra falsa, momento em que os alunos deram muitas risadas. Na cena em que Zezé diz que é ruim ter pai pobre e seu pai escuta, pausamos novamente e perguntamos aos alunos o que eles achavam daquela situação. A maioria respondeu que era muito ruim mesmo, principalmente porque eles não poderiam ter tudo o que eles queriam, mas que jamais diriam isso aos pais, pois entendem que nem todos tem condições financeiras para comprar presentes, roupas ou brinquedos. Eles disseram que Zezé estava errado em falar aquilo, mas compreenderam a situação porque ele estava muito chateado por ser o garoto mais pobre entre seus amigos.

Continuamos a exibição do filme até o final. Pensamos que a morte do Portuga seria uma das cenas que mais emocionariam os alunos, porém, após a cena, alguns alunos perguntaram: “Professor, ele morreu?”, revelando que a cena, ao não mostrar de forma explícita o acidente, não tinha ficado clara para todos. Logo em seguida, os alunos fizeram a atividade escrita para responder um questionário sobre o filme (apêndice D).

Imagem 5 - Modelo da atividade proposta aos alunos.

ESCOLA MUNICIPAL FREDERICO PEREIRA - LINGUAGEM PORTUGUESA																	
Professor: Ângela e Mar	Tema: Filme																
Aluno (a):																	
<p>HERBERT RICHERTS / S.A.</p> <p>Meu Pé de Laranja Lima é um filme brasileiro de 1970, do gênero drama, dirigido por Aurélio Taveira para a Herbert Richers. O roteiro do diretor e Braz Caporali adapta o best-seller autobiográfico homônimo, de José Mauro de Vasconcelos. Música de Sérgio Khingor. O filme conta a história de um menino muito pobre, de cinco anos de idade, que conversa e troca confidências com um pé de laranja lima plantado no quintal da sua casa. Foi gravado em Vasouras, município do Estado do Rio de Janeiro e fazia parte da trilogia "Ranço".</p> <p>Elenco</p> <table border="0"> <tr> <td>Júlio César Cruz ... José Mauro Vasconcelos "Zezé"</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Aurélio Taveira ... Manuel Vazoures "Portuga" (participação especial)</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Luís Carlos ... Jandira</td> <td>Rubens Abreu ... Paulo</td> </tr> <tr> <td>Monique José Leal ... Sérgio</td> <td>Maria Cláudia ... professora Cecília</td> </tr> <tr> <td>Elisa Fernandes ... Lili</td> <td>Vilma Veloso ... Lúcia</td> </tr> <tr> <td>Julio Maranhão ... Tio Edmundo</td> <td>Jorge Luiz Zuppiello ... Saboca</td> </tr> <tr> <td>Janeiro ... Gilma</td> <td>Maria Helena Lot ... Estelina</td> </tr> <tr> <td>Caetano de Paula ... Anacleto</td> <td>Luiz Viana ... Onofre</td> </tr> </table>		Júlio César Cruz ... José Mauro Vasconcelos "Zezé"		Aurélio Taveira ... Manuel Vazoures "Portuga" (participação especial)		Luís Carlos ... Jandira	Rubens Abreu ... Paulo	Monique José Leal ... Sérgio	Maria Cláudia ... professora Cecília	Elisa Fernandes ... Lili	Vilma Veloso ... Lúcia	Julio Maranhão ... Tio Edmundo	Jorge Luiz Zuppiello ... Saboca	Janeiro ... Gilma	Maria Helena Lot ... Estelina	Caetano de Paula ... Anacleto	Luiz Viana ... Onofre
Júlio César Cruz ... José Mauro Vasconcelos "Zezé"																	
Aurélio Taveira ... Manuel Vazoures "Portuga" (participação especial)																	
Luís Carlos ... Jandira	Rubens Abreu ... Paulo																
Monique José Leal ... Sérgio	Maria Cláudia ... professora Cecília																
Elisa Fernandes ... Lili	Vilma Veloso ... Lúcia																
Julio Maranhão ... Tio Edmundo	Jorge Luiz Zuppiello ... Saboca																
Janeiro ... Gilma	Maria Helena Lot ... Estelina																
Caetano de Paula ... Anacleto	Luiz Viana ... Onofre																
1. Você gostou do filme? Por quê?																	
2. O filme foi realizado em 1970, há quase 50 anos. Você já havia assistido filmes mais antigos antes? Quais? Há algo que você não gosta nos filmes mais antigos?																	
3. Qual foi a cena (ou as cenas) que mais chamaram a sua atenção? Por quê?																	
4. Observe a imagem abaixo. Você conseguiu se lembrar de qual cena ela faz parte? O que acontece neste momento?																	
5. A cena acima era uma cena triste ou feliz? Vamos revê-la? Após assisti-la novamente, há algo, além da interpretação dos atores, que nos cause a emoção desta cena?																	
6. Observe esta outra cena agora. Essa cena possui a mesma emoção da cena anterior?																	
7. Zezé tem em seu pé de laranja lima um grande amigo confidente. Qual importância esse amigo tem para ele?																	
8. Como é a relação de Zezé com a família dele?																	
9. Essa relação é parecida com a relação que você tem com a sua família? Explique.																	
10. O Portuga também é um grande amigo de Zezé. O que você achou da amizade entre os dois, principalmente após o final do filme?																	

Fonte: Autoria Própria (2019).

Na questão 1, sobre a impressão que eles tiveram sobre o filme, todos responderam que haviam gostado, principalmente por terem achado o filme engraçado e o protagonista “fofo”. Na questão 2, perguntamos se eles já haviam assistido a filmes mais antigos. Alguns responderam que não, mas a maioria respondeu que conheciam filmes mais antigos com Didi (Os Trapalhões) e Mazzaropi. Estes personagens foram muito populares entre as décadas de 60 e 90. Seus filmes, a maioria comédias, levaram multidões às salas de cinema. Provavelmente estes filmes foram apresentados para as crianças através de seus familiares.

Na questão 3, perguntamos quais cenas chamaram mais a atenção das crianças. À princípio, imaginamos que a cena da morte do Portuga seria uma das mais comentadas, contudo, como eles não conseguiram perceber durante a exibição do filme que a personagem havia morrido, a cena não apareceu entre as respostas. A morte do Portuga não é mostrada de maneira explícita no filme, apesar de haver um acidente e as personagens comentarem, não é mostrado em nenhum momento na tela o que aconteceu, apenas sendo sugerido que o carro colidiu com um trem. Este é um momento do filme que carecia de uma leitura implícita por parte dos alunos, que deveriam conectar alguns pontos mostrados na tela com o personagem do filme e a reação do protagonista, que ficou muito triste e acabou adoecendo.

Notamos nessa atividade a falta de habilidade de interpretação dos alunos, de preencher o que costumamos chamar de “lacunas” do texto. Annie Rouxel, sobre o inacabamento de uma obra literária, reflete que

“[...] somos levados a pensar que ela só pode realmente existir quando o leitor lhe empresta elementos de seu universo pessoal: elementos de cenário, paisagens, traços físicos e de caráter dos personagens, etc. Portanto, ele produz atividades de complemento ao imaginar um antes, um depois e um durante no desenvolvimento da intriga.” (2013, p.35).

Aplicando este pensamento também à leitura que fizeram da cena do filme, percebemos que eles não foram capazes de complementar as cenas mostradas com elementos próprios, de ir além daquilo que foi mostrado na tela e compreender, de fato, o que estava acontecendo naquele momento. Como são leitores iniciantes, com pouca bagagem cultural, quando iniciassem a leitura do livro necessitariam de um aporte maior para conseguir cumprir as exigências do texto. Pensamos que a adaptação, antes da leitura do livro, poderia auxiliar neste processo. De acordo com Jouve:

“As imagens mentais construídas pelo leitor a partir do texto são, em razão da incompletude estrutural da obra (o enunciador não pode descrever tudo, nem descrever completamente), necessariamente subjetivas. O modo pelo qual o leitor imagina cenário e personagens a partir de indicações, em geral um tanto vagas no texto, remete a situações e acontecimentos que vivenciou e cuja lembrança retorna espontaneamente durante a leitura”. (2013, p. 54).

Assim, acreditamos que mesmo aqueles alunos que não conheçam uma cidade interiorana do começo do século XX, ou não saibam como são os carros e as roupas usadas nessa época, irão ter maiores instrumentos para construir as imagens mentais sobre o texto, compor cenários e personagens, facilitando o processo da leitura, afinal, como crianças, talvez ainda não possuam lembranças e nem tenha vivenciado situações que lhe permitiriam completar a leitura do texto.

Durante a atividade, voltamos à algumas cenas do filme e pedimos que os alunos prestassem atenção nos elementos que compunham a cena: trilha sonora, atores, iluminação, fotografia etc. Perguntamos se eles notavam alguma diferença entre as músicas que ouviam. Alguns responderam que algumas eram tristes, outras mais alegres. Questionamos se a música alterava algo nas cenas, se eles sentiam diferença quando era alegre ou triste. Um dos alunos respondeu que a música triste dava vontade de chorar. Apesar da cópia do filme não possuir uma qualidade de imagem que revele em totalidade a fotografia e a iluminação, mostramos algumas cenas em que a fotografia mais escura (como a cena da ceia de Natal) ou mais clara (como as brincadeiras de Zezé

e Luís no quintal) compunham momentos distintos do filme, momentos de alegria e tristeza na vida dos personagens.

Desta forma, oferecemos elementos para que eles respondessem às próximas questões. Nas questões 4 e 5, solicitamos que analisassem uma cena do filme: a ceia de Natal, que é mais escura e dramática. Devido ao desemprego do pai, a família se reúne na noite de Natal apenas com biscoitos para comer. Nosso objetivo era que compreendessem que, além da interpretação dos atores (caras tristes, choro), a fotografia, a iluminação e a trilha sonora compõem e ajudam a estabelecer o tom da cena e lhe dar um sentido.

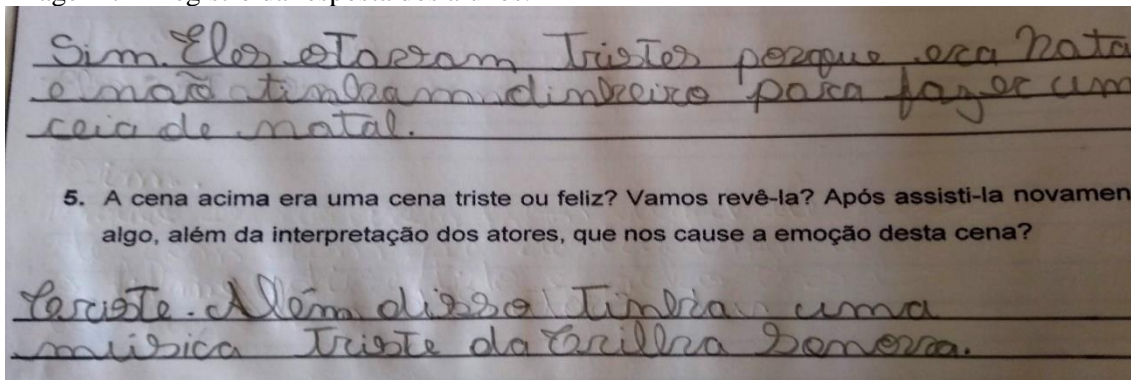
Imagem 6 – Cena analisada nas questões 4 e 5.



Fonte: Filme **Meu pé de laranja lima** (1970).

Os alunos compreenderam esses elementos e mostraram familiaridade com alguns termos, como trilha sonora, presente em uma das respostas, inserida a seguir.

Imagem 7 – Registro da resposta dos alunos.



Fonte: Autoria de um aluno participante desta pesquisa (2019).

Na questão 6, analisamos uma cena diferente do filme, mais alegre e bem humorada, em que Zezé tenta assustar quem passa em frente à sua casa com uma cobra falsa. Na cena, não há trilha sonora. Os alunos souberam destacar a diferença entre as duas cenas, compreendendo que a emoção de cada cena era distinta. Nas questões seguintes, enfatizamos a relação de Zezé com sua família, seu pé de laranja lima e sua amizade com Manuel Valadares, o Portuga. Nosso objetivo era conhecer um pouco melhor sobre os alunos e a relação deles com suas famílias para compreendermos mais adiante se a obra revelaria algo sobre eles mesmos e se haveria algum impacto em relação às suas vivências.

Imagem 8 – Registro da resposta dos alunos.

8. Como é a relação do Zezé com a família dele?
 Não muito boa.

9. Essa relação é parecida com a relação que você tem com a sua família? Explique.
 Não, porque a mãe de Zezé bate muito nele, o meu pai e minha mãe não me bate.

10. O Portuga também é um grande amigo de Zezé. O que você achou da amizade entre os dois, principalmente após o final do filme?
 Muito emocionante, vejo um carinho bem grande entre os dois e eles se preocupam um com o outro.

Fonte: Autoria de um aluno participante desta pesquisa (2019).

Os alunos relataram ter uma boa relação com suas famílias, sejam pais, mães, madrastas, padrastos ou avós, uma vez que nem todos convivem diariamente com seus ascendentes diretos. Tal fato demonstra uma mudança no comportamento entre as famílias, mesmo aquelas com condições financeiras precárias. As palmadas parecem ter sido substituídas pelo diálogo entre pais e filhos.

Contudo, a participação das famílias na vida escolar dos filhos é cada vez menor – preocupação demonstrada pelos professores nas respostas do questionário – gerando dificuldade de se estabelecer uma relação família e escola, tão importante no desenvolvimento da criança. Nas reuniões de pais, poucos familiares aparecem. Quando chamados pela escola, sempre há a justificativa de que não podem ir devido ao trabalho. Os pais não são mais tão violentos com os filhos, porém negligenciam a vida escolar, o que, para nós, pode resultar em falhas na formação educacional e social das crianças.

4.3 INÍCIO DA LEITURA

Após realizarem as atividades com a primeira adaptação cinematográfica, chegou o momento de os alunos conhecerem o livro. Adquirimos, com recursos próprios, uma unidade da edição comemorativa de 50 anos da obra para cada aluno. Para fazer a entrega, marcamos um piquenique no gramado do Museu Paleontológico de Peirópolis, em frente à escola. Cada aluno ficou responsável por levar um lanche, porém eles não sabiam que iriam receber o livro naquele momento. Propusemos um jogo de perguntas e respostas sobre o filme assistido e dissemos que aquele que acertasse mais questões receberia um prêmio.

Imagem 9 – Piquenique para entrega dos livros.



Fonte: Autoria própria (2019).

Sem dizer que a premiação seria o livro, iniciamos o nosso *quiz*. Dentro de uma lata, colocamos várias perguntas, com suas respectivas respostas, sobre o filme. Em uma mesa mais distante de onde estávamos, colocamos vários chocolates. Começamos fazendo a primeira pergunta. Ao fazer a pergunta, o aluno que soubesse a resposta deveria correr até a mesa oposta, pegar um chocolate e responder à pergunta. Se acertasse a resposta, ficava com o chocolate. Se errasse, ficava fora da rodada e teria que ler uma das perguntas para os colegas. Ao final das perguntas, aquele que tivesse mais chocolates seria o vencedor.

Imagem 10 – Exemplos de perguntas que utilizamos na gincana.

Qual o nome do autor do livro "O meu pé de Laranja Lima?"

R: José Mauro de Vasconcelos

Qual o nome do personagem principal do livro "O meu pé de Laranja Lima?"

R: Zezé

Qual o nome do amigo português no livro "O meu pé de Laranja Lima?"

R: Portuga

Fonte: Autoria própria (2019).

Após encerrar todas as perguntas, contabilizamos o número de acertos e elegemos nosso vencedor, que ganhou uma caixa de bombom. Porém, quando revelamos o verdadeiro prêmio, todos ficaram surpresos ao saber que iriam receber o livro. Entregamos um para cada aluno e fizemos uma breve apresentação da estrutura física do livro, mostrando a capa, sumário, apêndice, notas de rodapé e ilustrações. Em seguida, deixamos os alunos livres para iniciar a leitura ali mesmo no espaço externo do museu.

Imagem 11a e 11b – Leitura do livro realizada no espaço externo do museu.



Fonte: Autoria própria (2019).

Após ficarmos um tempo fazendo a leitura, retornamos para a sala de aula. Como tarefa para casa, solicitamos que realizassem a leitura do primeiro capítulo. Na aula seguinte, faríamos uma roda para continuar lendo.

Iniciamos a aula fazendo um círculo com as mesas. Perguntamos se todos haviam realizado a leitura e todos confirmaram que sim. Sentamos no meio do círculo, pedimos que abrissem o livro no primeiro capítulo e iniciamos a leitura em voz alta. Quando

mudávamos a página, perguntávamos se alguém gostaria de continuar a leitura. Àqueles que solicitaram, deixamos que a fizessem. Durante a atividade, mostramos que algumas palavras possuíam uma marcação numérica e que elas, por talvez serem desconhecidas, tinham o significado nas notas de rodapé. Explanamos sobre a importância de recorrer às notas de rodapé caso eles não soubessem o significado ou ao que se referia a palavra. Além disso, poderiam consultar no dicionário outras palavras que não conhecessem.

Após o término da leitura do capítulo, conduzimos um bate-papo sobre as primeiras impressões que tiveram sobre a obra. Os alunos elogiaram primeiramente a parte física, dizendo que o livro era muito bonito, as páginas muito bem-feitas e as cores legais. Já esperávamos essa reação por se tratar de uma edição especial. Para leitores acostumados com livros coloridos, com muitas imagens, essa edição era a ideal para não causar medo devido ao número de páginas ser um pouco extenso (273 páginas).

Perguntamos se eles conseguiram compreender a leitura que fizemos, se algo ficou confuso, se alguma parte não ficou subentendida. Todos responderam que haviam compreendido bem. Perguntamos se quando eles leram sozinhos haviam compreendido tão bem. As respostas já não foram as mesmas. Alguns relataram que ficaram meio perdidos na história, outros que não entenderam nada quando leram. Tais afirmações reforçam a necessidade da mediação na leitura realizada pelos alunos. Annie Rouxel reforça o papel do professor como mediador:

O professor coleta hipóteses de leitura, elaborações semânticas lacunares, insuficientes, às vezes errôneas, a partir das quais suscita a reflexão dos alunos e sua flexibilidade. Desse modo, ele ancora o processo interpretativo da leitura subjetiva dos alunos. (2013, p.29)

Durante esse processo de mediação, o professor precisa estar atento para necessidades interpretativas dos alunos, realizando antecipações sobre as possíveis dificuldades que eles poderão ter. Além disso, o professor também é um sujeito leitor e não deve impor sua própria leitura para os alunos, para que eles não percam sua subjetividade ao longo do processo.

Questionamos se eles realizaram a leitura em um lugar adequado, silencioso. Os alunos que não entenderam muito bem disseram que leram na escola, na sala de casa com a televisão ligada ou com fones de ouvido. Ressaltamos que a leitura precisa ser feita com concentração, em um lugar calmo, para que eles possam “mergulhar” nas aventuras do livro.

Em seguida, ressaltamos alguns pontos do capítulo lido que, por se tratar do primeiro, não traziam muitas novidades em relação ao enredo, uma vez que eles já o

conheciam pelo filme. Os alunos apontaram algumas diferenças entre o livro e o filme: primeiro, perguntaram por que, no filme, Zezé aparece andando com seu irmão mais novo e no livro ele está com seu irmão mais velho; segundo, por que, no filme, não tem a cena da mãe dele lavando roupa e cantando a canção que está presente no livro. Explicamos que por se tratarem de obras diferentes, feitas em épocas diferentes, algumas mudanças podem acontecer, mas que isso não era algo ruim, uma vez que mostrar as coisas no filme ou no livro, de certa forma, pode tornar mais fácil a compreensão da história. Neste ponto do projeto de intervenção, já nos pareceu importante que eles compreendessem que as adaptações nem sempre são fiéis à obra original e que não era preciso procurar trechos do filme no livro ou vice-versa.

Após nosso bate-papo, avisamos que tínhamos uma surpresa para eles. Entregamos para cada aluno um caderno pequeno, de capa dura e cores variadas. Todos nos olharam desconfiados. Um dos alunos, tentando adivinhar para que serviria aquele caderno, disse que eles iam ter de escrever um livro. Acalmamo-los dizendo que não era isso. Perguntamos se todos sabiam o que era um diário e todos responderam que sim. Revelamos então que eles iriam escrever um diário, porém um pouco diferente, um diário de leitura. Explicamos que eles deveriam escrever neste caderno sobre o livro que eles estavam lendo, que deveriam anotar suas impressões, escrever as partes que mais gostaram, aquilo que não entenderam ou algo que julgassem relevante para ser anotado no caderno.

Escolhemos os diários de leitura porque, de acordo com Annie Rouxel, esta é uma prática que permite aos alunos desenvolverem os saberes sobre si. Escrever um diário facilita que eles desenvolvam sua subjetividade, encontrem um espaço no qual eles não serão criticados, podem ter liberdade para se expressar e ousar a pensarem a partir de si próprios (2013, p. 22).

Contudo, eles não se mostraram muito animados em ter de escrever um diário. Perguntamos se haviam gostado das cores do caderno e não se mostraram muito satisfeitos. De improviso, e para tornar o diário mais pessoal, fomos até a biblioteca e buscamos alguns papéis coloridos (camurça, crepom, cartolinas, papel contact, tecido etc.) para que eles pudessem encapar os cadernos como quisessem, com bastante criatividade e capricho. Inserimos, a seguir, o resultado.

Imagem 12a e 12b – Customização dos cadernos para o diário de leitura.



Fonte: Autoria própria (2019).

Neste momento, reforçamos a importância de cada um escrever com frequência nos diários. Solicitamos que continuassem a leitura do livro em casa. Desta vez não solicitamos que lessem um determinado capítulo, apenas que continuassem a leitura.

4.4 HÁBITOS DE LEITURA E A ÁRVORE DOS SIGNIFICADOS

Com os livros e diários em mãos, era necessário que os alunos compreendessem a importância de manterem hábitos de leitura. Para isso, desenvolvemos uma atividade lúdica para plantarem uma muda de rosa. O objetivo era que eles associassem o cuidado que teriam com a planta – adubar, regar, podar – com a necessidade de manter hábitos de leitura. Assim como o cuidado faria a planta crescer saudável, era preciso que mantivessem uma rotina de leitura para aprimorar suas habilidades como futuros leitores.

Compramos mudas de rosas, terra preta e vasos de barro para acomodar as mudas. Inicialmente, pensamos em oferecer mudas de laranja lima, entretanto, não encontramos as sementes e as mudas possuíam um tamanho e preço muito elevado. Optamos pelas roseiras por serem, além de baratas, bonitas e delicadas. Para deixar a atividade ainda mais especial, pedimos que cada aluno customizasse o seu vaso, utilizando tintas de cores variadas. A seguir, inserimos duas fotos do processo de decoração do vaso.

Imagem 13a e 13b – Customização dos vasos.



Fonte: Autoria própria (2019).

Após serem pintados, deixamos os vasos secarem e iniciamos o plantio. Reunimos os alunos no pátio da escola e mostramos as mudas das roseiras. Perguntamos se eles sabiam quais cuidados deveríamos ter com as plantas para que elas crescessem fortes e saudáveis. Todos responderam que precisavam ser regadas, adubadas, ter a luz do sol e receber carinho. Em seguida, perguntamos se eles sabiam quais cuidados deveríamos ter para que fossemos leitores capazes de ler qualquer tipo de livro que quiséssemos. Alguns responderam que tínhamos de ler sempre, outros que deveríamos estudar para conhecer as palavras, outros que precisávamos prestar atenção nas aulas e sermos curiosos.

Para fazer a relação com as plantas, explicamos que, para sermos bons leitores, precisávamos manter o hábito de alimentar nosso vocabulário, de cuidar da leitura, assim como cuidamos das plantas. Ler diariamente e buscar novos livros, logo, novas leituras, fazem com que cada vez mais sejamos leitores capazes de compreender todas as leituras que desejarmos ou precisarmos fazer. Assim, pedimos que cada um plantasse a sua muda e que a partir daquele dia o mesmo cuidado que teriam com a rosa fosse destinado à leitura do livro, pois só assim eles cresceriam como leitores. Pedimos que toda vez que fossem regar a rosa pensassem sobre o seu hábito de leitura, ou seja, se ele também não estava precisando de cuidados. Plantamos a muda e cada um levou sua rosa para casa.

Imagem 14 – Plantio das mudas.



Fonte: Autoria própria (2019).

Semanalmente, quando nos reuníamos nas aulas, discutíamos sobre o livro e perguntávamos se eles estavam escrevendo suas impressões no diário de leitura. Realizávamos algumas perguntas sobre a narrativa para avaliar se eles estavam continuando a leitura sozinhos. Como nosso objetivo não era forçá-los a ler, mas desenvolver hábitos de leitura, buscamos criar um ambiente em que eles pudessem se expressar mais livremente. Nosso papel como mediadores da leitura era buscar neste ambiente formas de auxiliar o contato do aluno com o universo literário.

Uma das maneiras de incentivar os alunos a utilizar o dicionário durante a leitura foi a criação da árvore dos significados. Inspirados pelo livro, montamos na parede da sala uma árvore de E.V.A. Quando os alunos se deparassem com alguma palavra cujo significado não soubessem, deveriam anotá-la em uma folha ou fruto, buscar seu significado no dicionário e fixar na árvore. Assim, esperávamos que a árvore fosse crescendo à medida que a leitura fosse avançando.

Imagem 15a e 15b – Árvore dos significados.



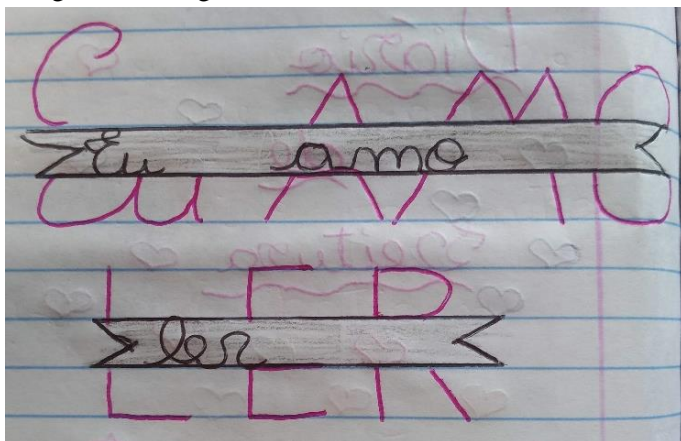
Fonte: Autoria Própria (2019).

As palavras que surgiram durante esta atividade são, em sua maioria, palavras que caíram em desuso ou expressões próprias da época, como “patife”, “zanga”, “embatucado” e “ajaezado”. Algumas palavras mais comuns, mas que não são utilizadas pelos alunos, como “sepultura”, também apareceram na árvore. Contudo, devido às notas de rodapé explicativas do livro, que continham as palavras e expressões mais difíceis, esta foi uma das atividades que menos renderam frutos. Certamente, com outra edição do livro em mãos, os alunos se deparariam com mais palavras desconhecidas.

4.5 DIÁRIOS DE LEITURA DOS ALUNOS

O diário de leitura foi um dos nossos principais “termômetros” para compreender o impacto causado pela leitura da obra literária feita pelos alunos. Eles tiveram total liberdade de se expressar nos diários, podendo escrever sobre suas emoções, suas expectativas ao ler o livro, suas dúvidas, sinalizar palavras ou expressões desconhecidas e até mesmo desenhar ou destacar trechos lidos do livro.

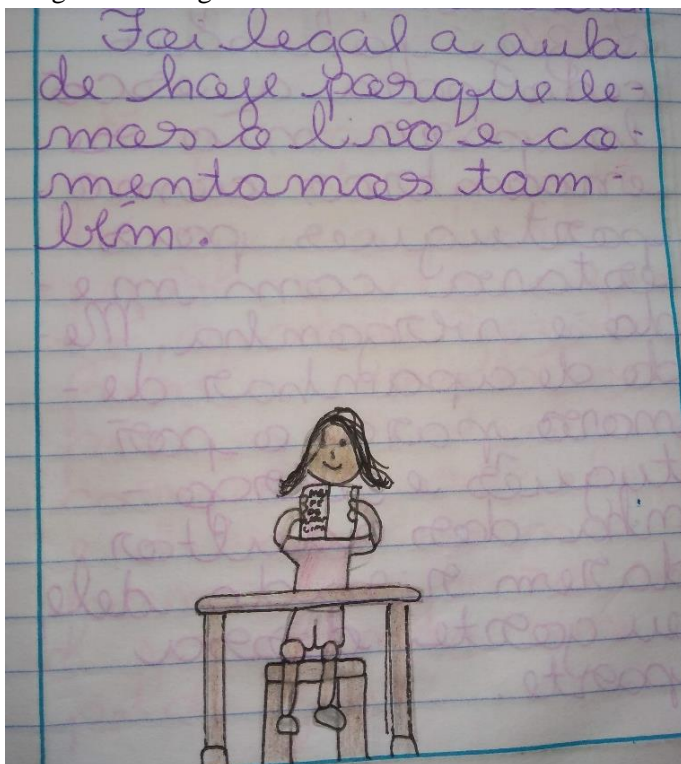
Imagem 16 – Página de um dos diários de leitura.



Fonte: autoria dos alunos participantes da pesquisa (2019).

Nos diários, podemos destacar a criatividade dos alunos. Em todos os diários analisados, encontramos vários desenhos feitos por eles, ilustrando trechos da obra ou de momentos que vivemos durante as aulas. Na imagem 17, um dos alunos escreve e faz uma ilustração sobre uma das aulas em que realizamos a leitura do livro, registrando ter gostado da aula.

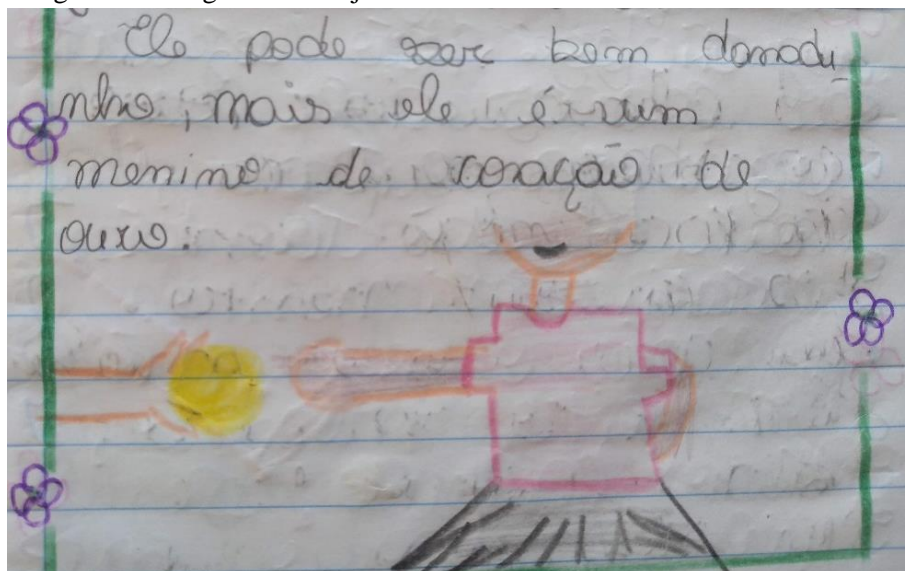
Imagem 17 – Página de um dos diários de leitura.



Fonte: autoria dos alunos participantes da pesquisa (2019).

Em outra imagem (18), um dos alunos ilustra o trecho do livro em que Zezé presenteia sua professora com uma flor e tece considerações sobre o comportamento do menino.

Imagem 18 – Registro de subjetividade nos diários de leitura.



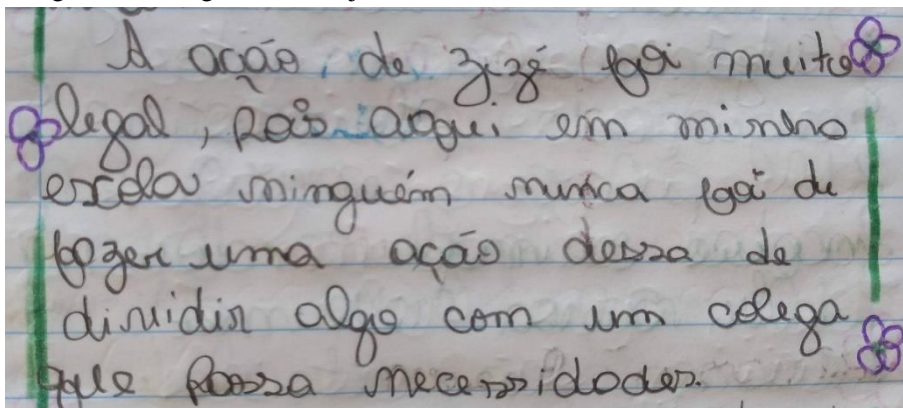
Fonte: autoria dos alunos participantes da pesquisa (2019).

Ao escrever que Zezé é danado, mas tem um coração de ouro, o aluno expressa suas impressões próprias da leitura, a sensação que ele teve acerca do comportamento e do caráter de Zezé, registrando uma leitura subjetiva de determinada parte da obra. Sobre a leitura subjetiva, Gérard Langlade (2013) faz a seguinte provocação:

Mais que a literatura, seus códigos, sua história, não deveríamos nos atentar prioritariamente para essa atividade leitora? [...] já não seria hora de acolher, até mesmo encorajar, as leituras reais dos alunos, isto é, leituras marcadas por “reações pessoais, restritas e parciais, maculadas de erros e confundidas pelo jogo múltiplo das conotações”? (2013, p.27)

Estas leituras reais, marcadas por reações pessoais, estão presentes em diversos trechos dos diários de leitura analisados. Leituras subjetivas que poderiam não ter sido verbalizadas durante as aulas ou se contassem apenas com a mediação do professor para que pudessem se expressar. Na imagem 19, demonstramos outro registro de subjetividade. Um dos alunos comenta uma das ações de Zezé, que foi a de dividir o lanche com um amigo mais pobre, e aproxima este fato de sua realidade, fazendo uma comparação entre Zezé e outros alunos da escola, uma reação pessoal marcada pela realidade de seu cotidiano.

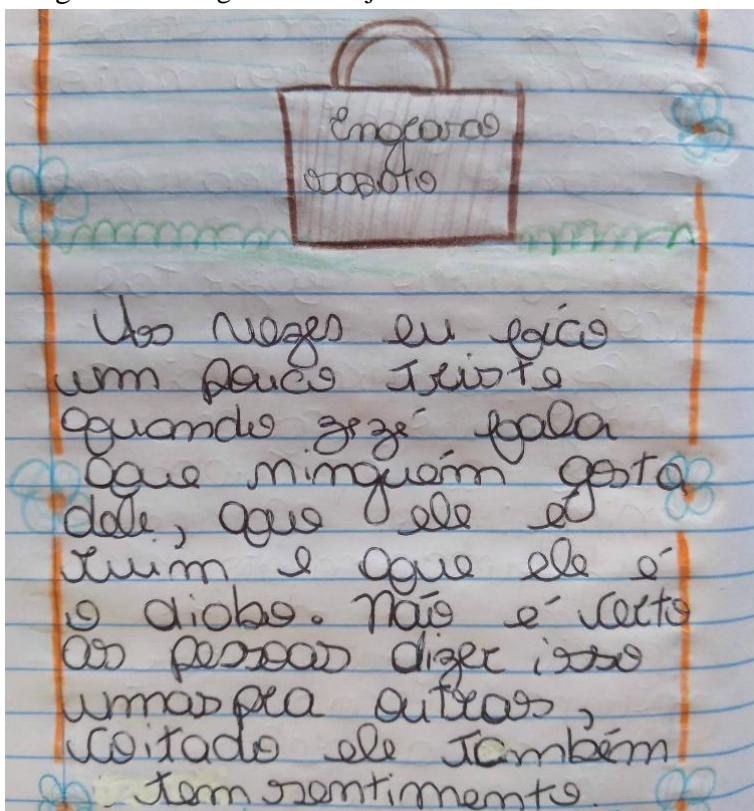
Imagem 19 – Registro de subjetividade nos diários de leitura.



Fonte: autoria dos alunos participantes da pesquisa (2019).

Diversos alunos relataram terem ficado tristes durante a leitura. Na imagem 20, observamos o relato de um aluno que se entristece pelo fato de Zezé não se sentir amado pelas outras pessoas. Percebemos, também, que a ilustração revela algo que nenhum outro aluno registrou em seu diário e que, no livro, não recebe muito destaque: o trabalho de Zezé como engraxate. No desenho da mala, a expressão “engraxe sapato” revela o trabalho de Zezé como engraxate, atividade que ele exerce com a finalidade de ganhar dinheiro para comprar um presente para seu pai.

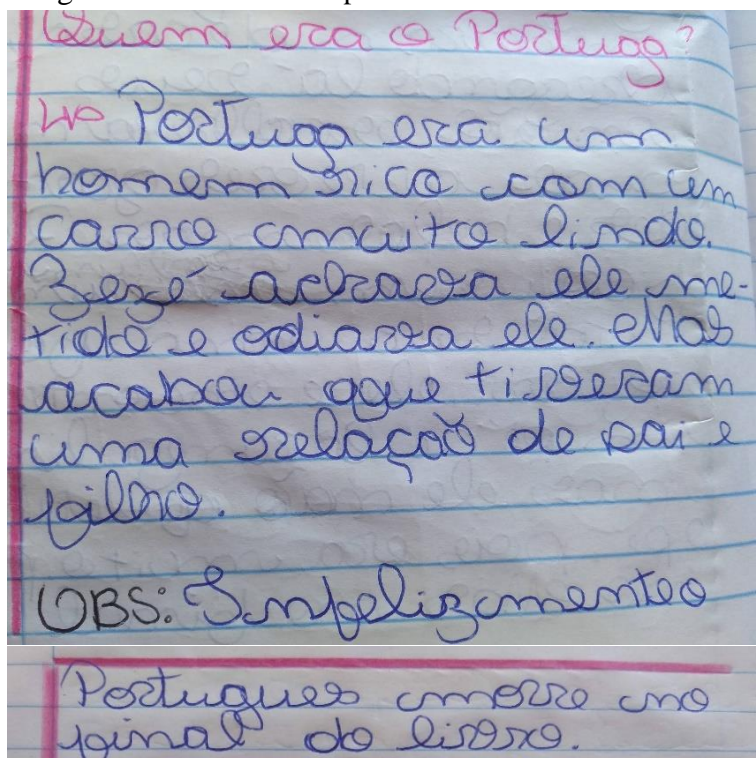
Imagem 20 – Registro de subjetividade nos diários de leitura.



Fonte: autoria de um dos participantes da pesquisa (2019).

Outro aluno utilizou o diário de forma curiosa: ele criou uma espécie de guia sobre o livro para aqueles que não conheciam a história, resumindo fatos e apresentando os personagens, não se importando com eventuais *spoilers* sobre a história (imagens 21a e 21b).

Imagem 21a e 21b – Guia para conhecer o livro.



Fonte: autoria dos alunos participantes da pesquisa (2019).

Na escrita, o aluno utiliza dois termos diferentes para se referir ao mesmo personagem (Português e Portuga), evitando a repetição de palavras em seu texto. Ao relatar a morte do personagem, ele utiliza o advérbio “infelizmente”, indicando que não gostou deste acontecimento, registrando sua subjetividade no relato. Contudo, ele antecipa o final do livro contando sobre a morte do Portuga. Odiado por uns e amado por outros, os *spoilers* podem ser um enorme estraga prazeres para aqueles que não conhecem o enredo de um livro ou filme.

Em uma sociedade cada vez mais conectada, os *spoilers* são cada vez mais frequentes, revelando uma ansiedade de contar para todos alguma informação em primeira mão. Alguns *spoilers* já fazem parte do universo *pop*, como a célebre frase “Eu sou o seu pai” de Darth Vader em um dos episódios de **Star Wars**. Entretanto, essa ânsia pode prejudicar o impacto que algumas obras podem causar em quem lê um livro ou

assiste a um filme ou uma série. Antecipar um fato faz com que a leitura seja encaminhada para aquele final já conhecido, estragando a surpresa ou o clímax da obra.

Ao ler o livro sabendo que a amizade, que vai crescendo a cada página, será interrompida bruscamente devido à morte de um dos personagens pode levar o leitor a experimentar a ternura da obra de modo mais amargo, esperando de antemão que algo ruim aconteça. Assim, a experiência individual da leitura pode ser afetada através do *spoiler*, ou até mesmo afastar um leitor da obra, já que ele pode se desinteressar por já saber o que acontece em seu final. *Spoilers*, então, só para quem gosta.

4.6 SEGUNDA ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA DO LIVRO

Após avançar na leitura do livro, chegamos ao momento de assistir a segunda adaptação, o filme **Meu pé de laranja lima**, de 2013, dirigido por Marcos Bernstein. Nosso objetivo era exibir o filme em um ambiente o mais próximo possível de uma sala de cinema, porém, devido ao horário de exibição, não conseguimos agendamento em um anfiteatro ou salão. Optamos então por exibir o filme na própria sala de aula dos alunos. Escurecemos o ambiente com cortinas, utilizamos o projetor e uma caixa de som potente, colocamos colchonetes e almofadas no chão (disponíveis na escola como material das aulas de educação física) e preparamos pipoca para os alunos.

Exibimos o filme ininterruptamente, sem pausas ou intervalo. Desta vez, os alunos pareceram mais empolgados e concentrados do que quando assistiram à adaptação anterior. Com imagem e som em alta definição, os alunos riram das travessuras de Zezé e se emocionaram com a morte do Portuga que, apesar de também não ter sido mostrada de maneira explícita, era esperada por eles por já conhecerem o enredo. Após a exibição, deixamos que fossem ao banheiro e tomassem água. Enquanto isso, arrumamos a sala e nos preparamos para um bate-papo sobre o filme.

Começamos perguntando se haviam gostado do filme, todos disseram que sim. Perguntamos quais partes eles gostaram mais, o que eles haviam observado de diferente em relação ao livro. Queríamos saber, então, qual foi a impressão que eles tiveram da adaptação. Alguns alunos, comparando a adaptação de 2013 à de 1970, apontaram a diferença entre os cenários e as locações, observando que a cidade do filme mais recente era mais bonita que a do anterior, porém a casa do Zezé parecia ser mais velha na versão mais nova, dando uma impressão de maior pobreza do protagonista. Perguntamos se

eles notaram algo em relação aos personagens, se notaram alguma mudança. Assim, eles continuaram comparando as duas adaptações e os atores de cada filme. Solicitamos então que pegassem os livros e ficassem com eles em mãos, numa tentativa de tornar mais claro nosso objetivo.

Perguntamos a eles sobre o Zezé do livro e o do filme, se havia algo de diferente entre os dois. A maioria disse que não, que os dois eram parecidos, travessos, bons alunos, gostavam da família, mas sofriam muito. Então uma aluna disse: “São diferentes porque no livro não tem o Zezé adulto”. Todos concordaram, dizendo que, no filme, aparece o Zezé mais velho e que, no livro, ele não aparece como adulto. Questionamos com essa aluna o porquê de mostrar um Zezé adulto e qual seria a intenção dos que realizaram o filme. Ela não soube responder.

Então, recordamos com eles o fato de a obra literária, escrita por José Mauro de Vasconcelos, ser baseada na própria infância do autor e que ela foi escrita quando ele já era adulto, um homem que recordava sobre a sua meninice e seus primeiros anos de vida. Diante disso, os alunos já começaram a tecer novas suposições sobre a presença de Zezé adulto no filme: para uns, era para quem assistisse saber quem era José Mauro de Vasconcelos; para outros, era para mostrar que, assim como José Mauro lembrou da sua infância para escrever o livro, o personagem adulto lembrou-se dessa mesma época de sua vida para que o filme acontecesse.

Pedimos então que alguém começasse a leitura do primeiro capítulo do livro, em voz alta, para analisarmos. Um dos alunos começou a leitura do fragmento a seguir:

Imagem 22 – Trecho extraído do *e-book*.

O descobridor das coisas

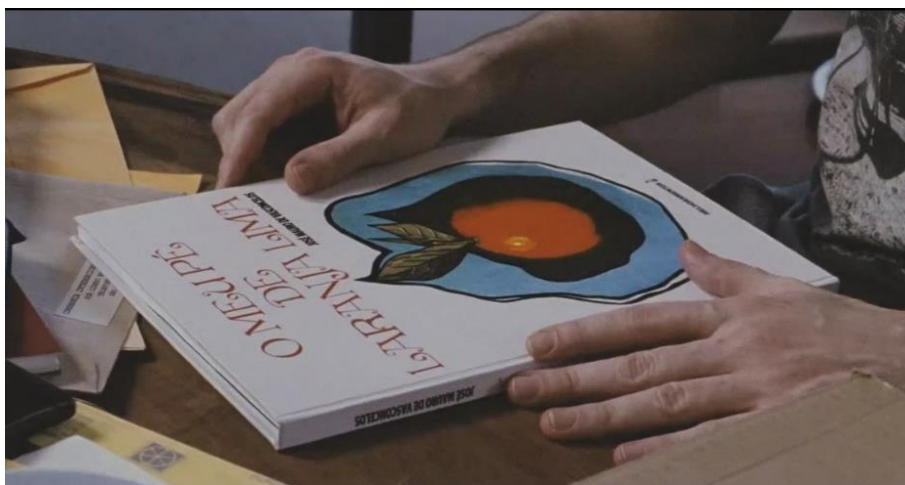
A GENTE VINHA DE MÃOS DADAS, sem pressa de nada pela rua. Tótoça vinha me ensinando a vida. E eu estava muito contente porque meu irmão mais velho estava me dando a mão e ensinando as coisas. Mas ensinando as coisas fora de casa. Porque em casa eu aprendia descobrindo sozinho e fazendo sozinho, fazia errado e fazendo errado acabava sempre tomando umas palmadas.

Fonte: *E-book O meu pé de laranja lima* (1968).

Após a leitura do trecho, perguntamos a eles se sabiam quem estava contando a história no livro. Eles responderam que era o Zezé. Questionamos como eles sabiam. Ficaram parados um tempo, olharam para o livro e continuaram pensando. Aí começaram a responder: “É porque está escrito”; “É porque o principal é o Zezé”; “Porque ele fala do irmão”; entre outras respostas. Explicamos para eles que quando escrevemos podemos contar nossa história ou a história de outra pessoa, utilizando diferentes tipos de narradores. Um aluno então disse que sabia o que era narrador observador. Aguçamos sua curiosidade com a seguinte questão: “Quem observa é observador, então, quem apenas observa participa da história?”.

Explicamos, rapidamente e sem muito aprofundamento, os dois tipos de narradores: observador e personagem. Esclarecemos que podemos descobrir qual tipo está presente na narrativa através das pistas do texto, palavras que indicam qual narrador foi utilizado. Não chegamos a explicar as pessoas verbais, pois não era nosso objetivo e não havia tempo suficiente, porém relemos o trecho e mostramos as palavras e expressões que nos auxiliavam a identificar o tipo de narrador (a gente, eu, me, meu). Identificado o narrador personagem, retornamos à cena inicial do filme, na tela projetada.

Imagem 23 – Cena do filme **Meu pé de laranja lima** (2013).



Fonte: Filme **Meu pé de laranja lima** (2013).

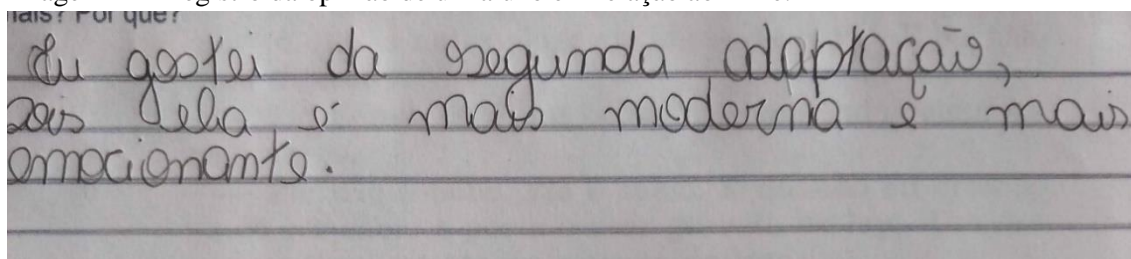
No início do filme, um personagem recebe exemplares do livro que escreveu. Logo em seguida, ele sai de carro, vai até um cemitério em uma pequena cidade, senta-se em um túmulo e começa a ter recordações de sua infância. Após a exibição das cenas, perguntamos aos alunos se poderíamos considerar o personagem do filme como narrador da história. Eles ficaram tímidos, mas sinalizaram que sim. Explicamos aos alunos que

quando uma obra criada em determinada linguagem, como o livro, é adaptada para outra linguagem, como o filme, o texto original sofre mudanças, pois nem sempre podemos utilizar dos mesmos recursos da linguagem primária.

Assim, sabemos, através das pistas do texto, qual o tipo de narrador, sob qual ótica aquela história nos será apresentada. No filme, em uma linguagem totalmente diferente, buscamos as informações em pistas diferentes, como as imagens projetadas na tela, as atuações dos personagens, o cenário e a trilha sonora. Portanto, ao ler o livro ou assistir ao filme, devemos estar atentos aos elementos que os compõem, buscando compreender o todo que eles significam. Quanto mais conhecermos sobre a escrita, mais compreensão teremos sobre aquilo que a gente lê. Da mesma forma, quanto mais compreendermos sobre a linguagem do cinema, mais fácil será compreender o filme. Na aula seguinte, nossa proposta era discutir um pouco mais sobre a linguagem cinematográfica.

Iniciamos a aula entregando para cada aluno uma cópia da atividade que elaboramos para conhecer algumas noções básicas sobre cinema (apêndice E). Na primeira parte, trouxemos uma sinopse do filme com 3 questões. Na primeira, perguntamos qual adaptação cinematográfica do livro eles mais gostaram. A maioria dos alunos respondeu que gostaram mais da segunda, destacando, principalmente, a imagem e o som. Claro que estas não são características de julgamento de uma obra cinematográfica, porém é compreensível a opinião dos alunos uma vez que estão acostumados com filmes recentes, produzidos com recursos mais modernos.

Imagem 24 –Registro da opinião de um aluno em relação ao filme.



Fonte: Autoria de um aluno participante desta pesquisa (2019).

Na segunda questão, pedimos que eles escrevessem quais mudanças entre o filme e o livro eles perceberam. Eles destacaram mudanças como a presença do Zezé adulto no segundo filme e a falta da cena, destacada no livro, que ele gostaria de ganhar uma gravata de laço para se tornar poeta. Não foi destacada nenhuma mudança que alterasse o curso da história ou mudasse a percepção que temos sobre o protagonista. Esta é uma característica importante sobre as adaptações: mesmo que algumas partes sejam incluídas

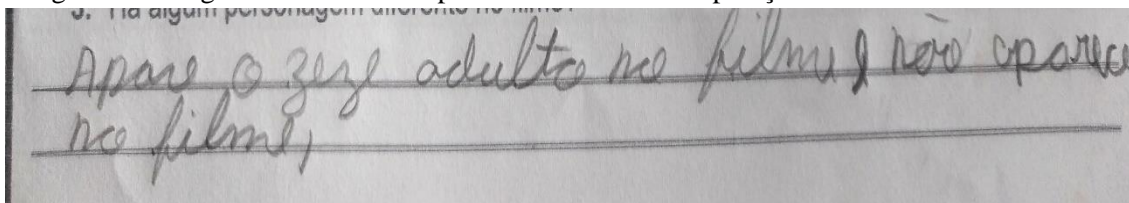
ou alteradas, consideramos importante que se preserve a essência do original. A fidelidade à obra não se sustenta como um elemento de juízo de valor, mas a essência, se mudada, pode afastar da adaptação aquele que conhece a obra original.

Alvo de muitas críticas, a adaptação tende a mudar a obra original de acordo com seu veículo (TV, cinema, quadrinhos, teatro, entre outros), seu tempo e seu público alvo. Nagamini ressalta que a adaptação pode gerar um produto novo e que esta pode ser “uma versão, uma inspiração, uma recriação, uma reatualização, um aproveitamento temático, uma referência à obra” (2004, p.36).

Portanto, falar sobre adaptação requer cuidado, pois o termo “adaptar” esconde um problema conceitual, que pode causar estranhamento àqueles que buscam a adaptação como forma de conhecer a obra original. No filme, por exemplo, não há a presença das cenas em que Zezé trabalha como engraxate para comprar um cigarro de presente para o seu pai. O que poderia ser comum em meados do século XX, crianças trabalhando e comprando cigarros, é modificado porque, de acordo com o pensamento e as leis do século XXI, uma criança de 7 anos não pode trabalhar e só é permitida a venda de cigarros para maiores de 18 anos.

Na questão 3, perguntamos se havia algum personagem no filme que não estava na adaptação. Apesar de alguns terem respondido que na adaptação aparecia o Zezé adulto (imagem 25), ele não pode ser considerado um novo personagem. Explicamos que, ao inserir o personagem em sua fase adulta, o diretor ou roteirista utiliza de um artifício para demonstrar que aquela história era autobiográfica, escrita pelo Zezé adulto, vivido no filme pelo ator Caco Ciocler.

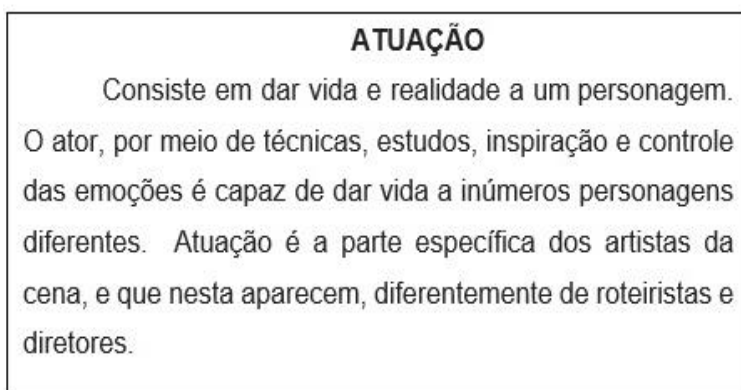
Imagem 25 – Registro da atividade aplicada referente à comparação do filme com o livro.



Fonte: Autoria de um aluno participante desta pesquisa (2019).

Após as três questões apresentamos o seguinte conceito de atuação para que eles pudessem refletir sobre o trabalho do ator:

Imagem 26 – Conceito de atuação.



Fonte: Autoria própria (2019).

Em seguida, na questão 4, perguntamos se eles haviam gostado da atuação do ator João Guilherme Ávila, que viveu o personagem Zezé. As respostas não foram unânimes. Nossa intenção era que, a partir do julgamento da atuação do ator, os alunos refletissem sobre a atuação. Após a reflexão, apresentamos um trecho do livro para que, em duplas, eles pudessem sentir na prática como é ser um ator. No trecho, em um diálogo com seu irmão, Zezé expõe algumas dúvidas sobre a vida adulta:

Imagem 27 - Trecho extraído do *e-book* do livro.

— **Tótoça.**
 — **Que é?**
 — **Idade da razão pesa?**
 — **Que besteira é essa?**
 — **Tio Edmundo quem falou. Disse que eu era “precoce” e que ia entrar logo na idade da razão. E eu não sinto diferença.**
 — **Tio Edmundo é um bôbo. Vive metendo coisas na sua cabeça.**
 — **Ele não é bôbo. Ele é sábio. E quando eu crescer quero ser sábio e poeta e usar gravata de laço. Um dia eu vou tirar retrato de gravata de laço.**
 — **Por que gravata de laço?**
 — **Por que ninguém é poeta sem gravata de laço. Quando Tio Edmundo me mostra retrato de poeta na revista, todos têm gravata de laço.**

Fonte: *E-book O meu pé de laranja lima* (1968).

Os alunos escolheram seus pares e cada par encenou o diálogo para a turma. Neste momento descontraído, foram muitas risadas e bastante agitação. Após as encenações, ponderamos para que eles entendessem que o trabalho de ator exige muita concentração e dedicação, que não é uma profissão fácil, pois os atores precisam decorar suas falas,

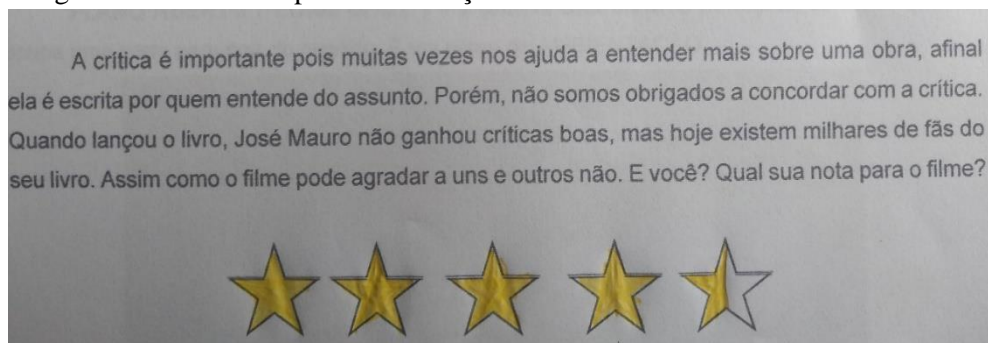
expressarem-se de acordo com a emoção da cena e ensaiar muito para que consigam desempenhar o papel. Os próprios alunos refletiram que, provavelmente, o ator João Guilherme deve ter tido muita dificuldade, já que aos 7 anos (5 anos mais novo que a maioria dos alunos da turma) estrelou um filme.

Na próxima atividade, eles tiveram de desempenhar um papel crucial para as artes em geral: o crítico. Antes da atividade, explicamos para eles que, frequentemente, todos os filmes, assim como os livros, quando são lançados, estão sujeitos à opinião do crítico, pessoa que escreve sobre a obra apresentando sua opinião sobre ela. O crítico pode ser favorável ou não à obra, o que pode influenciar as pessoas que leem sua crítica a conhecer ou não a obra avaliada por ele. Escolhemos uma crítica do filme escrita por Natália Bridi e postada no site **Omelete**, em 2013.

Realizamos a leitura coletiva da crítica. O texto traz algumas palavras e expressões técnicas que poderiam ser desconhecidas para os alunos, então, durante a leitura, explicamos o sentido de algumas palavras para que eles entendessem melhor o que a autora queria dizer. Ao final, perguntamos se eles achavam que a crítica era positiva ou negativa, se falava bem ou mal do filme. Eles ficaram divididos. Revelamos que muitos críticos, após o texto, classificavam a obra com estrelas. Quanto mais estrelas a obra tivesse, melhor ela seria, de acordo com a avaliação. Assim, pedimos que, após a leitura do texto, eles tentassem descobrir quantas estrelas a obra recebeu, entre uma e cinco estrelas, e pintassem as estrelas de acordo com suas respostas.

Após eles pintarem as estrelas, revelamos que a crítica Natália Bridi havia classificado o filme com cinco estrelas, ou seja, avaliou o filme como ótimo. Agora, eles deveriam avaliar o filme, pintando as estrelas que o filme merecia. Por parte dos alunos, o filme foi bem recebido, porém recebeu média de 4 estrelas. Encerramos a atividade, pois nosso tempo já havia se esgotado. Continuamos na aula posterior.

Imagem 28 – Atividade para classificação do filme.






Fonte: Autoria de um aluno participante desta pesquisa (2019).

Na aula seguinte, continuamos a atividade devolvendo as folhas para os alunos. Para essa aula, projetamos o filme, pois abordamos a fotografia e os planos de câmera. Utilizamos o projetor da biblioteca e os alunos sentaram nas mesas que lá estão dispostas. Recordamos que, após a exibição do primeiro filme, analisamos a fotografia das cenas, porém desta vez iríamos nos aprofundar um pouco mais em nossos estudos. Começamos a falar sobre a fotografia do filme lendo o texto presente na atividade. Em seguida, fomos mostrando algumas cenas do filme, de forma pausada, pedindo que eles observassem como aquela cena isolada tornava-se, propriamente, uma fotografia.

Como aporte teórico para estudarmos a fotografia do filme, utilizamos a obra **A linguagem cinematográfica**, de Marcel Martin (2005). Explicamos que a possibilidade de fazer filmes surgiu após as primeiras cenas com movimento serem gravadas. Tal feito era possível porque era como se a câmera tirasse várias fotos por segundo, o que resultava no movimento após serem combinadas. Após os filmes começarem a ser produzidos, as pessoas preocupavam-se cada vez mais com o que iria ser mostrado na tela, um cuidado que existe para que, ao assistir ao filme, tenhamos a sensação de estar presenciando algo grandioso. Nada na tela estava ali por acaso, tudo era calculado em detalhes para a composição da cena e da fotografia do filme.

Dando continuidade às atividades, passamos para os planos e ângulos de câmera. Nesse momento, colocamos o conceito de cada plano e ângulo com exemplos retirados do filme.

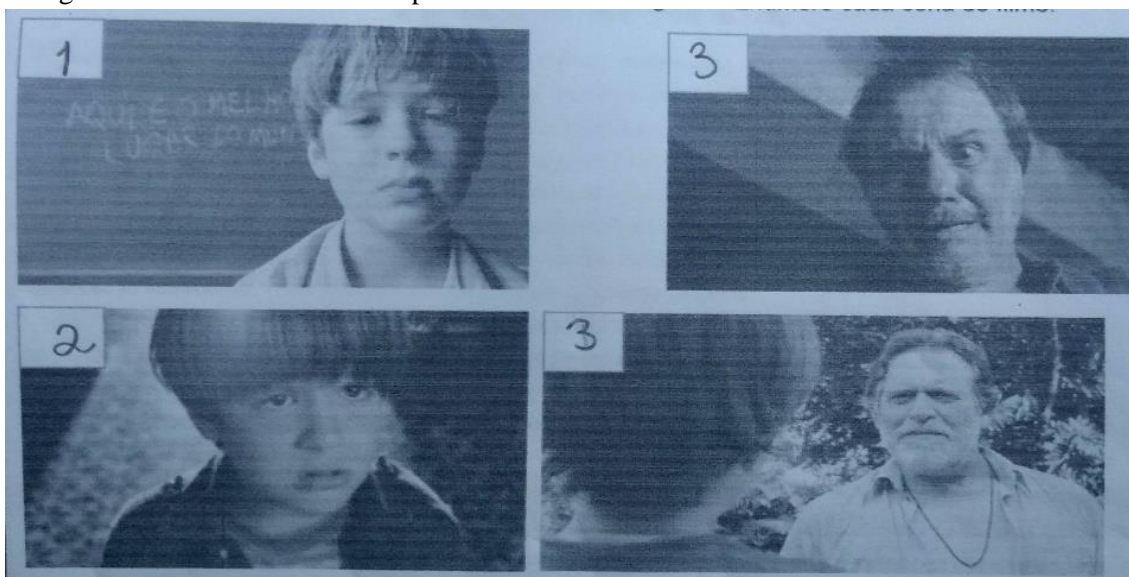
Imagem 29 – Atividade a ser realizada pelos alunos.

Planos de câmera	ÂNGULO
<p>PLANO ABERTO ("LONG SHOT") – a câmera está distante do objeto, de modo que ele ocupa uma parte pequena do cenário. É um plano de AMBIENTAÇÃO.</p>  <p>PLANO MÉDIO ("MEDIUM SHOT") – a câmera está a uma distância média do objeto, de modo que ele ocupa uma parte considerável do ambiente, mas ainda tem espaço à sua volta. É um plano de POSICIONAMENTO e MOVIMENTAÇÃO.</p>  <p>PLANO FECHADO ("CLOSE-UP") – a câmera está bem próxima do objeto, de modo que ele ocupa quase todo o cenário, sem deixar grandes espaços à sua volta. É um plano de INTIMIDADE e EXPRESSÃO.</p>	<ol style="list-style-type: none"> ÂNGULO NORMAL – quando ela está no nível dos olhos da pessoa que está sendo filmada. PLONGÉE (palavra francesa que significa "mergulho") – quando a câmera está acima do nível dos olhos, voltada para baixo. Também chamada de "câmera alta". CONTRA-PLONGÉE (com o sentido de "contra-mergulho") – quando a câmera está abaixo do nível dos olhos, voltada para cima. Também chamada de "câmera baixa". <p>Vamos testar se você consegue identificar os ângulos? Enumere cada cena do filme:</p> 

Fonte: Autoria própria (2019).

Analisamos oralmente cada plano e, em seguida, passamos algumas cenas do filme para que eles identificassem oralmente qual plano era. Os alunos não mostraram dificuldade em identificar os planos, consultando a folha para ter certeza, analisavam as imagens e respondiam corretamente. Para identificar os ângulos, os alunos analisaram as imagens da folha e enumeraram as imagens de acordo com o ângulo. Posteriormente fizemos a correção e praticamente todos os alunos acertaram os ângulos.

Imagem 30 – Atividade realizada pelos alunos.



Fonte: Autoria de um aluno participante desta pesquisa (2019).

Após a análise dos ângulos de câmera, relemos o seguinte trecho da crítica que destaca o uso dos ângulos na construção do personagem:







Bernstein traduz essa qualidade pela fotografia de Gustavo Hadba, que exalta o verde do interior de Minas Gerais, e por suas escolhas de ângulos, usando, por exemplo, o *contra-plongée* (quando a câmera filma de baixo para cima) nos momentos de repressão. O uso do plano para refletir o ponto de vista de uma criança poderia ser um clichê cinematográfico, mas aqui transmite com precisão a visão exagerada das recordações de Zezé, que não se lembra da dor sofrida, mas das expressões nos rostos de seus agressores. (BRIDI, 2013)

O uso intencional do *contra-plongée* cria essa atmosfera de repressão sofrida por Zezé, aumentando a intensidade de sua condição de criança, indefesa aos maus-tratos que sofre dos adultos e da própria vida. Para Martin, “a câmera deixou de ser uma testemunha passiva para se tornar cúmplice dos acontecimentos da tela. Passamos a ver os acontecimentos pelos olhos do herói, identificado através da câmera” (MARTIN, 2005, p.41). Recordamos visualmente algumas cenas do filme, mostrando para os alunos como o uso desse ângulo causa a impressão de estarmos vendo os adultos através dos olhos de

Zezé. Encerramos esse tópico reforçando a necessidade de estarmos atentos a tudo que acontece no filme e nos deixar envolver por todos seus elementos.

Nossa última atividade consistiu em analisar a trilha sonora do filme. Iniciamos com o conceito de trilha sonora e em seguida tocamos alguns exemplos que ficaram famosos em filmes, como **Assim falou Zaratrusta**, de Richard Strauss, para o filme **2001 – Uma odisseia no espaço**. Para tocar as músicas utilizamos o aplicativo de *streaming* de músicas *Spotify* no celular conectado a uma caixa de som. Logo após conhecer algumas músicas famosas de filmes, apresentamos o compositor da trilha sonora do filme **Meu pé de laranja lima**, Armand Amar, e falamos um pouco sobre seus outros trabalhos.

Imagem 31 – Modelo de atividade

TRILHA SONORA	
 <p>Trilha sonora é, tecnicamente falando, "todo o conjunto sonoro de um filme, incluindo, além da música, os efeitos sonoros e os diálogos." Isso também inclui peças de um programa de televisão ou de jogos eletrônicos. Pode incluir música original, criada de propósito para o filme, ou outras peças musicais, canções e excertos de obras musicais anteriores ao filme. Um filme pode popularizar uma obra musical já existente, mas menos conhecida pelo grande público.</p> <p>Vamos conhecer algumas bem famosas? 2001 - Uma Odisseia no Espaço deu uma popularidade sem precedentes ao poema sinfônico Assim falou Zaratrusta, de Richard Strauss. O filme Elvira Madigan, de Bo Widerberg, ao utilizar o concerto para piano n.º 21 de Wolfgang Amadeus Mozart, popularizou de tal forma esse tema musical que, apesar de já existir há muito, passou a ser apelidado de Elvira Madigan.</p> <p>A trilha sonora do filme <i>Meu Pé de Laranja Lima</i> foi composta por Armand Amar, compositor francês que cresceu no Marrocos. Além da trilha para este filme, ele também compôs a trilha de mais de 100 obras, entre elas os filmes <i>A fonte das mulheres</i>, <i>A menina e o leão</i> e <i>Os meninos que enganam nazistas</i>.</p> <p>Vamos ouvir um pouco da trilha sonora do filme?</p> 	<p>Agora vamos assistir a algumas cenas. Escreva o que você consegue observar entre as cenas e a trilha sonora, qual relação há entre elas:</p>  <hr/>  <hr/> 
	

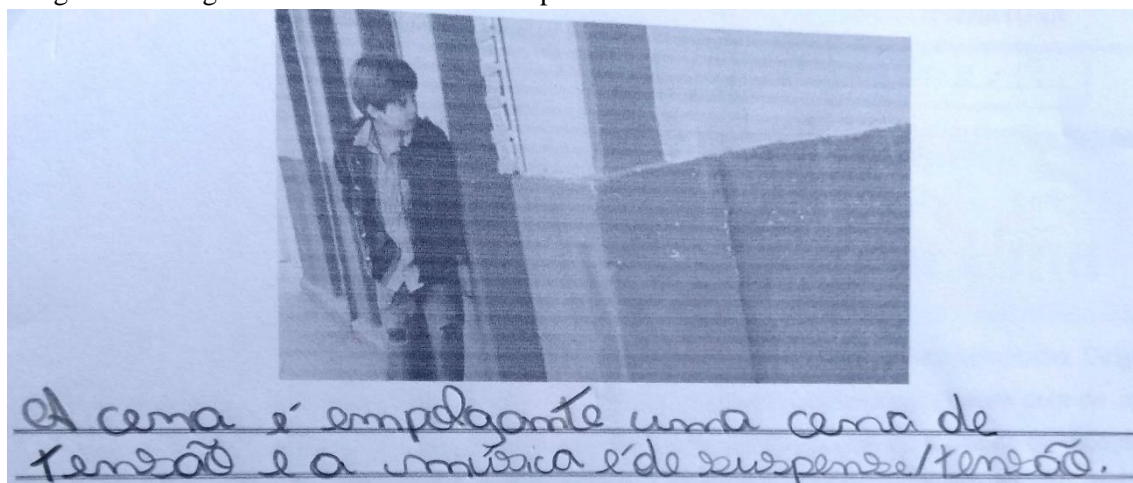
Fonte: Autoria própria (2019).

Para ouvir a trilha sonora do filme, pedimos que os alunos fechassem os olhos e se concentrassem nas melodias, no sentimento que elas transmitiam, tentando associá-las a partes do filme. Os alunos ouviram atentamente, de olhos fechados e deitados nas carteiras. Tocamos algumas músicas durante cerca de 10 minutos. Paramos a transmissão e perguntamos se eles se lembraram do filme através das músicas. Os alunos reconheceram apenas a terceira música tocada (**Riding the white horse**), que faz parte de uma sequência de sonhos de Zezé, em que ele imagina estar andando em um cavalo branco, em um lugar bonito, em uma vida melhor. Compreendemos que a beleza e a sutileza da cena tenham feito com que eles guardassem na memória a música, associando aquele momento de felicidade do filme à sua trilha sonora.

Marcel Martin afirma que a música, exercendo um papel dramático no filme, “fornece ao espectador um elemento útil para a compreensão da totalidade humana do episódio” e que, exercendo um papel lírico, ela “reforça poderosamente a importância e densidade de um momento ou de um ato, conferindo-lhe uma dimensão lírica” (2005, p. 159). A trilha sonora torna-se um poderoso elemento da linguagem cinematográfica, capaz de potencializar os acontecimentos visuais mostrados na cena.

Para compreender como a trilha sonora impacta as cenas do filme, selecionamos três momentos diferentes e pedimos que eles escrevessem qual a relação entre o momento e a trilha sonora. Na primeira cena, Zezé se esconde para conseguir subir no carro do Portuga, em uma de suas traquinagens. A música, **The Portuguese**, possui um clima de suspense e agitação, pois antecede o primeiro encontro entre Zezé e Portuga. A seguir, inserimos algumas respostas dos alunos:

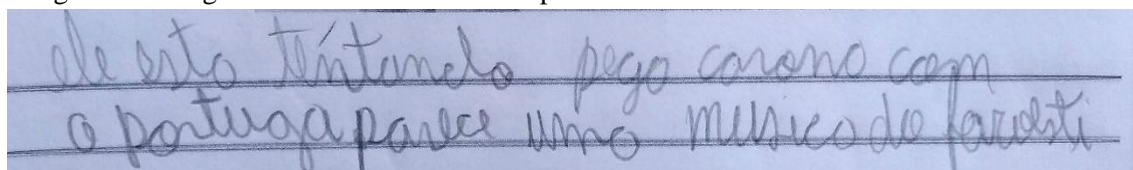
Imagem 32 – Registro da atividade realizada pelos alunos.



Fonte: Autoria de um aluno participante desta pesquisa (2019).

O aluno destaca uma das características da cena, o suspense, pois ainda não sabemos como aquela peripécia do Zezé iria terminar. Um outro aluno possui uma visão bem singular, recordando um gênero cinematográfico muito popular nos anos 50:

Imagem 33 – Registro da atividade realizada pelos alunos.

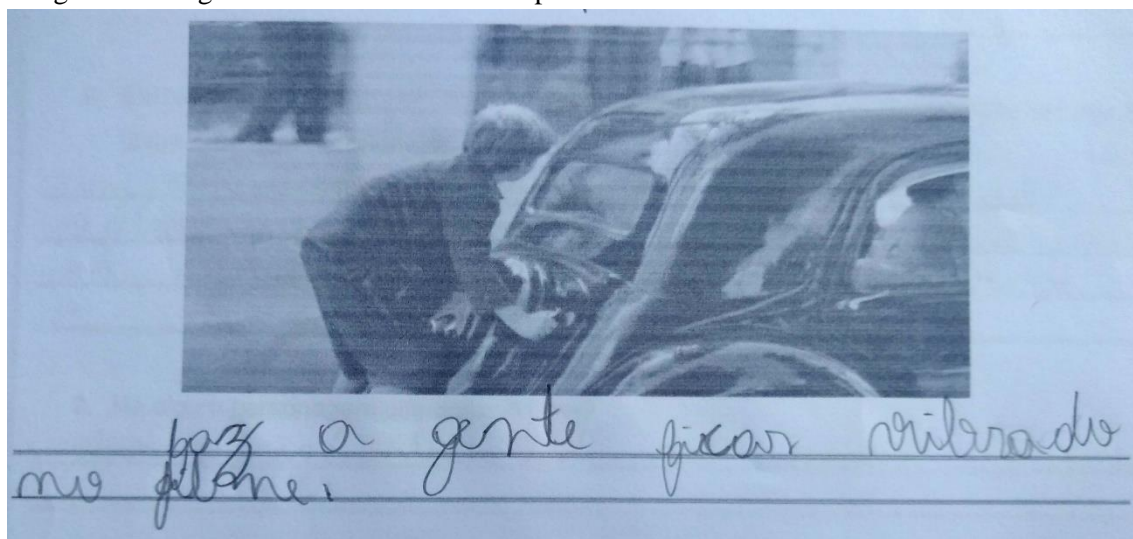


Fonte: Autoria de um aluno participante desta pesquisa (2019).

O cinema faroeste possui características próprias (o velho oeste, pistoleiros etc.), não se encaixando na estrutura do filme assistido, porém o suspense e a tensão são recorrentes no gênero, o que pode ter levado o aluno a fazer essa associação. Perguntamos a ele se conhecia filmes faroeste e ele disse que seu pai costumava assistir em casa, por isso fez a relação musical.

Na segunda cena, Zezé sente-se triste porque seu pai o ouviu dizendo que era ruim ter pai pobre e é repreendido pelo irmão mais velho. Os alunos destacaram o caráter triste da música. Na terceira cena, Zezé anda de “morcego” (como ele chama, no livro, o ato de pegar carona na parte de trás de um carro) pela cidade no carro do Portuga, mostrando para todos os amigos que conseguiu realizar o que nenhum outro havia conseguido.

Imagem 34 - Registro da atividade realizada pelos alunos.



Fonte: Autoria de um aluno participante desta pesquisa (2019).

Certamente o “ficar vibrado no filme” era uma das intenções da música, um dos poucos momentos em que Zezé pode ser uma criança que desfruta plenamente da sua infância. Através destas atividades, demonstramos para os alunos alguns conceitos básicos sobre a linguagem cinematográfica, objetivando que eles compreendam um pouco acerca da hibridez do cinema, arte que se utiliza de várias linguagens para criar a magia dos filmes. Desta forma, conhecendo a relação que estas linguagens estabelecem entre si, dentro da obra audiovisual, eles podem desfrutar os filmes de maneira mais consciente e crítica.

4.7 FINALIZAÇÃO COM O CAFÉ LITERÁRIO

Com o término da leitura do livro, finalizamos nosso projeto com a realização do II Café Literário. A primeira edição ocorreu em 2018 e surgiu a partir da ideia de alguns professores da escola. Em 2019, após a confirmação de que faríamos uma nova edição, o Café Literário entrou como uma das ações de incentivo à leitura no Projeto Político Pedagógico da escola. Os livros utilizados são adquiridos com verbas levantadas pelo Grêmio Estudantil e são escolhidos pelos alunos, que fazem uma lista de obras que julgam interessantes e tem vontade de ler. No Café, cada turma adota uma obra literária, que devem ler e apresentar criativamente para o restante da escola.

Neste ano, todas as obras escolhidas pelos alunos para apresentação no Café foram adaptadas para o cinema (**Jogos Vorazes**, **Maze Runner** e **Divergente**), o que não nos surpreendeu, pois sabemos da predileção dos alunos por esse tipo de produção. Definidas as obras, cada turma ficou responsável por decorar a sala tematicamente, de maneira que um pouco do universo literário do livro fosse conhecido pelos visitantes do evento.

Para a decoração da nossa sala, deixamos que os alunos se inspirassem no livro e soltassem sua imaginação. Com massa de biscuit, eles criaram árvores representando o pé de laranja lima do livro e um menino representando o Zezé (imagem 35a e 35b). Eles tiveram a ideia de colocar uma árvore dentro da sala de aula. Para isso, buscaram na área externa da escola um enorme galho seco. Como frutos da árvore, sugerimos que cada um fizesse um desenho sobre o livro. Colamos os desenhos em recortes de cartolina e amarramos nos galhos com barbante (imagem 36a e 36b).

Imagens 35a e 35b – Atividades com *biscuit*.



Fonte: autoria própria, 2019.

Imagens 36a e 36b –Árvore montada na sala com desenhos dos alunos.



Fonte: autoria própria, 2019.

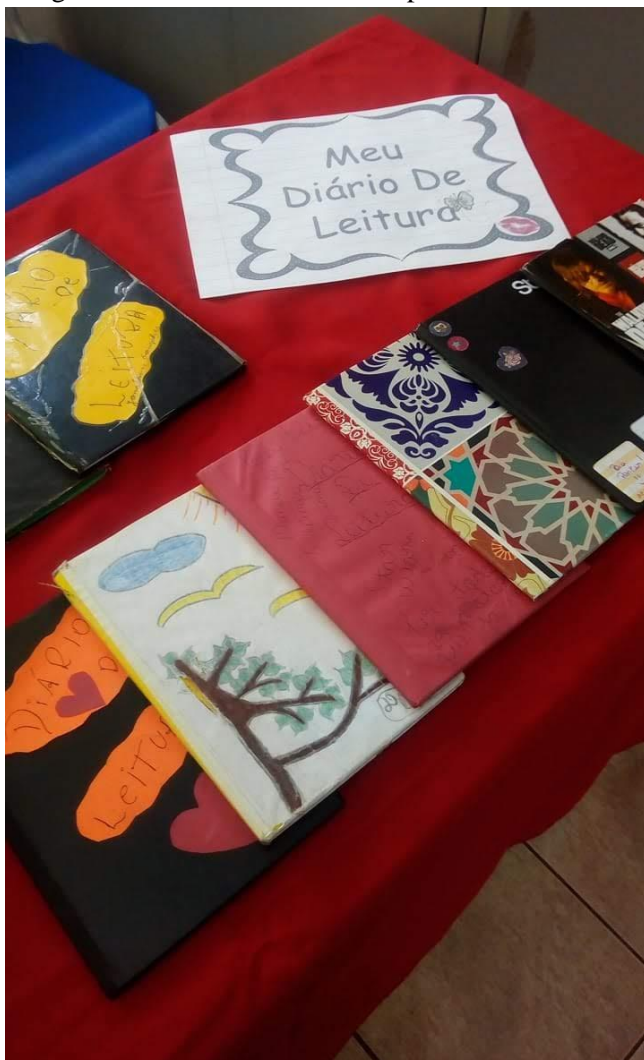
Utilizamos a impressora da escola para imprimir algumas imagens que eles retiraram da internet, além de algumas fotos que fizemos durante o projeto, para decorar as paredes, que cobrimos de tecido. Como todas as turmas estavam utilizando a impressora, imprimimos algumas imagens em uma gráfica. Para pagar a gráfica, todos os alunos contribuíram com uma pequena quantia em dinheiro, pois eles queriam que a sala ficasse bem bonita. Colocamos expostos os livros e os diários de leitura, para que os visitantes conhecessem as atividades que foram desenvolvidas. Como agradecimento às pessoas que visitaram nosso Café, produzimos ímãs de geladeira e entregamos como uma pequena lembrança aos visitantes.

Imagem 37a e 37b – Alunos durante o Café Literário.



Fonte: autoria própria (2019).

Imagem 38 – Diários de leitura expostos no Café Literário.



Fonte: autoria própria (2019).

Durante a realização do Café, todos os alunos da turma ficavam dentro da sala recebendo os visitantes, que poderiam ser funcionários da escola, os pais, outros

alunos e até mesmo a comunidade de Peirópolis. Um visitante especial chamou a atenção dos alunos. Presidente da Associação dos Amigos do Sítio Paleontológico de Peirópolis (AASPP), Beethoven Luiz Teixeira é uma figura conhecida do bairro e da escola, pois está sempre presente nos nossos eventos. Ao entrar na nossa sala, ele afirmou estar muito emocionado de saber que o livro **O meu pé de laranja lima** ainda era lido pela geração mais nova.

Beethoven contou para os alunos, que ouviram atentamente, que quando era mais novo também leu o livro e este era um de seus favoritos. Contou também que havia conhecido o autor, José Mauro de Vasconcelos, durante uma visita dele à cidade de Uberaba, nos idos de 1970. Os alunos ficaram extasiados e nós, professores da escola, também. Em um encontro de diferentes gerações, passado e presente puderam se reunir através de experiências leitoras distintas, realizadas em diferentes épocas, e um encontro entre os novos leitores e o autor da obra pareceu se fazer de forma inusitada, através das palavras de um velho leitor que anos depois pode revisitar a obra e seu encontro com o autor através do nosso Café Literário.

Após todas as visitas, nos reunimos no pátio da escola para o lanche coletivo, para realmente termos o momento do café. A diretora e a vice-diretora da escola elogiaram muito nosso trabalho. A diretora, que já havia confessado ter lido o livro quando criança e ter lembrança de chorar quando leu, se disse encantada com nosso trabalho. E foi assim, reunindo passado e presente através de uma obra literária, com novos e velhos leitores podendo se encontrar e partilhar suas experiências de leitura, que encerramos nosso II Café Literário e as atividades do plano de intervenção.

5 REFLEXÕES FINAIS

A partir do que foi exposto neste trabalho, tecemos nossas considerações finais refletindo, inicialmente, sobre a teorização apresentada e as novas diretrizes propostas pela BNCC. Apresentamos autores como Cândido, Zilberman, Colomer, Rouxel, Jouve, Perrone-Moisés, entre outros, que defendem a importância da leitura literária na formação escolar e pessoal de crianças e adolescentes. Tais autores evidenciam e validam nossa percepção sobre a importância que a leitura literária exerce na formação humana e escolar. Sobre o cinema, autores como Xavier, Martin e Napolitano nos possibilitaram pensar e desenvolver estratégias para inserir os alunos na leitura dessa arte e mostrar como alguns procedimentos estéticos, como trilha sonora, planos e ângulos, contribuem para dar sentido à obra e permitem que conheçamos um pouco da leitura proposta pelos realizadores do filme, normalmente o roteirista e o diretor.

Nossas leituras teóricas nos permitiram uma visão mais crítica sobre nossos métodos de trabalho com a leitura literária e o cinema em sala de aula, o que nos possibilitou repensar nosso *modus operandi* com essas duas linguagens e buscar novas alternativas para melhorar a qualidade das nossas aulas e possibilitar eficácia no processo de formação de leitores.

A BNCC, ao reconhecer o diálogo entre as diversas manifestações artísticas, nos possibilitou seguir a ideia que tivemos ao conhecer a lei 13.006: unir cinema e Literatura, de modo que ambas as artes pudessem se complementar e oferecer novas possibilidades de se trabalhar o texto literário na sala de aula. Contudo, reconhecemos que para a lei ser implementada, de fato, nas escolas, é imprescindível que sejam empreendidos cursos de formação dos professores, oferecendo-lhes construtos teóricos e metodológicos para que possam utilizar os filmes em suas aulas, de maneira que as produções também sejam valorizadas por suas qualidades estéticas e por sua linguagem, não se restringindo a um uso apenas atrativo para aulas mais dinâmicas, menos chatas.

Devido à implantação da BNCC, a partir do ano letivo de 2020, a rede municipal de Uberaba não terá mais a disciplina de Literatura na grade curricular do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, sendo substituída por Artes. Tal mudança não nos parece positiva, pois mais uma vez a Literatura ficará em segundo plano, como apenas um conteúdo a mais dentro da disciplina de Língua Portuguesa. O trabalho com o texto literário, agora, passará a ser contemplado apenas no campo artístico-literário de Língua Portuguesa, o que julgamos ser insuficiente devido à importância que ele exerce na formação dos

alunos, como fica comprovado pelo plano de intervenção aplicado ao longo da pesquisa desenvolvida na escola no âmbito do Profletras.

Além disso, como manifestação artística, a Literatura não faz parte do currículo de Artes dos anos finais do Ensino Fundamental proposto pela BNCC, tampouco o cinema. Assim, perdem-se oportunidades de possibilitar a leitura literária e estabelecer relações entre Literatura e outras artes, não apenas o cinema, mas também as artes visuais, as artes cênicas, a música e outras manifestações culturais. Assim, além de perder espaço como linguagem, a Literatura perde espaço, também, como arte.

Durante a execução do nosso plano de intervenção, notamos o entusiasmo dos alunos, sempre querendo saber qual novidade teriam na próxima aula, conversando entre si sobre o livro, querendo mostrar seus diários de leitura, mostrando que, realmente, a Literatura estava fazendo parte de seu cotidiano. Ao utilizarmos a adaptação cinematográfica da obra literária como recurso para efetivarmos a leitura integral do livro, percebemos que a linguagem audiovisual foi importante para que os alunos criassem modelos mentais que os auxiliaram na construção dos sentidos daquilo que era lido, aumentando consideravelmente a percepção sobre a obra.

Entretanto, apenas o uso da adaptação seria insuficiente para percorrer o trajeto que escolhemos. As estratégias de leitura utilizadas foram fundamentais para despertar o interesse pela obra, tanto pelo livro quanto pela adaptação, mostrando que a prática tradicional de ensino não é mais suficiente para uma geração que está cada vez mais ligada à tecnologia e ao audiovisual.

Após a aplicação do nosso plano de intervenção, chegamos ao término da leitura integral da obra escolhida. Poderíamos pensar que, com a finalização, nosso trabalho estivesse cumprido. Todavia, quando refletimos sobre o ideal de leitor preconizado pelos documentos oficiais e autores estudados, entendemos que para formar esse leitor crítico, capaz de ler obras mais “densas”, além dos clássicos, e que seja capaz de transitar entre as várias Literaturas, é necessário um trabalho sistematizado e constante, em todas as etapas de ensino, e que este trabalho continue, também, fora da escola.

Talvez esse leitor ideal exista apenas na teoria, talvez formar esse leitor seja tarefa impossível de ser realizada apenas pela escola. Contudo, conseguimos demonstrar que ainda há espaço para o texto literário nas aulas e que ainda há espaço para a Literatura na escola. Através da ressignificação do modo de ler e do uso de diferentes estratégias de leitura, como também de outras manifestações artísticas, o professor pode, e deve, resgatar a leitura de obras literárias integrais em suas aulas.

Quando expostos a uma nova forma de ler o livro, uma nova maneira de se conectarem com a obra literária, os alunos deixaram-se levar pela vontade de ler, de percorrer as páginas do livro de forma mais prazerosa, de forma leve, sem serem pressionados por atividades de interpretação ou que avaliassem a sua leitura.

Através da mediação do professor, sempre necessária em qualquer ciclo da Educação Básica, pudemos apresentar um universo novo aos alunos: histórias reais que se tornaram livro, livro que se tornou filme, filme que se tornou uma nova maneira de contar a mesma história. Estudando as especificidades da linguagem cinematográfica, os alunos puderam descobrir que o cinema tem uma forma própria de contar suas histórias. Nos diários de leitura, os alunos puderam partilhar suas experiências sobre a leitura do livro, o cinema e também sobre as aulas de Literatura.

A atividade do plantio das rosas cumpriu com seu objetivo por ter despertado nos alunos a importância do cultivo do hábito de leitura, ainda que as rosas não tenham sobrevivido, afinal são muito sensíveis e, apesar dos cuidados, não resistiram muito tempo. Para essa atividade, sugerimos uma espécie de planta que seja mais resistente. No entanto, o mais importante era que eles compreendessem o quão fundamental é manter hábitos de leitura para que, futuramente, se tornem leitores um pouco mais independentes.

As atividades lúdicas e artísticas puderam materializar a leitura que os alunos realizaram, transpondo o imaginário para o real, as palavras para o concreto. Ao apresentar a leitura que fizeram para a comunidade, durante o II Café Literário, os alunos puderam expressar sua leitura crítica, através de suas impressões, julgamento da obra, verbalizar tudo o que puderam apreender através da leitura que fizeram do livro. Tornaram-se, naquele momento, críticos literários do livro **O meu pé de laranja lima**.

Ao finalizar o projeto, fica evidente para nós que apenas a leitura de um livro não forma bons leitores, mas que lendo novos livros, adquirindo novas experiências de leitura, tendo acesso aos textos literários e, principalmente, textos integrais, é possível resgatar um lugar de destaque da Literatura nas escolas e ainda somar essa experiência a outras artes, como o cinema. Pode não ser possível formar um esquadrão de leitores ávidos, críticos, mas é imprescindível que sejam oferecidas oportunidades de leitura, que estes possíveis leitores não sejam privados do contato com a Literatura e a oportunidade de se (re)conhecer através da arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Milton. In NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

A mansão Foster para amigos imaginários (Temporada 1, episódio 1). Direção Craig McCracken, Craig Kellman. Produtora: Cartoon Network, 2005. 1 DVD (23 min).

ANCINE. **ANCINE divulga Informe Acompanhamento da TV aberta**. 17 de jun. de 2016. Disponível em: <https://www.ancine.gov.br/pt-br/sala-imprensa/noticias/ancine-divulga-informe-sobre-programa-o-da-tv-aberta>. Acesso em 27 dez. de 2019.

_____. Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual. **Informe Anual de Exibição**. Disponível em: <https://oca.ancine.gov.br/> Acesso em 27 de dez. de 2019.

BATISTA., João Júnior. **Os filmes mais vistos no cinema em 2019**. São Paulo, 26 de dez. de 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/veja-gente/o-ranking-dos-filmes-mais-vistos-em-2019/>. Acesso em 23 de jan. de 2020.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2008.

BERNARDET, Jean Claude. In: XAVIER, I. **A experiência do cinema: antologia**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

BRASIL. **Anuário Brasileiro da Educação Básica**. Disponível em: https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/302.pdf Acesso em 15 de jan. de 2020.

_____. **Base Nacional Curricular Comum (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC, 2017.

_____. **Lei Federal 13.006 de 23 de junho de 2014**. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113006.htm. Acesso em jun. 2018.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 2001.

BRIDI, Natália. **Meu pé de laranja lima, crítica**. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/meu-pe-de-laranja-lima-critica>. Acesso em 08 de maio de 2019.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 6ª ed. 2017.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global Editora, 2014.

COSSETTI, Melissa Cruz. **Quantos filmes tem na Netflix?** Disponível em: <https://tecnoblog.net/260370/quantos-filmes-tem-na-netflix/>. Acesso em 21 de jan. de 2020.

DADICO, Luciana. **Leitura literária, experiência e formação do indivíduo: reflexões a partir da crítica de Adorno**. Psicologia USP, vol.28, n2. São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v28n2/1678-5177-pusp-28-02-00179.pdf>. Acesso em 16 de jan. de 2019

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed. 2009.

FERREIRA, Dábila Vitor; SANTOS, Katrym Aline Bordião dos. **O Romance Autobiográfico em Meu Pé De Laranja Lima**. Travessias. Vol.10 n.02. 24ª ed. 2015

FRESQUET, Adriana. **Cinema e Educação: a lei 13.006**. Reflexões, perspectivas e propostas. Universo Produção, 2019.

FURTADO, Renato. **Vingadores: Ultimato motiva assinatura da cota de telas para filmes nacionais**. 07 de maio de 2019.m Disponível em: <http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-147921/>. Acesso em 23 de jan. de 2020.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura - vol. 1: Uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Editora 34, 1996.

JOUBE, Vincent. A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de (organizadores). **Leitura subjetiva e ensino de Literatura**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2013.

LANGLADE, Gérard. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de (organizadores). **Leitura subjetiva e ensino de Literatura**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2013.

SANCHES, Izabel. **A fotografia no cinema**. 20 de ago. de 2018. Disponível em: <https://lightroombrasil.com.br/a-fotografia-no-cinema/>. Acesso em 08 de maio de 2019.

LIMA, Souza. **O que é trilha sonora?** Disponível em: <https://souzalima.com.br/blog/o-que-e-trilha-sonora/>. Acesso em maio, 2019.

MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. Portugal: Dinalivro, 2005.

MAZURIC, Catherine. Les moi volatils des guerres perdue: a leitura, construção ou desconstrução do sujeito? In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de (organizadores). **Leitura subjetiva e ensino de Literatura**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2013.

MEU pé de laranja lima. Direção de Aurélio Teixeira. Rio de Janeiro: Herbert Richers, 1970. 1 DVD (107 min.).

MEU pé de laranja lima. Direção de Marcos Bernstein. Rio de Janeiro: Globo Filmes, Imovision, Pássaro Films, 2013. 1 DVD (97 min.).

MUNSTERBERG, Hugo. A atenção. In: XAVIER, I. **A experiência do cinema: antologia**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

NAGAMINI, Eliana. **Comunicação em diálogo com a literatura**: mediações no contexto escolar. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

_____. **Literatura, televisão e escola: estratégias para leitura de adaptações**. São Paulo: Cortez, 2004.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Literatura para todos**. *Literatura e sociedade*. São Paulo, nº 9, dez. 2006, pp. 16-29. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/19709>. Acesso em 15 de jan. de 2019.

RETRATOS da leitura no Brasil. 4.ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, mar. 2016. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf. Acesso em: jun. 2019.

ROUXEL, Annie. Autobiografia de leitor e identidade literária. In: Rouxel, Annie; Langlade, Gérard, Langlade; REZENDE, Neide Luzia de (organizadoras). **Leitura subjetiva e ensino de Literatura**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2013.

SANCHES, Izabel. **A fotografia no cinema**. 20 de ago. de 2018. Disponível em: <https://lightroombrasil.com.br/a-fotografia-no-cinema/>. Acesso em 08 de maio de 2019.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em Sala de Aula**: da teoria literária à prática escola. Anais do Evento PG Letras 30 anos Vol. I. Disponível em: <https://docplayer.com.br/277685-Literatura-em-sala-de-aula-da-teoria-literaria-a-pratica-escolar.html>. Acesso em dez. de 2018

STAM, Robert. **A Literatura Através do Cinema**: realismo, magia e a arte da adaptação. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

STYCER, Maurício. **Quais foram os filmes mais vistos na Globo em 2019?** Disponível em: <https://mauriciostycer.blogosfera.uol.com.br/2019/10/17/veja-quais-foram-os-cinco-filmes-mais-vistos-na-globo-em-2019/> Acesso em jan. de 2020

VASCONCELOS, José Mauro de. **O meu pé de laranja lima**. São Paulo: editora Melhoramentos, 2018.

_____. **O meu pé de laranja lima**. Edição histórica. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

VENTURA, Felipe. **Netflix perde filmes e dobra número de séries no país**. Disponível em: <https://tecnoblog.net/317355/netflix-perde-filmes-dobra-numero-series-catalogo-brasil-2019/>. Acesso em jan. de 2020.

XAVIER, Ismail. **A experiência do cinema**: antologia. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilme, 1983.

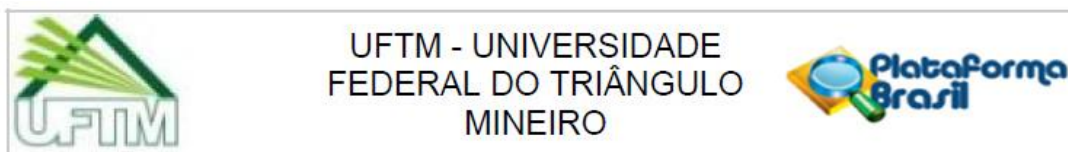
_____. **O olhar e a cena**: melodrama, Hollywood, cinema novo, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

_____. **O Discurso Cinematográfico**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. Via Atlântica, n. 14, dez. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>. Acesso em jun.2018.

_____. **A leitura e ensino da literatura**. São Paulo: Editora Contexto, 1988.

ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O livro, o filme e a lei: as adaptações cinematográficas nas aulas de Língua Portuguesa

Pesquisador: DEOLINDA DE JESUS FREIRE

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 01391018.7.0000.5154

Instituição Proponente: Pro Reitoria de Pesquisa

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.049.860

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1231301.pdf	13/11/2018 12:52:08		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	02_Projeto_CEP_UFTM_Deolinda_Maxwell_2versao.doc	13/11/2018 12:51:58	MAXWELL GREGORY DE FARIA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	06_Termo_de_Assentimento_Livre_TALE_2versao.doc	13/11/2018 12:51:51	MAXWELL GREGORY DE FARIA	Aceito
Outros	08_Autorizacao_Escola.pdf	13/10/2018 10:15:28	DEOLINDA DE JESUS FREIRE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	07_Termo_de_Consentimento_Livre_TCLE.doc	13/10/2018 10:15:11	DEOLINDA DE JESUS FREIRE	Aceito
Outros	05_Propostas_Escrita.doc	13/10/2018 10:14:41	DEOLINDA DE JESUS FREIRE	Aceito
Outros	04_QuestionarioProfessores.docx	13/10/2018 10:14:26	DEOLINDA DE JESUS FREIRE	Aceito
Outros	03_QuestionarioAlunos.docx	13/10/2018 10:14:08	DEOLINDA DE JESUS FREIRE	Aceito
Folha de Rosto	01_FolhaDeRosto.pdf	13/10/2018 10:03:06	DEOLINDA DE JESUS FREIRE	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

UBERABA, 30 de Novembro de 2018

Assinado por:
Daniel Fernando Bovolenta Ovigli
(Coordenador(a))

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



Universidade Federal do Triângulo Mineiro
SECRETARIA DO PROFLETRAS

Rua Conde Prados, 155 – Abadia – 38025-260 – Uberaba-MG – Telefone (0**34)3700-6614 – E-mail: sec.profletras@uftm.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: O livro, o filme e a lei: as adaptações cinematográficas nas aulas de Língua Portuguesa

Eu, _____, e o menor sob minha responsabilidade, voluntário a participar dessa pesquisa, lemos e/ou ouvimos o esclarecimento acima e compreendemos para que serve o estudo e a quais procedimentos a criança sob minha responsabilidade será submetido. A explicação que recebemos esclarece os riscos e benefícios do estudo. Nós entendemos que somos livres para interromper a participação dela (e) a qualquer momento, sem precisar justificar nossa decisão e que isso não afetará o atendimento que ela (e) recebe. Sei que o nome dela (e) não será divulgado, que não teremos despesas e não receberemos dinheiro para participar do estudo. Concordamos juntos que ela (e) participe do estudo *O livro, o filme e a lei: as adaptações cinematográficas nas aulas de Língua Portuguesa* e receberemos uma via assinada (e rubricada em todas as páginas) deste documento.

Uberaba,/...../.....

Assinatura do responsável legal

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do pesquisador assistente

Telefone de contato dos pesquisadores:

Deolinda de Jesus Freire (34) 99817-8432

Maxwell Gregory de Faria (34) 99201-7950

Rubrica do responsável legal	Data	Rubrica do pesquisador	Data

Este documento deverá ser emitido em duas vias, uma para o participante e outra para o pesquisador.

ANEXO C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)



Universidade Federal do Triângulo Mineiro
SECRETARIA DO PROFLETRAS

Rua Conde Prados, 155 – Abadiânia – 38025-260 – Uberaba-MG – Telefone (0**34)3700-6614 – E-mail: sec.profletras@uftm.edu.br

ASSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO

TÍTULO DA PESQUISA: O livro, o filme e a lei: as adaptações cinematográficas nas aulas de Língua Portuguesa

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e a quais procedimentos serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper a minha participação a qualquer momento, sem precisar justificar minha decisão e que isso não afetará o atendimento que estou recebendo. Sei que o meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro para participar do estudo. Concordo em participar do estudo, O livro, o filme e a lei: as adaptações cinematográficas nas aulas de Língua Portuguesa e receberei uma via assinada (e rubricada em todas as páginas) deste documento.

Uberaba, / /

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do pesquisador assistente

Telefone de contato dos pesquisadores:

Maxwell Gregory de Faria (34) 99201-7950

Deolinda de Jesus Freire (34) 99817-8432

Rubrica do participante	Data	Rubrica do pesquisador	Data

Este documento deverá ser emitido em duas vias, uma para o participante e outra para o pesquisador.

APÊNDICE A – Questionário para alunos

**QUESTIONÁRIO ALUNOS**

Você não precisa colocar o seu nome neste questionário. Sua participação é muito importante, seja sincero nas suas respostas.

Responda este questionário pintando os de acordo com as perguntas. Se tiver alguma dúvida pergunte ao professor antes de responder.

1. Indique sua idade

- 10 anos
- 12 anos
- 13 anos
- 14 anos
- Mais de 14 anos

2. Indique o grau de escolaridade da sua mãe:

- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Graduação
- Pós-Graduação

3. Indique o grau de escolaridade do seu pai:

- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Graduação
- Pós-Graduação

4. Você gosta de ler?

- Muito
- Pouco
- Só leio textos da escola
- Não gosto de ler

5. Você tem o hábito de ler?

- Muito
- Pouco
- Só leio textos da escola
- Não gosto de ler

6. Neste ano, você já leu quantos livros:

- Nenhum
- Entre 1 e 3 livros
- Entre 4 e 8 livros
- Mais de 8 livros

7. Em quais locais você costuma ler:

- Escola
- Casa
- Igreja
- Outros

Quais: _____



8. Quais tipos de livros você gosta de ler?

- História em Quadrinhos Contos Aventura Romance Terror
 Contos de Fadas Outros: _____

9. Na sua casa:

- Apenas minha mãe lê
 Apenas meu pai lê
 Meu pai e minha mãe leem
 Meus pais não leem

10. Você já foi ao cinema:

- Sim Não

11. Você costuma assistir filmes?

- Sempre Raramente Nunca, não gosto.

12. Através de quais meios você costuma assistir filmes:

- Netflix Tv a cabo (Sky, Algar, etc.) TV Aberta (Globo, Record, SBT, etc.)
 Dvds de locadora Através de sites ou downloads Dvds piratas

13. Você gosta de filmes nacionais?

1. Sim 2. Não

14. Assinale os filmes que você já assistiu:

- Menino Maluquinho Filmes da Xuxa Muita Calma Nessa Hora O Auto da Compadecida
 Filmes do Trapalhões Uma História de Amor e Fúria Filmes do Mazzaropi Tainá
 Central do Brasil Cidade de Deus Tropa de Elite O escaravelho do Diabo De Pernas Pro Ar
 Minha Mãe é uma Peça Meu pé de laranja lima Lisbela e o Prisioneiro O Coronel e o Lobisomem

15. É comum obras literárias (livros, quadrinhos, contos, etc.) serem adaptadas para o cinema. Assinale abaixo os filmes que você já assistiu:

- Shrek Menino Maluquinho Harry Potter As Crônicas de Nárnia
 Mulher Maravilha IT: a Coisa Invocação do Mal Lisbela e o Prisioneiro
 O Lar das Crianças Peculiares Maze Runner Diário de um Banana O Mágico de Oz



16. Na sua escola os professores costumam passar filmes?

Sim Não

17. Quantas vezes você assistiu filmes na escola este ano?

Nenhuma 1 vez 2 vezes 3 vezes 4 vezes 5 vezes ou mais.

18. Quando você assiste filmes na escola, eles são:

Nacionais Estrangeiros Nacionais e estrangeiros

19. Quando você assiste filmes estrangeiros na escola, eles são:

Na língua original, com legendas em Português Dublado em Português

20. Quando você assiste filmes na escola, eles servem predominantemente para:

- Ilustrar um determinado conteúdo. (Exemplo: um filme sobre a Segunda Guerra Mundial para mostrar como era essa época).
- Tratar sobre um determinado tema. (Exemplo: um filme sobre deficiência para falar sobre superação).
- Quando faltam professores.

21. Quando você assiste os filmes em aula, o professor:

- Pede um resumo sobre o filme
- Faz um debate sobre o filme
- Continua a discussão com outros textos
- Passa um questionário sobre o filme

22. Em quais destas disciplinas você já assistiu filmes?

1. Português 2. Literatura 3. Inglês 4. História 5. Geografia 6. Ciências
7. Matemática 8. Educação Física 9. Valores Humanos 10. Artes

Obrigado por suas respostas!



APÊNDICE B – Questionário para professores



QUESTIONÁRIO PROFESSORES

Professor, sua participação neste questionário é de extrema importância. Não serão coletados dados pessoais e não será feito nenhum tipo de cadastro. Suas respostas contribuirão para meu projeto de pesquisa e seu objetivo é levantar alguns dados acerca da prática pedagógica e perfil dos professores da nossa escola.

Indique sua idade

- Menos de 20 anos
 De 20 a 30 anos
 De 31 a 40 anos
 De 41 a 50 anos
 Mais de 51 anos

Indique seu grau de escolaridade

- Graduação
 Pós-Graduação – Especialização
 Pós-Graduação – Mestrado
 Pós-Graduação – Doutorado

1. Você costuma ler obras literárias (livros)?

- Sempre Raramente Nunca, não gosto.

2. No último ano, quantos livros você leu:

1. Nenhum
 2. Entre 1 e 3 livros
 3. Entre 4 e 8 livros
 4. Mais de 8 livros

3. Você costuma ir ao cinema?

- Sempre Raramente Nunca, não gosto.

4. No último ano, você foi ao cinema com qual frequência:

5. Não fui.
 6. Entre 1 e 3 vezes
 7. Entre 4 e 8 vezes
 8. Mais de 8 vezes

5. Você costuma assistir filmes?

1. Sempre Raramente Nunca, não gosto.

6. Através de quais meios você costuma assistir filmes:

1. Netflix
 2. Tv a cabo (Sky, Algar, etc.)
 3. TV Aberta (Globo, Record, SBT, etc.)
 4. Dvds de locadora
 5. Através de sites ou downloads
 6. Dvds piratas



7. Você gosta de filmes nacionais?

1. Sim 2. Não

8. Assinale os filmes que você já assistiu:

- Aquarius Vidas Secas Muita Calma Nessa Hora O Auto da Compadecida
 Quanto vale ou é por quilo? Baixo das Bestas Trabalhar Cansa Central do Brasil
 Cidade de Deus Madame Satã Olga De Pernas Pro Ar Minha Mãe é uma Peça
 O Pagador de Promessas Que horas ela volta? O Palhaço Hoje eu quero voltar sozinho

9. É comum obras literárias serem adaptadas para o cinema. Assinale abaixo os filmes que você acha que são adaptações:

- Shrek Meu Pé de Laranja Lima O Xangô de Baker Street As Crônicas de Nárnia
 Mulher Maravilha IT: a Coisa Invocação do Mal Dona Flor e Seus Dois Maridos
 Como eu era antes de você O Silêncio dos Inocentes E o vento levou... Extraordinário

10. Você conhece a lei 13.006/2014 sobre os filmes na escola?

1. Não 2. Sim Sobre o que ela trata? _____

11. Você costuma utilizar filmes em suas aulas?

1. Sempre 2. Às vezes 3. Nunca

12. Quando você utiliza os filmes, eles são:

1. Nacionais 2. Estrangeiros 3. Nacionais e estrangeiros

13. Quando você utiliza os filmes, eles servem predominantemente para:

1. Ilustrar um determinado conteúdo. (Exemplo: um filme sobre a Guerra Fria para mostrar como era essa época).
2. Tratar sobre um determinado tema. (Exemplo: um filme sobre sexualidade para falar sobre questões de gênero).
3. Como forma de descontrair as aulas.
4. Um bônus para os alunos, um descanso.



14. Quando você utiliza os filmes em aula, você:

1. Pede um resumo sobre o filme
2. Faz um debate sobre o filme
3. Continua a discussão com outros textos
4. Passa um questionário sobre o filme

15. Dentre os recursos abaixo, qual o mais utilizado por você nas suas aulas? (Marque apenas uma alternativa)

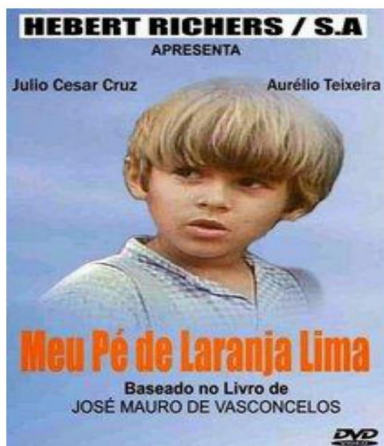
1. Livro didático
2. Textos e atividades impressas
3. Datashow e Lousa Digital
4. Computador
5. Quadro branco e pincel

16. Dentre os fatores abaixo, quais deles você acredita que são mais prejudiciais para a realização do seu trabalho? (Marque no máximo duas alternativas):

1. Indisciplina e falta de interesse dos alunos
2. Proposta curricular e engessamento das matrizes
3. Falta de apoio da direção e/ou supervisão
4. Falta de participação dos pais
5. Escassez de recursos didáticos
6. Extensa carga horária
7. Falta de remuneração e incentivo à qualificação

Obrigado pela sua participação!

APÊNDICE D – Atividade Filme 1970



Meu Pé de Laranja Lima é um filme brasileiro de 1970, do gênero drama, dirigido por Aurélio Teixeira para a Herbert Richers. O roteiro do diretor e Braz Chediak adapta o best-seller autobiográfico homônimo, de José Mauro de Vasconcelos. Música de Edino Krieger. O filme conta a história de um menino muito pobre, de cinco anos de idade, que conversa e troca confidências com um pé de laranja lima plantado no quintal da sua casa. Foi gravado em Vassouras, município do Estado do Rio de Janeiro e fala como se fosse Bangu

Elenco

Júlio César Cruz José Mauro Vasconcelos "Zezé"

Aurélio Teixeira Manuel Valadares "Portuga" (participação especial)

Leilany Chediak.... Jandira

Henrique José Leal Serginho

Elisa Fernandes Lili

Julio Hofacker...Tio Edmundo

Janet Chermont...Glória

Catulo de Paiva...Ariovaldo

Rubens Abreu...Paulo

Maria Gladys professora Cecília

Vitório Veríssimo...Luís

Jorge Luiz Trannin...Totoca

Maria Helena Lott...Estefânia

Iva West...Dindinha

1. Você gostou do filme? Por quê?

2. O filme foi realizado em 1970, há quase 50 anos. Você já havia assistido filmes mais antigos antes? Quais? Há algo que você não gosta nos filmes mais antigos?

3. Qual foi a cenas (ou as cenas) que mais chamaram a sua atenção? Por quê?

4. Observe a imagem abaixo. Você consegue se lembrar de qual cena ela faz parte? O que acontecia neste momento?



5. A cena acima era uma cena triste ou feliz? Vamos revê-la? Após assisti-la novamente, há algo, além da interpretação dos atores, que nos cause a emoção desta cena?

6. Observe esta outra cena agora. Essa cena possui a mesma emoção da cena anterior?



7. Zezé tem em seu pé de laranja lima um grande amigo confidente. Qual importância esse amigo tem para ele?

8. Como é a relação do Zezé com a família dele?

9. Essa relação é parecida com a relação que você tem com a sua família? Explique.

10. O Portuga também é um grande amigo de Zezé. O que você achou da amizade entre os dois, principalmente após o final do filme?

APÊNDICE E – Atividade Linguagem Cinematográfica



Meu Pé de Laranja Lima é um filme brasileiro de 2012, baseado no livro homônimo. Dirigido por Marcos Bernstein e José de Abreu, é a segunda adaptação cinematográfica da obra de José Mauro de Vasconcellos. A ideia de adaptar o livro surgiu em 2004, quando a pedido da produtora do filme Kátia Machado, Marcos Bernstein e Melanie Dimantas escreveram um roteiro. Posteriormente, Bernstein se ofereceu para dirigir o longa, que durante um período foi uma produção franco-brasileira até terminar como um filme exclusivamente brasileiro. Após gravações ocorridas entre 2010 e 2011 em Minas Gerais, Meu Pé de Laranja Lima foi exibido pela primeira vez em 2012, no Festival do Rio. O filme estreou nos cinemas brasileiros em 19 de abril de 2013 e recebeu críticas variadas, que destacaram a **atuação** de João Guilherme Ávila como Zezé e a **fotografia** de Gustavo Hadba.

1. Você assistiu a duas adaptações do livro O meu pé de laranja lima, qual delas você gostou mais? Por quê?

2. Em relação ao que você leu no livro, você acha que ocorreram muitas mudanças na história? Quais mudanças você percebeu?

3. Há algum personagem diferente no filme?

O texto cita que as críticas sobre o filme destacaram a atuação do ator João Guilherme Ávila, que interpretou o Zezé. Você sabe o que é atuação?

ATUAÇÃO

Consiste em dar vida e realidade a um personagem. O ator, por meio de técnicas, estudos, inspiração e controle das emoções é capaz de dar vida a inúmeros personagens diferentes. Atuação é a parte específica dos artistas da cena, e que nesta aparecem, diferentemente de roteiristas e diretores.



4. O que você achou da atuação do ator João Guilherme Ávila?

Será que atuar é algo difícil? Vamos testar! Em dupla, você e um colega irão encenar um diálogo entre Zezé e seu irmão mais velho, Totoca:

- Tótoca.
- Que é?
- Idade da razão pesa?
- Que besteira é essa?
- Tio Edmundo quem falou. Disse que eu era “precoce” e que ia entrar logo na idade da razão. E eu não sinto diferença.
- Tio Edmundo é um bôbo. Vive metendo coisas na sua cabeça.
- Ele não é bôbo. Ele é sábio. E quando eu crescer quero ser sábio e poeta e usar gravata de laço. Um dia eu vou tirar retrato de gravata de laço.
- Por que gravata de laço?
- Por que ninguém é poeta sem gravata de laço. Quando Tio Edmundo me mostra retrato de poeta na revista, todos têm gravata de laço.

Viu só? Não é nada fácil. Os atores têm que treinar e decorar suas falas, além de repetir as cenas muitas vezes para que ela saia como o diretor quer. Sem contar que ele não pode ser tímido, né!? Você se lembra de ver esta cena no filme? Como ela foi?

Meu Pé de Laranja Lima | Crítica

Clássico infanto-juvenil ganha versão autoral nas mãos de Marcos Bernstein
NATÁLIA BRIDI

18.04.2013

Resgatando as memórias da infância pobre, **José Mauro de Vasconcelos** encontrou o sucesso na vida adulta. Em 12 dias, deu corpo às quase 200 páginas de *Meu Pé de Laranja Lima* e transformou sua improvável amizade com a pequena árvore do quintal em um fenômeno editorial. Lançado em 1968, o livro, hoje umas das publicações brasileiras mais traduzidas, enfrentou a resistência da crítica por seu apelo sentimental, mas foi logo acolhido pelo público, que o incorporou ao imaginário do país.

Aurélio Teixeira foi o primeiro a levar o livro ao cinema, em 1970, mesmo ano em que a história chegava à televisão, em uma novela da TV Tupi (novas versões novelescas surgiriam em 1980 e em 1998, na Rede Bandeirantes). Ciente da ausência de Zezé e sua árvore na cultura brasileira dos anos 2000, a produtora **Kátia Machado** encomendou aos roteiristas **Marcos Bernstein** e **Melanie Dimantas** uma nova adaptação do clássico infanto-juvenil. Dez anos depois, *Meu Pé de Laranja Lima* retorna ao cinema em uma visão diferente, mais melancólica e completa, do texto de Vasconcelos.

Em seu segundo longa como diretor, Bernstein (roteirista, entre outros, de *Terra Estrangeira*, *Central do Brasil* e *O Outro Lado da Rua*, sua estreia na direção) exalta a qualidade biográfica da obra original, **colocando o autor como personagem**. É Vasconcelos (**Caco Ciocler**) que abre o filme, ao receber em casa o primeiro exemplar do livro, e dá início à narrativa que depois será conduzida pelo menino Zezé (**João Guilherme Ávila**). Em um carro antigo, segue por estradas de terra para dividir com um velho amigo sua nova conquista e as reminiscências da infância.

Enredo e imagens são então compostos como recordações. Não se trata de uma versão crua de uma infância pobre cheia de fantasias, mas da lembrança dessa infância, onde imaginação e realidade se confundem. Bernstein não se preocupa em explicar didaticamente a vida de Zezé e seus sofrimentos oriundos da pobreza e do alcoolismo do pai. O mundo do personagem se desdobra aos poucos, partindo do menino que se apresenta “*com o diabo no corpo*” em uma prece por um presente de natal para o irmãozinho. Daí segue uma realidade propositalmente anacrônica, onde convivem CD’s, celulares, carros antigos e trens, e se estabelecem as amizades que mudarão a vida do menino, com a árvore do título (que por sua aparência frágil recebe a alcunha de Minguinho) e com o antes temido Portuga (**José de Abreu**).

A visão de Zezé sobre sua própria vida é o que importa nesta nova versão de *Meu Pé de Laranja Lima*. Bernstein traduz essa qualidade pela fotografia de **Gustvo Hadba**, que exalta o verde do interior de Minas Gerais, e por suas escolhas de ângulos, usando, por exemplo, o *contra-plongée* (quando a câmera filma de baixo para cima) nos momentos de repressão. O uso do plano

para refletir o ponto de vista de uma criança poderia ser um clichê cinematográfico, mas aqui transmite com precisão a visão exagerada das recordações de Zezé, que não se lembra da dor sofrida, mas das expressões nos rostos de seus agressores. Os planos escolhidos pelo diretor também são felizes na hora de contornar as dificuldades do elenco infantil, que afasta a câmera para fugir de eventuais falhas na atuação.

Seguindo a linha das adaptações anteriores, Bernstein poderia ter facilmente transformando seu *Pé de Laranja Lima* em um melodrama comercial, servindo-se das diabruras de Zezé como alívio cômico. Seu filme, porém, supera sua condição inicial de "versão ao cinema do clássico *infanto-juvenil*" e adapta fielmente não as palavras, mas a essência do livro de Vasconcelos: as impressões de uma infância sofrida que foi salva pela imaginação.

<https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/meu-pe-de-laranja-lima-critica>

Uma crítica é um texto que emite uma opinião, julgamento de valor, sobre uma determinada obra, como filme, livro, disco, etc. Após a leitura da crítica, você acha que ela é favorável ao filme? Quantas estrelas você acha que a autora da crítica daria ao filme?



Se você pintou 5 estrelas, você acertou! A crítica avaliou o filme como Ótimo! Uma das qualidades que a crítica ressaltou foi a fidelidade ao livro, ou seja, manter a essência, o principal do livro, na história do filme. Não precisa ser tudo igualzinho, do mesmo jeito, o importante é que a gente sinta as mesmas emoções quando lemos o livro e assistimos ao filme. Por isso, quando você assistir uma adaptação, não fique procurando por determinada cena do livro ou alguma fala específica. Curta o filme! A adaptação é uma obra nova, diferente, feita por pessoas diferentes e, assim, com visões de mundo e experiências também diferentes.

A crítica é importante pois muitas vezes nos ajuda a entender mais sobre uma obra, afinal ela é escrita por quem entende do assunto. Porém, não somos obrigados a concordar com a crítica. Quando lançou o livro, José Mauro não ganhou críticas boas, mas hoje existem milhares de fãs do seu livro. Assim como o filme pode agradar a uns e outros não. E você? Qual sua nota para o filme?



O Que é a Fotografia de um Filme?

A crítica elogia bastante a fotografia do filme, mas o que é fotografia do filme? A imagem é filmada através de uma câmera, certo? Essa câmera registra 24 fotos por segundo, o que gera a imagem que nós vemos na tela. Mas será que pra fazer um filme basta apontar a câmera para um lugar e pronto? Ou será que é necessário algo a mais?

Um filme é capaz de despertar diversas sensações no espectador por meio de aspectos subjetivos que usam a linguagem cinematográfica para manipular nossa percepção de acordo com sua proposta. A fotografia exerce um papel fundamental nesse processo ao criar o clima que uma cena demanda para causar determinada reação no público.

Para funcionar harmonicamente, a fotografia deve estar alinhada a outros elementos técnicos como a direção de arte, a trilha sonora e a edição. O diretor de fotografia deve trabalhar ao lado do diretor do filme para formular os ângulos e enquadramentos de uma cena, além definir a estrutura dos planos, o tipo de luz utilizada, o enquadramento e as lentes utilizadas.

Outros aspectos importantes que cabem ao diretor de fotografia são escolher os equipamentos que serão utilizados durante as filmagens e auxiliar a equipe de edição durante a pós-produção. Isso significa que a fotografia está relacionada a todas etapas da produção de um filme, desde sua concepção à sua finalização.

O setor de fotografia num filme está ligado à detalhes como: a estrutura de planos (basicamente o ângulo de onde a câmera vê o objeto da cena), o tipo de luz utilizada, o enquadramento (como a cena é "cortada" na tela), a qualidade da imagem, o contraste, as lentes utilizadas e os mais visíveis ao espectador: os filtros, que são as cores, os tons da imagem. É fato de que as cores podem influenciar no estado de espírito da cena (drama, comédia, romance), na temperatura (calor, frio, tempo nublado) ou mesmo no tempo (aparência de cenas antigas, ou lembranças, os famosos flashbacks)

Planos de câmera

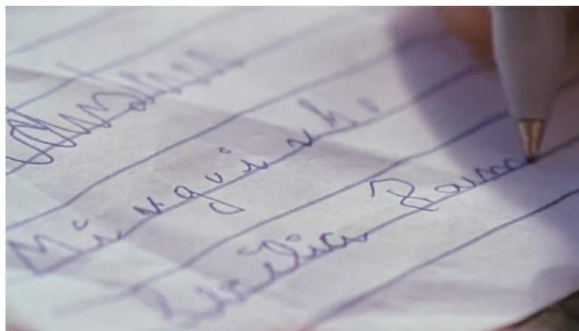
PLANO ABERTO ("LONG SHOT") – a câmera está distante do objeto, de modo que ele ocupa uma parte pequena do cenário. É um plano de AMBIENTAÇÃO.



PLANO MÉDIO (“MEDIUM SHOT”) – a câmera está a uma distância média do objeto, de modo que ele ocupa uma parte considerável do ambiente, mas ainda tem espaço à sua volta. É um plano de POSICIONAMENTO e MOVIMENTAÇÃO.



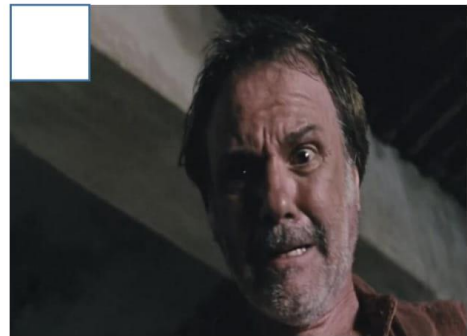
PLANO FECHADO (“CLOSE-UP”) – a câmera está bem próxima do objeto, de modo que ele ocupa quase todo o cenário, sem deixar grandes espaços à sua volta. É um plano de INTIMIDADE e EXPRESSÃO.



ÂNGULO

1. **ÂNGULO NORMAL** – quando ela está no nível dos olhos da pessoa que está sendo filmada.
2. **PLONGÉE** (palavra francesa que significa “mergulho”) – quando a câmera está acima do nível dos olhos, voltada para baixo. Também chamada de “câmera alta”.
3. **CONTRA-PLONGÉE** (com o sentido de “contra-mergulho”) – quando a câmera está abaixo do nível dos olhos, voltada para cima. Também chamada de “câmera baixa”.

Vamos testar se você consegue identificar os ângulos? Enumere cada cena do filme:



Releia essa parte da crítica:

Bernstein traduz essa qualidade pela fotografia de **Gustvo Hadba**, que exalta o verde do interior de Minas Gerais, e por suas escolhas de ângulos, usando, por exemplo, o *contra-plongée* (quando a câmera filma de baixo para cima) nos momentos de repressão. O uso do plano para refletir o ponto de vista de uma criança poderia ser um clichê cinematográfico, mas aqui transmite com precisão a visão exagerada das recordações de Zezé, que não se lembra da dor sofrida, mas das expressões nos rostos de seus agressores.

Nas cenas que você marcou como ângulo *contra-plongée*, o que estava acontecendo com o Zezé? Vamos revê-las? Anote depois que assistir novamente:

Da próxima vez que assistir a um filme, preste atenção na fotografia e tente identificar os planos e ângulos da câmera. Com o tempo você vai ficar expert nisso!

TRILHA SONORA

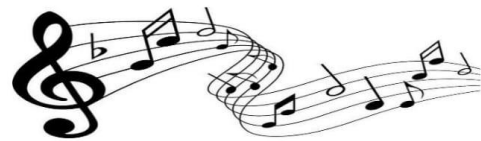


Trilha sonora é, tecnicamente falando, "todo o conjunto sonoro de um filme, incluindo, além da música, os efeitos sonoros e os diálogos." Isso também inclui peças de um programa de televisão ou de jogos eletrônicos. Pode incluir música original, criada de propósito para o filme, ou outras peças musicais, canções e excertos de obras musicais anteriores ao filme. Um filme pode popularizar uma obra musical já existente, mas menos conhecida pelo grande público.

Vamos conhecer algumas bem famosas? 2001 - Uma Odisseia no Espaço deu uma popularidade sem precedentes ao poema sinfónico Assim falou Zaratustra, de Richard Strauss. O filme Elvira Madigan, de Bo Widerberg, ao utilizar o concerto para piano n.º 21 de Wolfgang Amadeus Mozart, popularizou de tal forma esse tema musical que, apesar de já existir há muito, passou a ser apelidado de Elvira Madigan.

A trilha sonora do filme *Meu Pé de Laranja Lima* foi composta por **Armand Amar**, compositor francês que cresceu no Marrocos. Além da trilha para este filme, ele também compôs a trilha de mais de 100 obras, entre elas os filmes *A fonte das mulheres*, *A menina e o leão* e *Os meninos que enganavam nazistas*.

Vamos ouvir um pouco da trilha sonora do filme?



Agora vamos assistir a algumas cenas. Escreva o que você consegue observar entre as cenas e a trilha sonora, qual relação há entre elas:

